

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA (PROMESTRE)**

**ANDRÉA DOS REIS ESTANISLAU BUENO**

**A CANÇÃO DO CLUBE DA ESQUINA COMO RECURSO PEDAGÓGICO:  
PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA**

**Belo Horizonte**

**2020**

Andréa dos Reis Estanislau Bueno

**A CANÇÃO DO CLUBE DA ESQUINA COMO RECURSO PEDAGÓGICO:  
PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação no Mestrado Profissional Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação e Docência.

Orientadora: Professora Dra. Silvania Sousa do Nascimento

Coorientador: Professor Dr. Luiz Henrique de Assis Garcia

Belo Horizonte

2020

**A CANÇÃO DO CLUBE DA ESQUINA COMO RECURSO PEDAGÓGICO:  
PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA**

**Andréa dos Reis Estanislau Bueno**

**Aprovada em 17/02/2020**

---

**Professora Dra. Sylvania Sousa do Nascimento (UFMG)**

---

**Professor Dr. Luiz Henrique de Assis Garcia (UFMG)**

---

**Professora Dra. Miriam Hermeto de Sá Motta (UFMG)**

---

**Professora Dra. Lúcia Pompeu de Freitas Campos (UEMG)**

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores da UFMG, pela dedicação e empenho que trouxeram novos conhecimentos e a possibilidade para a realização desse trabalho.

Aos meus orientadores Silvania Sousa do Nascimento e Luiz Henrique de Assis Garcia pelos ensinamentos que me possibilitaram um novo olhar para a música popular brasileira, para o patrimônio cultural e para a memória.

Ao Espaço do Conhecimento da UFMG por disponibilizar todos os recursos necessários para a realização do curso de extensão, objeto dessa pesquisa.

Às professoras Miriam Hermeto e Lúcia Campos, que compuseram a banca, pelas contribuições para esse trabalho.

Aos colegas pelas trocas, apoio e parceria no percurso dessa caminhada.

À UEMG e a UFMG por serem instituições comprometidas com o ensino público de qualidade.

Ao Clube da Esquina por fazer uma verdadeira revolução em minha vida.

## **RESUMO**

Escolas e Museus são instituições responsáveis pelo estímulo à valorização e preservação da memória social permitindo o acesso aos nossos bens culturais e patrimoniais. O objetivo deste trabalho é levar o Patrimônio Cultural para as escolas, a partir de um curso de extensão, que visa preparar professores para serem agentes culturais e patrimoniais, utilizando a música popular brasileira como instrumento didático de ações educativas. Nossa proposta é possibilitar a Educação Patrimonial na sala de aula a partir das canções do Clube da Esquina, grupo de músicos mineiros liderados por Milton Nascimento cuja trajetória se mistura a lugares e momentos históricos da cidade de Belo Horizonte. Esse processo visa a identificação e valorização de bens culturais por meio de estímulos afetivos, o desenvolvimento do sentido de pertencimento e a oferta de novas situações de aprendizagens, além de fortalecer os vínculos com o Patrimônio e contribuir com a formação de identidade e memória cultural. O recurso educacional resultante desse trabalho é um curso de Extensão Universitária que promove a Educação Patrimonial tendo como fio condutor as canções do Clube da Esquina.

Palavras-Chave: Educação Patrimonial; Clube da Esquina.

## **ABSTRACT**

Schools and Museums are the institutions responsible for stimulating the enhancement and preservation of social memory by allowing access to our cultural and heritage assets. The aim of this work is to bring Cultural Heritage to schools, from an extension course, which aims to prepare teachers to be cultural and heritage agents, using Brazilian popular music as a didactic instrument in educational actions. Our proposal is to enable Heritage Education in the classroom from the songs of Clube da Esquina, a group of musicians from Minas Gerais led by Milton Nascimento whose trajectory blends with historical places and moments in the city of Belo Horizonte. This process aims at identifying and valuing cultural goods through affective stimulation, developing a sense of belonging and offering new learning situations, as well as strengthening ties with Heritage and contributing to the formation of cultural identity and memory. The educational resource resulting from this work is a University Extension course that promotes Heritage Education on the basis of Clube da Esquina songs.

**Keywords:** Heritage Education; Clube da Esquina.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Edifício Levy- Belo Horizonte/MG .....	11
Figura 2 - Milton Nascimento e Fernando Brant .....	13
Figura 3 – Capa álbum Clube da Esquina, 1972 .....	14
Figura 4 - Capa álbum Clube da Esquina 2, 1978 .....	15
Figura 5 – Artistas do Clube da Esquina .....	16
Figura 6 - Chico Buarque e MPB4 .....	21
Figura 7 - Placa Museu Clube da Esquina .....	30
Figura 8 - Material de divulgação do curso de outubro/2019 .....	45
Figura 9 - Material de divulgação do curso de novembro/2019 .....	45
Figura 10 - Participante no curso .....	56
Figura 11 - Praça Sete de Setembro .....	57
Figura 12 – Página do <i>Guia de Belo Horizonte</i> .....	58
Figura 13 - Montagem de quebra cabeças .....	59
Figura 14 - Apresentação do álbum Clube da Esquina (1972) .....	60
Figura 15 - Clara Ernest e Túlio Dayrell cantando .....	63
Figura 16 - Clara Ernest e Túlio Dayrell cantando .....	65
Figura 17- Bancada e painel .....	65
Figura 18 - Participante no curso outubro/2019) .....	66
Figura 19 - Participante no curso novembro/2019) .....	66
Figura 20 - Atividade desenvolvida pelos participantes .....	67
Figura 21 - Atividade desenvolvida pelos participantes .....	70
Figura 22 - Atividade desenvolvida pelos participantes .....	71

Figura 23 - Atividade desenvolvida pelos participantes .....	72
Figura 24 - Atividade desenvolvida pelos participantes .....	73
Figura 25 - Atividade desenvolvida pelos participantes .....	75
Figura 26 - Apresentação das atividades desenvolvidas .....	76
Figura 27 - Apresentação das atividades desenvolvidas .....	76
Figura 28 - Turma 19/outubro/2019 .....	85
Figura 29 - Turma 26/outubro/2019 .....	85
Figura 30 - Turma 23/novembro/2019 .....	86
Figura 31 - Turma 30/novembro/2019 .....	86

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Total de participantes do curso .....	44
Gráfico 2 – Gênero .....	48
Gráfico 3 – Atuação profissional .....	49
Gráfico 4 – Escola que leciona .....	49
Gráfico 5 – Disciplina que leciona .....	50
Gráfico 6 – Conhecimento prévio sobre o tema do curso .....	50
Gráfico 7 – Já falou sobre patrimônio em sua disciplina? .....	51
Gráfico 8 – Acha importante o ensino de Educação Patrimonial nas escolas? .....	51
Gráfico 9 – Conhece os patrimônios de Belo Horizonte? .....	52
Gráfico 10 - Patrimônio que conhece .....	52
Gráfico 11 – Conhece o Clube da Esquina? .....	53
Gráfico 12 – Artistas do Clube da Esquina que conhece .....	53



Gráfico 13 – Ouve música sempre? .....	54
Gráfico 14 - Estilo de música que ouve .....	54
Gráfico 15 – Já utilizou música em suas aulas? .....	55
Gráfico 16 – Participação nos módulos do curso .....	78
Gráfico 17 – Você tinha conhecimento sobre Patrimônio Cultural? .....	78
Gráfico 18 – O curso ampliou seu conhecimento sobre Patrimônio Cultural? .....	79
Gráfico 19 – Já havia participado de curso com abordagem patrimônio/música? .....	79
Gráfico 20 – O curso ampliou seu conhecimento sobre o Clube da Esquina .....	80
Gráfico 21 – Depois do 1º encontro você ouviu/pesquisou Clube da Esquina? .....	80
Gráfico 22 – Depois do 1º encontro você pesquisou Patrimônio Cultural? .....	81
Gráfico 23 – Depois do 1º encontro você pesquisou a história de Belo Horizonte? ....	81
Gráfico 24 – Sobre a metodologia do curso .....	82
Gráfico 25 – É viável levar as atividades desenvolvidas para sala de aula? .....	82
Gráfico 26 – Indicaria o curso para outras pessoas? .....	83

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Percepção do Patrimônio Cultural .....	26
Quadro 2 – Escola e os <i>Lugares de Memória</i> .....	32
Quadro 3 – Educação Patrimonial nas Escolas .....	33

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVEATURAS**

ABPD - Associação Brasileira de Produtores de Discos

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CD - Compact Disc

ICOM - Conselho Internacional de Museus

CP UFMG - Centro Pedagógico Da UFMG

EC UFMG - Espaço do Conhecimento da Universidade Federal de Minas Gerais

FLADEM - Fórum Latino-Americano de Educação Musical

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras

GTD - Grupo de Trabalho Diferenciado

IEPHA - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LDBEN - Lei de Diretrizes d Base da Educação Nacional

LP - Long Play

MPB - Música Popular Brasileira

MCE - Museu Clube da Esquina

P - Comentários dos Participantes

P1 - Formulário Perfil Do Aluno

P2 - Formulário Avaliação Do Curso

PNEXT - Plano Nacional de Extensão Universitária

PPS - Processos Psicológicos Superiores

PROMESTRE - Mestrado Profissional Em Educação e Docência

UEMG - Universidade Estadual de Minas Gerais

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UBC - União Brasileira De Compositores

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>2. ORIGEM E PROBLEMA DA PESQUISA.....</b>	<b>5</b>
<b>3. OBJETIVOS.....</b>	<b>ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>
<b>3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS: .....</b>	<b>ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>
<b>4. PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>8</b>
<b>4.1 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>10</b>
<b>4.2 O CLUBE DA ESQUINA E A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA.....</b>	<b>12</b>
<b>4.3 PATRIMÔNIO CULTURAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL .....</b>	<b>24</b>
<b>4.4 A MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO .....</b>	<b>36</b>
<b>5. O RECURSO EDUCATIVO DESENVOLVIDO NA PESQUISA .....</b>	<b>43</b>
<b>5.1 COLETA DE DADOS – MÓDULO I.....</b>	<b>48</b>
<b>5.2 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS .....</b>	<b>55</b>
<b>5.3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS PARTICIPANTES .....</b>	<b>67</b>
<b>5.4 COLETA DE DADOS - MÓDULO II.....</b>	<b>78</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>88</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>90</b>
<b>8. ANEXOS.....</b>	<b>988</b>

## 1. INTRODUÇÃO

**“Certa emoção me alcança  
Certas canções me chegam  
Como se fosse o amor”  
(Milton Nascimento e Tunai)**

A paixão pela música levou-me, na década de 1980, à descoberta do Clube da Esquina<sup>1</sup>, formação cultural que surgiu em Belo Horizonte, na década de 1960, liderada pelo cantor e compositor Milton Nascimento. Para o historiador Garcia<sup>2</sup> (2000), “a conjunção de afinidades intelectuais e sociais produzidas” em torno desta formação cultural, “em sua própria definição, em sua forma de organização interna, nas práticas dos músicos que o integram”, o Clube da Esquina “propôs rupturas em relação às maneiras disponíveis de articular socialmente a produção cultural”. Mais adiante retornaremos ao tema Clube da Esquina.

Desde o meu projeto de conclusão de curso na Escola de Design da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), em 2001, venho me interessando pela memória cultural. Meu projeto de graduação deu origem ao livro *Coração Americano*, organizado por mim e lançado em dezembro de 2008, tendo como tema o álbum *Clube da Esquina*, de Milton Nascimento e Lô Borges (EMI- Odeon, 1972). O álbum Clube da Esquina é um marco na carreira do Clube da Esquina, pois além de Milton Nascimento e Lô Borges, evidenciou o talento de artistas como Beto Guedes, Toninho Horta, Wagner Tiso, Tavito, Nelson Angelo e dos compositores Fernando Brant, Márcio Borges e Ronaldo Bastos, entre outros.

A produção musical do Clube da Esquina tem grande relação com a cidade de Belo Horizonte, onde a trajetória dos artistas mineiros se misturam com lugares e momentos históricos da capital mineira. Foi em Belo Horizonte na década de 1960 que os artistas do Clube se conheceram, tornaram-se amigos e deram início a uma produção musical das mais significativas da música popular brasileira.

---

<sup>1</sup> A expressão Clube da Esquina refere-se ao grupo de compositores, sobretudo cancionistas, na sua maioria mineiros, e instrumentistas que produziram um vasto repertório musical, principalmente na década de 1970. Esse grupo foi ligados por afinidades musicais e poéticas e tiveram a cidade de Belo Horizonte/MG como local de formação inicial, encontros e fomentação da criatividade. (Nunes, 2005).

<sup>2</sup> GARCIA, Luiz. Coisas que ficaram muito tempo por dizer. O Clube da Esquina como formação cultural. UFMG 2000.

## 2. ORIGEM E PROBLEMA DA PESQUISA

Meu interesse pela temática proposta neste estudo teve início em 2016 quando fui convidada a participar das reuniões de trabalho do Centro de Referência da Música de Minas/Museu Clube da Esquina (UFMG) para concepção da exposição *Canção Amiga – Clube da Esquina*<sup>3</sup>, onde conheci as professoras Soraia Dutra (Centro Pedagógico) e Carla Coscarelli (Faculdade de Letras da UFMG). A partir desse contato, surgiu o convite para atuar como professora voluntária no Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD), com a temática *A música do Clube da Esquina*, no Centro Pedagógico da UFMG, de agosto a dezembro de 2016.

Nos meses de agosto a dezembro de 2016, período em que atuei como professora voluntária no Centro Pedagógico da UFMG (alunos na faixa etária entre 11 e 13 anos), foram desenvolvidas algumas atividades que apresentavam aos alunos a riqueza, tanto das sonoridades quanto das letras das músicas compostas pelos artistas do Clube da Esquina, além de sua contextualização histórica. Nesse período, percebi o envolvimento dos alunos, o interesse e a sensibilização por sonoridades diferentes daquelas com as quais estavam acostumados.

Essa experiência convenceu-me da importância das ações educativas relacionadas à difusão da memória cultural e da possibilidade de ampliá-la, desenvolvendo ações que promovam a Educação para o Patrimônio nas escolas. Observei que o professor também precisa ser sensibilizado, pois é ele quem vai propor as atividades didáticas para os alunos.

Para tornar professores multiplicadores da Educação Patrimonial, pensamos num curso de extensão para capacitá-los a levarem para a sala de aula atividades educativas que promovam a valorização do patrimônio cultural utilizando a música popular brasileira.

Uma das estratégias que a universidade utiliza para a formação de um profissional cidadão é baseada na efetiva relação recíproca do acadêmico com a comunidade, seja para se situar historicamente, para se identificar culturalmente ou para referenciar sua formação com os

---

<sup>3</sup> Espaço do Conhecimento da UFMG (julho a setembro de 2017), curadoria de Bruno Viveiros Martins. A mostra explorou a consolidação do Clube da Esquina no cenário artístico nacional, de 1972 a 1978, período que compreende o lançamento dos discos Clube da Esquina e Clube da Esquina 2, em um contexto de importantes transformações políticas, culturais e sociais, no qual uma nova musicalidade foi criada a partir da fusão de bossa nova, samba, jazz, rock, os sons da América Hispânica e as tradições do interior mineiro. O grupo de trabalho foi coordenado pelos professores Betânia Figueiredo e Mauro Rodrigues da UFMG.

problemas que um dia terá que enfrentar (BRASIL, 1999<sup>4</sup>).

A Extensão Universitária, entendida como um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que, sob o princípio da indissociabilidade, é a relação mais direta entre universidade e comunidade, promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS - FORPROEX, 2010). Para Gurgel (1986) as atividades desenvolvidas pela extensão universitária são elementos de ligação entre as instituições de ensino superior e os demais setores da sociedade. A pesquisa também possui relação com a comunidade, por meio de reflexões acerca da pluralidade cultural e problematização sobre memória e da preservação do patrimônio. O ensino possibilita uma maior qualificação dos sujeitos, suscitando reflexões e, conseqüentemente, ações que permitem a transformação da realidade.

A FORPROEX 2000-2001, define as diretrizes para a extensão universitária em torno de quatro eixos que nortearam a pesquisa:

**Impacto e transformação:** estabelecimento de uma relação entre a Universidade e outros setores da Sociedade, com vistas a uma atuação transformadora.

**Interação dialógica:** desenvolvimento de relações entre universidade e setores sociais marcadas pelo diálogo, de troca de saberes, estendendo à sociedade o conhecimento acumulado pela universidade.

**Interdisciplinaridade:** interação de modelos e conceitos complementares, de material analítico e de metodologias, construída na interação e inter-relação de organizações, profissionais e pessoas.

**Indissociabilidade ensino–pesquisa–extensão:** toda ação de extensão deverá estar vinculada ao processo de formação de pessoas e de geração de conhecimento, tendo o aluno como protagonista de sua formação técnica para obtenção de competências necessárias à atuação

---

<sup>4</sup> BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Plano Nacional de Extensão Universitária*. Brasília: MEC/CRUB, 1999. Documento do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras.

profissional, e de sua formação. (Plano Nacional de Extensão Universitária (PNExt), 2000/2001, p. 18-19, *apud* RODRIGUES, 2015, p. 393).

A pesquisa também foi orientada observando o desenvolvimento de competências definidas pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017)<sup>5</sup>, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento da educação.

Diante do desafio de promover a Educação Patrimonial nas escolas, há um questionamento: associar o Patrimônio Cultural de Belo Horizonte às músicas do Clube da Esquina, seria eficiente para o desenvolvimento de atividades didáticas para serem implementadas em sala de aula?

Em torno desse questionamento problematizamos o desenvolvimento do recurso educativo que será apresentado nesta dissertação.

### 3. OBJETIVOS

A pesquisa visa promover a formação de professores da Educação Básica (Ensino Fundamental II) para prepará-los para trabalhar com a produção musical do Clube da Esquina em ações educativas, por meio de um curso de extensão universitária realizado em dois módulos de três horas. Pesquisamos a potencialidade das músicas do Clube da Esquina como instrumento didático articulador em ações educativas na preservação do patrimônio material e imaterial e da memória da cidade de Belo Horizonte. A pesquisa proporcionou, no diálogo com a produção musical do Clube da Esquina, a experiência sensível por meio da audição e apreciação de músicas, da compreensão de como os sons e as letras são combinados para gerar obras expressivas; promoveu a integração com as práticas musicais do cotidiano do aluno, além de fazê-lo perceber como a música “tem sido a tradutora” de “dilemas nacionais e veículo de utopias sociais”.

A obra do Clube da Esquina guiou a estrutura das ações didáticas que foram trabalhadas colaborativamente com os participantes, em dois módulos no Espaço do Conhecimento da UFMG. Como resultado obtivemos o estímulo para *ouvir* e *pensar* a música, a partir das

---

<sup>5</sup> [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em novembro/2019.

composições do Clube, entre os anos de 1970 e 1980, interagindo com ações educativas voltadas para jovens, na promoção da Educação Patrimonial. Os resultados e as atividades didáticas desenvolvidas pelos participantes durante o curso, estão disponibilizados pela internet no site [www.coracaoamericano.com.br](http://www.coracaoamericano.com.br), visando democratizar o conhecimento, e tornando as informações mais acessíveis, ampliando as possibilidades de o professor e de o aluno ensinar e aprender.

### **3.1 Objetivos específicos:**

- Preparar professores da Educação Básica para utilizar a obra do Clube da Esquina como estratégia de valorização do patrimônio cultural e da Educação Patrimonial.
- Disponibilizar o Curso de Extensão para professores e público em geral com formulação de ações educativas dentro da temática da produção musical do Clube da Esquina, associado ao patrimônio cultural e à memória como instrumento didático nas práticas de ensino.
- Possibilitar aos alunos novas experiências, sensibilidades e a fruição por meio do contato com a música do Clube da Esquina (produzida nos anos 1970 e 1980);
- Formar público para o estilo musical “música popular” pelo contato com acervo do patrimônio cultural musical brasileiro;
- Disponibilizar os resultados da pesquisa e atividades didáticas desenvolvidas através de sítio da internet para serem acessados por pais e professores, democratizando seu acesso.

## **4. PERCURSO METODOLÓGICO**

A metodologia de pesquisa teve uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, que nos possibilitará escolher as técnicas e decisões mais adequadas sobre as questões que necessitarão maior atenção durante a investigação, a saber: eficiência do curso de formação para professores e desenvolvimento de atividades didáticas para promover a Educação Patrimonial nas escolas. Segundo Bogdan & Biklen (2003), a pesquisa qualitativa supõe o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, contemplando os levantamentos em fontes secundárias, levantamentos de experiências, estudos de casos selecionados e observação informal. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Segundo os autores, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada.



Optamos pela revisão bibliográfica de autores e suas obras para a obtenção de informações capazes de ajudar o desenvolvimento de um curso de extensão que prepara o professor para promover a Educação Patrimonial. Dessa forma o professor pode se tornar um multiplicador, o grande orquestrador de todo o processo de ensino e aprendizagem, pois sua interação terá planejamento e intencionalidade educativa. Nesse processo a escola vai exercer o papel de mediadora, “contribuindo para a criação de canais de interlocução que se valem, em especial, de mecanismos de escuta e observação”, incentivando a participação social na preservação dos bens<sup>6</sup>.

As ideias de Vigotski sobre o “processo de internalização” dos sistemas e sinais produzidos pela cultura com o poder de “transformação”, e de Paulo Freire sobre a “consciência crítica” como motivação para transformar o mundo, são fundamentais para dar protagonismo ao professor que poderá promover a Educação Patrimonial nas escolas, utilizando as músicas do Clube da Esquina como fio condutor, por meio de formulação, implementação e execução de atividades didáticas voltadas para preservação do patrimônio cultural de Belo Horizonte.

O curso Clube da Esquina: Patrimônio Cultural de Belo Horizonte, foi realizado no Espaço do Conhecimento da UFMG<sup>7</sup>, conforme carta de anuência em anexo, nos meses de outubro (dias 19 e 26) e novembro (dias 23 e 30) de 2019. Ele foi pensado em dois módulos sequenciais, sendo cada módulo com três horas. O primeiro mais teórico com contextualização dos conceitos e o segundo módulo prático, para assegurar aos participantes o desenvolvimento de competências conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No final do curso os participantes criaram atividades didáticas que relacionam a música com a cidade.

Como instrumentos para a coleta de dados, além da observação do ambiente e da situação investigada, ou seja, o comportamento, o envolvimento e a reação dos participantes aos estímulos durante o curso, aplicou-se dois questionários, sendo um para diagnóstico e perfil da turma e outro para avaliação final.

---

<sup>6</sup> IPHAN 2014.

<sup>7</sup> O Espaço do Conhecimento UFMG é um espaço cultural diferenciado, que conjuga cultura, ciência e arte simultaneamente. Sua missão não se limita à difusão do conhecimento científico, mas também à produção de diversos saberes, trabalhando no sentido de propor linguagens que combinam, inovam e fruem conteúdos, de forma lúdica. Atualmente, é fruto de uma parceria entre o governo do Estado de Minas Gerais e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Recebe o patrocínio da Unimed-BH pela Lei Federal de Incentivo à Cultura. No âmbito da UFMG, o Espaço do Conhecimento integra o conjunto de espaços culturais e atividades da Diretoria de Ação Cultural, encontrando

Assim, esta dissertação está organizada em duas partes, o referencial teórico e a descrição do recurso educativo como resultado desta pesquisa que tem o objetivo de preparar o professor para ser o multiplicador da Educação Patrimonial utilizando as canções do Clube da Esquina como fio condutor e apresentando as atividades desenvolvidas pelos participantes durante o curso.

#### 4.1 Referencial teórico

**"Os caminhos, as casas, as fábricas, as usinas, os objetos, os artefatos, os monumentos, as crenças, as ideias, a arte e o 'saber fazer', esse registro vário que aí está para ser apreendido depende prioritariamente da consciência de seu valor" (GUARNIERI, 2010, p.121)**

A cidade de Belo Horizonte, primeira capital brasileira planejada da República, foi construída pela intervenção estatal, segundo a historiadora Letícia Julião foi idealizada por uma elite como representação do moderno, uma ruptura com o passado, dando início a uma nova fase de modernização e desenvolvimento nacional que se iniciava. Ouro Preto até então a capital do estado não oferecia condições para comportar um crescimento econômico que viria com a industrialização, o relevo da cidade dificultava a comunicação e o transporte, além disso possuía uma arquitetura e estruturas do passado colonial que os republicanos queriam apagar.

A capital mineira foi inaugurada em 12 de dezembro de 1897, sua crescente expansão nas décadas seguintes fez consolidar sua influência em várias regiões do estado, extrapolando até mesmo os limites de Minas Gerais, atraindo imigrantes que vieram “à procura dos cursos universitários, dos empregos públicos e daquilo que só os centros urbanos podiam ofertar: vida social, cultural e intelectual mais intensa e menos controlada” (ANDRADE, 2001).

Nos anos 1960 Belo Horizonte se consolidava como uma das principais capitais do país, a cidade atraiu pessoas em busca de novas oportunidades, como o jovem Milton Nascimento.

Quando Milton chegou a Belo Horizonte aos 20 anos, no final de 1962, a cidade oferecia algumas vantagens em relação a Três Pontas e Alfenas. O movimento musical era maior, com bons músicos que logo o impressionaram; a vida noturna, mais agitada; a possibilidade de tocar e cantar uma música mais interessante, e não apenas o repertório dos bailes, se apresentava. Além da noite, Belo Horizonte tinha uma vida cultural efervescente, com livrarias, bares, cafés, jornais e um importante movimento cineclubista. Em torno do Centro de Estudos Cinematográficos (CEC), toda uma geração se formou, assistindo e debatendo o melhor da produção cinematográfica mundial. Um desses cinéfilos foi Márcio Borges, o futuro parceiro (AMARAL, 2018 p. 47).

Recém chegado de Três Pontas, cidade do sul de Minas, Milton Nascimento foi morar na Pensão da Dona Benvinda, que ficava no quarto andar do Edifício Levy. No Levy também residiam os irmãos Gileno e Wagner Tiso, vizinhos de Milton em Três Pontas, e a família Borges cuja proximidade o fez ser considerado por eles como seu décimo segundo filho. A efervescente cena musical de Belo Horizonte, reservaria a Milton Nascimento surpresas e encontros que mudariam o rumo de sua vida.



**FIGURA 1: Localizado na Avenida Amazonas, 718, próximo à Praça Sete de Setembro, o Edifício Levy foi construído por comerciantes judeus, tem dezessete andares e mais de 100 apartamentos.**  
**Fonte: imagem da internet.**

Sobre a relação do Clube da Esquina com a cidade de Belo Horizonte, descreve Martins (2007) que “o Clube da Esquina, congregado pela voz de Milton Nascimento, transformou Belo Horizonte em uma ‘esquina sonora’, onde o grupo criou uma nova musicalidade”.

Esquina que se configura como um espaço do diálogo, da descoberta de novas referências, influências e amizades. Esquina como a do cruzamento entre as ruas Divinópolis e Paraisópolis, em Santa Tereza – bairro ligado ao centro pelo viaduto de mesmo nome [...] O convívio criado entre eles nas várias esquinas de Belo Horizonte faz com que o grupo volte suas atenções para as diversas formas de relação a serem estabelecidas na cidade e com a cidade, compreendida como “lugar doador de sentido à nossa existência, o lugar que nos educa e nos permite construir a própria identidade”. (MARTINS, 2007, p. 29)

Foram as esquinas de Belo Horizonte com suas visões de mundo, sentidos e significados multifacetados, com sua efervescência cultural e uma cena musical interessante, que possibilitaram a Milton os encontros e a descoberta de novos amigos, como Aécio Flávio, Célio

Balona, Marilton Borges, Nivaldo Ornelas, Pacífico Mascarenhas, Márcio Borges, Lô Borges, Beto Guedes, Toninho Horta, Fernando Brant, Ronaldo Bastos, Tavito, Rubinho, Nelson Angelo, dentre outros.

Não demoraria muito para que a voz, as composições e o talento de Milton Nascimento se tornassem conhecidos e reverenciados, com um dos mais importantes artistas da música popular brasileira no século XX.

## 4.2 O Clube da Esquina e a Música Popular Brasileira

**“Todo artista tem de ir aonde o povo está”  
(Milton Nascimento e Fernando Brant)**

A música tornou-se tema de pesquisa nas áreas de letras, musicologia, antropologia, sociologia, história, comunicação, dentre outras. Isso se deve à grande variedade de suas vertentes e formatos, bem como a sua ampla presença no cotidiano das pessoas. Para Napolitano (2002), na segunda metade do século XX, a música popular brasileira conseguiu “atingir um grau de reconhecimento cultural que encontra poucos paralelos no mundo ocidental”. O autor arrisca dizer que “o Brasil sem dúvida é uma das grandes usinas sonoras do planeta, é um lugar privilegiado não apenas para *ouvir* música, mas também para pensar a música” (Napolitano, 2002, p. 7).

A escolha pela música popular do grupo de mineiros produzida nas décadas de 1970 e 1980 se deve a pesquisa iniciada em 2000, e que deu origem ao livro *Coração Americano – 35 anos do álbum Clube da Esquina*, organizado por mim. Conforme Nunes (2005):

A expressão Clube da Esquina passou a ser usada, no final dos anos 70, para se referir a um grupo de compositores, sobretudo cancionistas, na sua maioria mineiros, poetas e instrumentistas que produziram um vasto repertório musical, principalmente na década de 1970 no Brasil. Tal expressão, ampla em si, também dá título a duas canções (CLUBE DA ESQUINA e CLUBE DA ESQUINA N/ 2) e dois discos duplos, de títulos homônimos aos das canções, lançados respectivamente nos anos de 1972 e 1978 (NUNES, 2005, p. 11).

Foram nas primeiras décadas do século 20 que novas formas de expressão sonora aliadas as novas formas de tecnologia como os discos e o rádio, passaram a ganhar crescente importância no país, ganhando grande público entre os anos 1920 e 1940, predominantemente urbano que compravam discos e ouviam programas de rádio. Compositores como Noel Rosa, Ari Barroso, e intérpretes como Francisco Alves, Carmen Miranda ganharam notoriedade nesse período.

A partir de 1960, a música popular ganhou mais destaque junto ao público jovem, década em

que "surgiam manifestações políticas e culturais a nível internacional, que teriam seu ápice no ano de 68. O florescimento cultural nos anos 60 evidencia a formulação de uma identidade política e cultural exclusiva dos jovens" (GARCIA, 2000, p.56).

A indústria fonográfica brasileira se beneficiou do crescimento do consumo de música pela juventude a partir do lançamento da Bossa Nova, movimento iniciado pelos jovens de classe média, moradores da zona sul do Rio de Janeiro.

A bossa nova era encarada como um produto genuinamente nacional, qualificado e exportável: essa imagem seria poderosamente sintetizada no famoso concerto realizado no *Carnegie Hall* de Nova York, em 1962. Música moderna, sofisticada, de bom gosto e apuro técnico. Seus criadores assumiam um ar intelectualizado e avesso ao comercialismo. (GARCIA, 2000 p.52)

Os festivais da canção realizados ao longo das décadas de 1960 e 1970 constituem um dos motores para o desenvolvimento da música brasileira, com a descoberta de novos talentos e redimensionamento da música popular brasileira dentro e fora do país.

O cantor e compositor Milton Nascimento foi um dos artistas que se tornou conhecido pelo grande público ao participar do II Festival Internacional da Canção em 1967. Milton é o segundo colocado na categoria de melhor intérprete do festival com a música *Travessia* (Milton Nascimento e Fernando Brant), que veio a se tornar uma das músicas mais conhecidas e gravadas no Brasil e exterior.



**FIGURA 2: Milton Nascimento e Fernando Brant. II Festival Internacional da Canção em 1967.**  
**Fonte: O Globo**

Em 1972, após gravar quatro discos ("Travessia", "*Courage*", "Milton Nascimento" e "Milton e ah, o Som Imaginário"), Milton convida o jovem Lô Borges para dividir o álbum "Clube da Esquina" (EMI-Odeon), dando início a um dos expoentes da MPB.

O álbum *Clube da Esquina* (EMI-Odeon, 1972) projetou a carreira individual dos músicos participantes, dentre eles Lô Borges, Beto Guedes, Toninho Horta, Tavito, Wagner Tiso, Fernando Brant, Márcio Borges e Ronaldo Bastos. O nome *Clube da Esquina* surgiu em função da esquina das ruas Paraisópolis e Divinópolis, no bairro de Santa Teresa, em Belo Horizonte, que servia como ponto de encontro dos músicos mineiros. Os integrantes do *Clube da Esquina* desenvolveram carreiras individuais de sucesso, atuando como cantores, instrumentistas, arranjadores e compositores.

Em 1978, foi lançado o LP *Clube da Esquina 2* de Milton Nascimento, além dos artistas do disco de 1972, o novo álbum traz composição dos mineiros Nelson Angelo, Flávio Venturinni, Murilo Antunes e Tavinho Moura, além da participação de artistas de outros estados, destacando-se Elis Regina e Chico Buarque.

*Clube da Esquina 2* é lançado em 1978 pela Emi-Odeon, retomando o projeto de 1972, que dá expressão e consolida o movimento musical de jovens músicos mineiros. O caráter coletivo da criação, a diversificação das canções e o experimentalismo do primeiro trabalho são preservados, incluindo a divisão em dois LP's, desta vez com 23 canções. Conduzido novamente por Milton Nascimento (1942), o álbum consolida um trabalho conjunto entre amigos. Reúne um número maior de parceiros, desta vez para além das fronteiras de Minas Gerais. (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL<sup>8</sup>)



**FIGURA 3: Álbum *Clube da Esquina*, Milton Nascimento e Lô Borges, EMI-Odeon, 1972.**  
Foto de Cafí. Acervo pessoal.

<sup>8</sup> <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra68504/clube-da-esquina-2-1978>. Acesso em outubro de 2019.



**FIGURA 4: Álbum Clube da Esquina 2, de Milton Nascimento, EMI-Odeon, 1978. Foto de Frank Meadow Sutcliffe. “Excitement”. Inglaterra, 1889. Acervo pessoal.**

Para Nunes (2005), a produção musical do grupo “chamou a atenção pela elaboração e beleza harmônica e melódica, pela assimetria da forma musical, pelo uso recorrente do falsete, pela exploração da melancolia”, além da pluralidade que resultou em diferentes matrizes sonoras.

Nota-se, ainda, a presença de uma personagem centralizadora das ideias musicais, atribuindo ao Clube da Esquina um caráter de unidade na diversidade, ou seja, as características individuais dos sujeitos envolvidos nesta produção interagindo-se, mesclando-se umas às outras dando origem a resultados sonoros coletivos e característicos do Clube da Esquina. Destaca-se, sobretudo, o papel catalisador atribuído ao artista Milton Nascimento considerando que a construção sonora do grupo passa por um processo de escolha e supervisão do mesmo. (NUNES, 2005 p. 12)

Milton Nascimento é a grande estrela, o aglutinador que reúne em torno de si amigos e parceiros que reconheciam nele um líder talentoso e genial. Uma das características do trabalho do Clube da Esquina foi unir vários estilos e influências de forma harmoniosa e inovadora, tendo a participação de todos os envolvidos de forma livre e criativa. Os artistas do Clube da Esquina, ligados por afinidades musicais e poéticas e por laços estreitos de amizade, tiveram sua juventude marcada pelos anos de censura e conseguiram manter e transmitir em sua obra a poesia e a fraternidade que os mantiveram unidos.

O sentimento de pertencer a uma comunidade se reflete na música e é explorado de diversas maneiras: na composição coletiva, no arranjo coletivo, na execução coletiva, na superposição instrumental (mais de um violão, mais de uma voz, mais de uma guitarra, mais de um baixo) e na densidade instrumental, todos tocam e trocam os instrumentos, ou seja, as características individuais e idiomáticas dos instrumentos são levadas a outros. (NUNES, 2005, p. 61)

É importante ressaltar o trabalho colaborativo na obra do Clube da Esquina, também é demonstrada na parte interna dos disco, com o registro feito pelos fotógrafos Cafi e Juvenal Pereira de pessoas que participaram da produção dos disco, de forma direta ou indireta.



A prática colaborativa própria da amizade é evidenciada inclusive na disposição dos participantes na execução sempre revezada dos instrumentos. Beto Guedes, por exemplo, tocou guitarra, baixo, percussão, viola, carrilhão, além de dividir os vocais com Milton Nascimento em “Nada será como antes” e “Saídas e bandeiras”. Toninho Horta, conhecido internacionalmente pela habilidade com sua guitarra, tocou também violão, percussão, e baixo. Já Nelson Angelo ficou a cargo do violão, da guitarra, da percussão do surdo, além do piano na faixa “Pelo amor de Deus”. Aliás, nem mesmo Milton Nascimento e Lô Borges possuíam instrumentos específicos ou funções predeterminadas. O coro, utilizado diversas vezes ao longo do disco, era formado por qualquer um que estivesse no estúdio no momento. (MARTINS, 2019<sup>9</sup>)



**FIGURA 5: Da esquerda para direita: Rubinho Batera, Wagner Tiso, Novelly, Beto Guedes, Nelson Angelo, Lô Borges (piano), Ronaldo Bastos, Márcio Borges, Fernando Brant e Milton Nascimento. Foto de Mário Thompson, acervo pessoal.**

A diversidade estética presente na obra do Clube da Esquina e sua relação com o local e o global, foi apontada por Garcia (2012):

A formação cultural conhecida como “Clube da Esquina”, criada em Belo Horizonte, nos anos 60 e tendo por principal articulador o compositor e cantor Milton Nascimento, caracteriza-se por um conjunto de práticas musicais e opções estéticas que utiliza fontes tão diversificadas quanto o interior de Minas, a música latino-americana e os Beatles, de forma alternativa a outras propostas contemporâneas para a Música Popular Brasileira (MPB), enfrentando os dilemas entre o “nacional” e o “estrangeiro”, o “popular” e o “erudito”, o “tradicional” e a “vanguarda” num contexto de crescimento da indústria fonográfica e internacionalização da cultura. (GARCIA, 2012, p.40)

<sup>9</sup>[http://amusicade.com/resenhaseleituras/discosclassicos/2019/54301/?fbclid=IwAR2PzZFtEoIGqy8\\_Rpqojd4-rWzmfZkXy7kH4K5qG91LrdQmSgF7X9kZgBU](http://amusicade.com/resenhaseleituras/discosclassicos/2019/54301/?fbclid=IwAR2PzZFtEoIGqy8_Rpqojd4-rWzmfZkXy7kH4K5qG91LrdQmSgF7X9kZgBU). Acesso em novembro/2019.



Para Martins (2007), a trajetória musical que o Clube da Esquina percorreu, nos idos de 1967 a 1981, estabelece uma viva relação entre a musicalidade do grupo e o contexto político e intelectual presente à época, pois suas "[...] canções, criadas a partir de uma carga utópica, contemplavam visões diferentes de um mesmo mundo".

Sobre a sonoridade e as melodias do Clube da Esquina, diz Nunes (2005):

[...] a exploração de falsetes, os coros homofônicos, os dobramentos dessincronizados de voz e violão realizando contracentos altamente dissonantes, o órgão e suas sustentações harmônicas sacras, o contrabaixo que chama a atenção pelas linhas bem movimentadas, a bateria remetendo a tambores mineiros. (NUNES, 2005, p. 61)

Nunes (2005) ainda destaca a importância da harmonia nos arranjos musicais do Clube da Esquina e sua complexidade:

A harmonia é um dos elementos musicais mais explorados na elaboração de arranjos. Mas quando o Clube da Esquina faz uso da harmonia modal, ele limita fortemente a alteração da mesma, principalmente quando esta vem combinada à utilização da nota pedal criando muitas vezes cores sonoras e texturas que remetem ao impressionismo pela maneira de organizar e sobrepor as notas dos acordes e criar novos timbres vindos de inúmeras combinações instrumentais e vocais. Por fim, uma grande quantidade de recursos musicais utilizados para arranjar, tais como modulação ampliação harmônica, contraste entre seções aparece neste grupo já nas composições. Assim, pequenas alterações neste repertório podem resultar numa grande desconexão com a composição. (NUNES, 2005, p. 61)

Na pesquisa realizada na minha graduação em Comunicação Visual e que deu origem ao livro “Coração Americano – 35 anos do álbum Clube da Esquina”, foi constatada a carência de registros sobre nossa memória musical. Desde então, venho percebendo a necessidade de se trabalhar a dinâmica da memória, não em preservar a memória de acervos e bancos de dados, mas de estabelecer uma dinâmica de comunicação com diversos públicos, especialmente com as novas gerações e na sua permanência no tempo presente e futuro. Segundo Le Goff (2003),

a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. LE GOFF (2003, p. 471)

A Educação Patrimonial tem a memória como elemento de construção de novas práticas de cidadania e encontram na música do Clube da Esquina aspectos que podem contribuir para o sentimento de pertencimento, visto que o grupo de amigos se conheceram nas esquinas de Belo Horizonte. Para Garcia (2000), a “esquina” faz referência direta à paisagem urbana, apresentando “múltiplos significados a partir da diversidade de suas práticas sociais e visões de mundo”.

[...] a esquina surge para nós como um espaço que vai sendo recoberto por diversas significações: lugar de brincadeiras na infância, ponto de encontro na juventude, referência de objetivos compartilhados, local de passagem para carros e passantes apressados que se torna a referência lúdica de sujeitos criativos que rompem seu aspecto provinciano com sua intenção universalista. A esquina pontua a cidade com um ponto de interrogação. Assinala as suas outras possibilidades, interrompe, ainda que por um pequeno instante, o fluxo de carros e pessoas, a trajetória inquestionável do passante. Nela se faz possível a subversão de um certo planejamento urbano, que quer lhe imputar apenas o papel de conformar a circulação de gente e veículos. Ela se transforma em local de parada, de conversa, de movimentos circulares de rumo indefinido, de suspensão do tempo dos atarefados. Ela se torna um espaço “aberto”, onde se pode passar ou ficar, espaço que atrai mas não aprisiona. De caminho, ela se transmuta em destino, para depois tornar-se novamente caminho. (GARCIA, 2000 p.19)

A obra do Clube da Esquina e a própria história do grupo oferecem elementos ricos, com os quais os jovens podem se identificar e estabelecer vínculos, sendo despertados para uma reflexão sobre o Patrimônio Cultural, além de serem sensibilizados para outra forma de consciência de si mesmos e da sociedade na qual estão inseridos e da historicidade da cidade de Belo Horizonte.

Numa cidade entre o mundo e a província, não era de se espantar que a diversidade fosse a tônica da formação musical. Diversidade inclusive das fontes, desde o rádio e o disco, meios industrializados de difusão cultural, à transmissão oral que acontecia nas performances de rua. Belo Horizonte funciona como ponto de interseção entre as tradições musicais associadas ao interior de Minas, à cultura negra, às festas populares de rua e as formas musicais em escala internacional, cuja transmissão está vinculada aos meios de comunicação de massa (discos e rádio, principalmente). A obra produzida pelo Clube pode ser interpretada como a constante busca das afinidades entre estas diversas influências e referências, um processo de sucessivas abordagens da mesma constatação de proximidade entre diferentes formas de música. (GARCIA, 2012 p.51)

A diversidade das canções do Clube da Esquina se reflete nos temas abordados pelos letristas que passam pelo cotidiano, pela amizade, natureza, utopia, amor, infância, organização do mundo político e a esperança, “cujos ingredientes foram buscados, sem dúvida, na música, na literatura (poesia) e no cinema” (AMARAL, 2018).

Observa-se também nas letras das canções, a criação de um imaginário capaz de pensar os limites e as possibilidades da república, atentos à conjuntura política do país, as letras, principalmente de Fernando Brant, falam de pedra, noite, medo, corte, dor, força, raça, liberdade e esperança. Em *Carta à República* (Milton Nascimento e Fernando Brant), a canção reflete a decepção com o governo e a esperança num país melhor: “Eu briguei, apanhei, eu sofri, aprendi (...) E foi por ter posto a mão no futuro / que no presente preciso ser duro / e eu não posso me acomodar / quero um país melhor”.

É essa diversidade que faz das canções do Clube de Esquina um facilitador nas ações educativas para a promoção da Educação Patrimonial em sala de aula. Além do mais, a música faz parte das manifestações culturais de todos os povos, contribuindo para a identidade cultural e temporal dos diferentes grupos sociais”.

Música difere da canção. Para Wisnik (1999), a música constitui-se no “jogo entre som e ruído”; para ele o som é impalpável e invisível, características que permitem a atribuição das propriedades do espírito à música: o som torna-se “o elo comunicante do mundo material com o espiritual e invisível”. A canção se define basicamente na refinada coordenação de informações musicais contidas nas melodias e suas correspondentes letras (Tatit,1998). Neste projeto, trabalhamos com a canção do Clube da Esquina, mas usamos o termo música pela sua abrangência.

Para Napolitano (2002, p. 7), “a música, sobretudo a chamada ‘música popular’, ocupa no Brasil um lugar privilegiado na história sociocultural, lugar de mediações, fusões, encontros de diversas etnias, classes e regiões”, formando um grande “mosaico nacional”. Mas a música também é um importante lugar de tensões, com projetos culturais inspirados na função social e política da canção, numa clara explicitação mais política da linguagem poética e musical. As denúncias tornaram-se temas das canções de protesto, visando conscientizar as pessoas, através de críticas as questões políticas e sociais.

O estudo da música popular brasileira tem sido muito mais valorizado entre os pesquisadores da área de humanidades, segundo Garcia (2000):

Isto porque percebe-se não só o valor social imputado a esta manifestação cultural, mas a sua centralidade no que diz respeito a toda difusão e debate de ideias, sua caracterização como legítimo instrumento de reflexão sobre todo tipo de assunto referente ao cotidiano, à conjuntura política, enfim, ao seu eminente papel crítico (ou conformista) no elenco das variadas formas de manifestação cultural. (GARCIA, 2000, p.10)

A urbanização e industrialização das cidades foram responsáveis pela “consolidação do campo musical popular” no Brasil. Ao longo dos séculos XIX e XX, a cidade do Rio de Janeiro forjou parte significativa das nossas formas musicais urbanas. O Nordeste (principalmente Bahia, Pernambuco, Paraíba e Ceará) também se destacou por fornecer ritmos musicais, timbres característicos e formas poéticas, incorporando-se à esfera musical mais ampla a partir do final dos anos 1940. Através do rádio, o Baião de Luiz Gonzaga consagrou a música nordestina nos meios de comunicação e no mercado fonográfico brasileiro. A música popular brasileira é o

resultado de um encontro de classes e grupos socioculturais heterogêneos, ela já nasceu como o resultado de um entrecruzamento de culturas (Napolitano, 2002).

Com o advento do rádio e da indústria fonográfica, a música produzida nos grandes centros começou a tornar-se cada vez mais "popular". Ou seja, apreciada por um número sempre crescente de ouvintes.

Napolitano (2002) destaca os períodos históricos na trajetória da música popular brasileira que modificaram as formas de criação artística e o pensamento crítico. O sentido da tradição foi redimensionando, produzindo novos valores estéticos, culturais e ideológicos para “julgar e avaliar a música popular, dentro do sistema cultural brasileiro como um todo”.

- Anos 1920 a 1930: Período marcado pelo surgimento do samba nas comunidades negras do Rio de Janeiro. É a consolidação do samba como gênero nacional.
- Anos 1940: Considerados a “era de ouro” da música brasileira, tendo o rádio como veículo de comunicação em processo de expansão nas classes populares urbanas. Nesse período, as chanchadas cinematográficas foram um importante veículo para a música popular. Entre 1946 e 1956, na cena musical popular brasileira, a “era do rádio” marca o auge desse veículo de comunicação.
- Anos 1959 a 1968: Consolidação da canção como “veículo fundamental de projetos culturais e ideológicos mais ambiciosos, dentro de uma perspectiva de engajamento típico de uma cultura política ‘nacional popular’”. Nesse período surge a Bossa Nova para a qual o “resgate cultural do samba não passa pelo fato folclórico, mas pela ruptura estética” em direção da ‘modernidade’, promovendo uma espécie de ‘limpeza de ouvidos’ que desqualificava tudo que fosse ‘identificado com exagero musical’”. Nesse período surge também a MPB como um ponto médio entre a tradição do “morro e do sertão e as conquistas cosmopolitas da Bossa Nova”.
- Anos 1972 a 1979: Período importante por permitir o “diálogo musical presente-passado, tanto no sentido de incorporar tradições que estavam fora do ‘nacional-popular’ (por exemplo, a vertente *pop*). Outro aspecto foi o de “consolidar um amplo conceito de MPB, sigla que define muito mais um complexo cultural do que um gênero musical específico, dentro da esfera musical popular como um todo”.

Antônio Candido (1989, p. 33-34) considera que a música popular, nos anos 1960, foi “um

dos fatos mais importantes da nossa cultura contemporânea”, capaz de “quebrar barreiras” entre grupos sociais diferentes. De acordo com Nunes (2005), as décadas de 1960 e 1970 foram:

[...] um período em que a consolidação da indústria fonográfica, somada ao avanço televisivo e à formação das culturas de massa vão problematizar os projetos de identidade nacional, a partir do momento em que as fronteiras dos Estados nacionais e as grandes cidades intensificam-se enquanto lugar de fusão, mistura e diálogo intercultural. (NUNES, 2005 p. 9)

No período de 1968 a 1972 a música popular ganha destaque na televisão brasileira, por meio de vários programas e dos festivais da canção promovidos pelas TV Excelsior (SP), Record de São Paulo, TV Rio e TV Globo (RJ).

Naqueles anos, a música popular estava muito mais presente na vida das pessoas do que hoje. Só a TV Record exibiu, entre 1965 e 1968, os programas *O Fino da Bossa*, *Essa noite se improvisa*, *Show em Si... monal*, *Bossaudade*, *Jovem Guarda*, entre outros. Ainda assim, a ânsia com que aquelas pessoas discutiam parecia ter uma motivação maior do que o simples gosto pela música. “A insatisfação do povo não poder se manifestar, seu inconformismo e sua agressão” estavam sendo “transferidos para a música popular brasileira”, disse Sérgio Ricardo (JB, 25/10/1967). De acordo com essa visão, foi a repressão política que impulsionou as pessoas a buscarem liberdade de expressão no festival. (LEÃO *et al.* 2012, p.12)

Os festivais deram voz a uma nova geração de artistas que representava um posicionamento social, político e musical da juventude. Artistas como Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Milton Nascimento, Edu Lobo, Maria Betânia, Elis Regina, Rita Lee, Geraldo Vandré, Gal Costa, Wilson Simonal, dentre outros, entraram nos lares brasileiros através dos aparelhos de TV, que transmitiam os festivais. Com talento e canções inéditas que tratavam de temas universais, esses artistas conquistaram os brasileiros e tiveram suas carreiras impulsionadas, passando a integrar o elenco da chamada MPB.



**FIGURA 6:** Chico Buarque e MPB4 no Festival da Record de 1967, interpretando a música *Roda Viva* (Chico Buarque de Holanda). Fonte: imagem da internet.

Segundo Napolitano (2002), por volta de 1965, surge a sigla MPB, “grafada com maiúsculas como se fosse um gênero musical específico, mas que, ao mesmo tempo, pudesse sintetizar ‘toda’ a tradição musical popular brasileira”. Garcia e Viana (2009) propõem que:

[...] o entendimento da categoria MPB como signo em aposta, considerando-a num contexto de negociações que envolveram a incorporação estética de elementos musicais locais, regionais ou internacionais, a re-valorização de certos gêneros e tradições e o re-posicionamento dos compositores e/ou intérpretes em relação ao mercado, contudo sem a perda do prestígio de sua “aura” artística. Os músicos, ainda que em vieses diferentes, compartilharam o entendimento de que a modernização da música popular brasileira não deveria ser refratária em relação à tradição. Por outro lado, estiveram em geral distantes de uma leitura “folclorista”, essencialista e excludente em relação a outras tradições ou inovações, mesmo que não fossem “nacionais”. A MPB constituiu uma história e uma geografia em transformação, na medida em que ia incorporando sonoridades que remetiam a espaços, tradições e inovações negligenciadas no projeto de modernização da canção iniciado pela bossa nova. (GARCIA e VIANA, 2009 p. 3)

Segundo o mesmo autor (2002), a MPB incorporou nomes oriundos da Bossa Nova, como Vinicius de Moraes, Baden Páwell, Sérgio Ricardo, Geraldo Vandré, Nara Leão e Edu Lobo, agregando artistas como Elis Regina, Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Milton Nascimento, entre outros.

Mais do que redimensionar temas, formas e posturas estéticas, a música revela-se como expressão de contradições sociais, objetivos políticos ideológicos e utopias. No livro *A Era dos Festivais*, Zuza Homem de Mello discute o momento político delicado pelo qual o Brasil passava e a importância da música como porta voz da juventude. As músicas carregavam uma série de imagens que reforçava e traduzia as motivações e necessidades sociais. Segundo ele:

A juventude se identificou com aquele chamamento que mexia com seus brios, juntando mais um poderoso ingrediente ao ponto de convergência que tinha “um destino certo e preciso”: uma forma lícita de protestar e fazer valer sua voz contra a mordida da ditadura militar. (MELLO, 2003, p.121)

Como consequência do sucesso dos festivais que tiveram início na década 1960, os anos 1970 foram de grande efervescência cultural e da consolidação da MPB no mercado fonográfico brasileiro. Os festivais foram importantes para a consolidação da música popular brasileira e a mídia impressa teve papel importante na consagração dos alguns artistas. Segundo Leão et al. (2012):

Não foi possível precisar com clareza qual foi o papel dos jornais na construção dos chamados “monstros sagrados da música brasileira”, ou seja, aqueles artistas que se destacaram por terem revolucionado a canção de alguma forma e se tornaram referência. Nota-se uma cobertura exagerada sobre Chico Buarque. Mas Caetano e Gil também são muito elogiados e têm bastante espaço para falar de assuntos polêmicos. Outro “monstro sagrado”, Milton Nascimento adquire, desde as primeiras notícias, a aura de mito e mistério que o acompanha até a atualidade. Edu Lobo é

sempre colocado como um excelente compositor, autor de músicas mais sofisticadas. Tais características apresentadas para descrever certos artistas permaneceram no inconsciente coletivo, e talvez essa tenha sido a maior contribuição dos jornais neste sentido. Outros artistas também vistos com entusiasmo, como Gutemberg Guarabyra – mencionados à exaustão – mantiveram carreira estável, mas jamais atingiram a posição de astro. (LEÃO *et al.* 2012, p. 17)

Nos anos 1980, o chamado Rock Brasil, com grupos como Legião Urbana, Titãs, e Paralamas do Sucesso, dominava os meios de comunicação de massa, sendo responsável por manter o alto faturamento das gravadoras. No final dos anos 1980 e meados dos anos 1990, alguns artistas do rock brasileiro aproximaram o circuito alternativo a grandes gravadoras, abrindo espaço para novas possibilidades de produção, circulação e consumo da música popular brasileira.

Nos anos 1990, a indústria fonográfica no Brasil passou por transformações estruturais de produção e uma das principais foi a adoção da tecnologia digital, substituindo o vinil pelo *Compact Disc* (CD). A popularização de equipamentos digitais de produção musical fomentou a proliferação de estúdios de gravação que, além de romperem o monopólio de gravação sonora das gravadoras, deram início à chamada “pirataria”. O declínio das grandes gravadoras reduziu drasticamente a venda de discos e a arrecadação das gravadoras.

A partir do ano de 1999, inicia-se uma diminuição da venda de discos assim como da arrecadação das principais gravadoras do país que se mostraria persistente nos anos seguintes. Se em 1999, a Associação Brasileira de Produtores de Discos (ABPD) registrara a venda de 88 milhões de unidades de discos físicos, após dez anos, esse número havia passado para apenas 25,7 milhões (VICENTE; DE MARCHI, 2014). As novas tecnologias tiveram grande impacto no mercado fonográfico e do entretenimento, mudando a forma como conhecemos os artistas e suas músicas. Se nas décadas anteriores as novidades musicais eram apresentadas por meio de programas de televisão e executadas nas rádios, atualmente os artistas divulgam suas músicas no YouTube e os compartilhamentos nas redes sociais os tornam conhecidos pelo público. Conforme Herschmann e Kischinhevsky (2005):

[...] na virada dos anos 90 para o século XXI, ganharam popularidade os serviços de compartilhamento de arquivos digitais na Internet, como Napster e Kazaa. Nestes sites, milhões de músicas supostamente protegidas por direitos autorais circulavam livremente entre os usuários, bem como filmes ainda inéditos, jogos eletrônicos, livros e documentos em geral. A indústria fonográfica empreendeu feroz campanha contra estes serviços, logrando tirar do ar o Napster, que voltaria a operar em versão legalizada, oferecendo download de arquivos mediante pagamento de taxas e, conseqüentemente, recolhimento de direitos. (HERSCHMANN e KISCHINHEVSKY, 2005, p.07)

Todo esse cenário promoveu uma mudança na forma de se consumir música: milhões de discos

deixaram de circular no país e as músicas digitais começaram a ser baixadas por meio de *downloads* nas redes de computadores. Atualmente, por meio de *streaming*<sup>10</sup>, as músicas não precisam mais ser baixadas, podendo-se montar uma *playlists*.

Apesar da perda do suporte/objeto e do acesso a ficha técnica dos fonogramas, as músicas baixadas por *download* ou transmitidas instantaneamente pelo *streaming* se constituem uma importante fonte de pesquisa e redescoberta de estilos e da obra de vários artistas, permitindo o acesso ao rico e diverso patrimônio que é a música.

### 4.3 Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial

**“Patrimônio também é o suor, o sonho,  
o som, a dança, o jeito, a ginga, a energia vital,  
e todas as formas de espiritualidade de nossa gente.  
O intangível, o imaterial” (Gilberto Gil, 2008).**

A Constituição Brasileira de 1988, no seu artigo 216, seção II – DA CULTURA, estabeleceu um conceito de Patrimônio Cultural:

**Art. 216** Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - Formas de expressão;
- II - Os modos de criar, fazer e viver;
- III - As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Segundo publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (2013),

O patrimônio cultural é o conjunto de manifestações, realizações e representações de

---

<sup>10</sup> A tecnologia streaming é uma forma de transmissão instantânea de dados de áudio e vídeo através de redes. Por meio desse serviço, é possível assistir a filmes ou escutar música sem a necessidade de fazer download, o que torna mais rápido o acesso aos conteúdos online. <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2013/05/conheca-o-streaming-tecnologia-que-se-popularizou-na-web.html>. Acesso em 30/08/2018.



um povo. Ele está presente em todos os lugares e atividades: nas ruas, em nossas casas, em nossas danças e músicas, nas artes, nos museus, escolas, igrejas e praças. Nos nossos modos de fazer, criar e trabalhar. Nos livros que escrevemos, na poesia que declamamos, nas brincadeiras que fazemos, nos cultos que professamos. Ele faz parte de nosso cotidiano, forma as identidades e determina os valores de uma sociedade. **É ele que nos faz ser o que somos.** (IPHAN, 2013. p.3)

No Brasil as primeiras iniciativas para preservação do Patrimônio partiram do Estado, o Poder Público determinava o que deveria ou não ser lembrado ou esquecido, ou seja, o que deveria ser preservado, o chamado patrimônio de “pedra e cal”, com a valorização das edificações, além de reconhecer como memória nacional oficial os “heróis nacionais” as “cidades históricas” e os “grandes feitos”, tendo como instrumento de preservação o tombamento.

O conceito de imaterialidade se dá no final do século XX e início do século XXI, com pressões sociais para o reconhecimento da produção cultural popular pouco visível nas políticas de patrimônio adotadas pelo Poder Público, possibilitando a ampliação e percepção do Patrimônio Cultural, por meio de novos paradigmas de preservação e valorização da memória. O Brasil é pioneiro elaboração do conceito de imaterialidade, tendo em vista que somente em 2003, o tema foi abordado na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

A convenção da UNESCO<sup>11</sup> de 2003, define patrimônio cultural imaterial como

(...) as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável. (UNESCO, 2003, p. 4)

A mesma convenção, estabelece que “salvaguarda” são as medidas que visam garantir

(...) a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não-formal - e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos. (UNESCO, 2003, p. 5)

---

<sup>11</sup> Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial( Paris, 17 de outubro de 2003), UNESCO, 2006. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>. Acessado em dezembro/2019.

Mais do que “preservar um objeto como testemunho de um processo histórico, é necessário valorizar os saberes envolvidos em sua permanência, permitindo a vivência de saber-fazer, conhecimentos, celebrações, práticas, sonoridades etc., no tempo presente” (LACERDA *et al.*, 2015), promovendo o registro dessas manifestações, conforme quadro I.

**QUADRO 1 – Percepção do Patrimônio Cultural**

PRESSUPOSTOS E PRINCÍPIOS	SÉCULO XX	SÉCULO XXI
Terminologia	Patrimônio Histórico e Artístico	Patrimônio Cultural
Instrumento de preservação	Bens materiais (tombamento)	Bens materiais Bens imateriais (registro)
Objetivo	Construção da Identidade Nacional	Reconhecimento da Diversidade Cultural
Vetor de preservação	Excepcionalidade, autenticidade e monumentalidade	Referencialidade e Pertencimento
Esfera de atuação	Poder Público Federal	Poder Público (municipal), sociedade civil, setor privado

Fonte: LACERDA *et al.*, 2015

O Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA), por meio do Decreto número 42.505, de 15 de abril de 2002, prevê quatro tipos de Livros de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial:

- **Livro de Registro de Saberes:** conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- **Livro de Registro de Celebrações:** rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- **Livro de Registro de Formas de Expressão:** manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
- **Livro de Registro de Lugares:** mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas.

A noção de patrimônio imaterial vem reforçar a ideia de identidade e pertencimentos dos grupos sociais.

Cada grupo, cada conjunto de cidadãos, ao longo das suas vidas, estabelece hábitos culturais que se manifestam nas formas de vestir, de falar, de festejar, de cozinhar, de brincar e assim por diante. Essas formas de organização e vivência são repassadas de geração a geração, de forma dinâmica. Esse conjunto de manifestações constitui uma identidade cultural própria, específica, que referencia o grupo social diante das

diversidades e diferenças socioculturais”. (LACERDA *et al.*, 2015 p. 15)

Por meio da informação que se dá nos processos educativos, é uma importante estratégia para garantir o direito ao acesso aos bens culturais e exercício de cidadania, pois o indivíduo tem a oportunidade de perceber o patrimônio cultural como parte de sua vida, com a possibilidade de reconhecer suas referências de identidade cultural e usufruí-lo.

Para o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural Nacional (IPHAN), a Educação Patrimonial “propõe uma forma dinâmica e criativa de a escola se relacionar com o patrimônio cultural de sua região”, ampliando, assim, o entendimento dos vários aspectos que constituem patrimônio cultural, distinguindo-se pela construção coletiva e democrática do conhecimento.

A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera-se, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio da participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de patrimônio cultural. (BRASIL, IPHAN 2018<sup>12</sup>)

O desenvolvimento de estratégias e de dinâmicas de ensino e aprendizagem em torno do Patrimônio Cultural contribui para a valorização, preservação e difusão dos bens culturais e da memória, possibilitando a construção de relações afetivas e vínculos com as comunidades nas quais estão inseridas. Segundo Florêncio (2015):

A Educação Patrimonial tem, desse modo, um papel decisivo no processo de valorização e preservação do patrimônio cultural, colocando-se para muito além da divulgação do patrimônio. Não bastam a “promoção” e “difusão” de conhecimentos acumulados no campo técnico da preservação do patrimônio cultural. Trata-se, essencialmente, da possibilidade de construções de relações efetivas com as comunidades, verdadeiras detentoras do patrimônio cultural. Dessa forma, os bens culturais são considerados como suporte vivo para a construção coletiva do conhecimento, que só pode ser levada a cabo, quando se considera e se incorpora as necessidades e expectativas das comunidades envolvidas por meio de múltiplas estratégias e situações de aprendizagem que devem ser construídas dialogicamente a partir das especificidades locais. (FLORÊNCIO, 2015, p.23)

Horta (1999) identifica a Educação Patrimonial como processo permanente e sistemático de trabalho educacional, tendo o patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Trata-se de um processo de educação abrangente, envolvendo fatores sociais e culturais, possibilitando a reflexão sobre o lugar do aluno na sociedade em que vive. A Educação Patrimonial está centrada no Patrimônio Cultural e, a partir do conhecimento e do contato direto com as mais diversas evidências e manifestações da

<sup>12</sup> <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>. Acesso em outubro/2019.

cultura, o indivíduo é despertado para a apropriação, valorização de sua herança cultural e de sua memória.

A memória é um dos elementos da constituição do patrimônio. Ela é considerada elemento fundamental da identidade, conferindo ao indivíduo um sentimento de pertencimento, identificação e diferenciação. Mas “memória é trabalho! Memória não se faz espontaneamente” (JELIN, 2002), o passado e as tradições não passam automaticamente de uma geração para outra; o passado deve ser conhecido, reapropriado e reelaborado, possibilitando o acesso à educação patrimonial e aos bens culturais, ao propor novas relações com a memória, o passado e a história.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1984 p. 13)

Nas últimas décadas, os museus, “lugares de memória” passaram a ser um importante espaço de interpretação de culturas e de educação dos cidadãos, possibilitando o fortalecimento da cidadania e do respeito às diferenças culturais e estimulando atividades de exploração, estudo, observação, pensamento crítico, contemplação e diálogo. São os “lugares de memória” que ordenam a memória artística, científica, histórica e cultural, articulando funções de preservação, investigação e comunicação.

Os museus são ambientes culturais e educativos. Pretendem educar por meio da sensibilização e cultivam a comunicação e produção de significados a partir de seus objetos, exposições, propostas educativas e outras. A exposição muitas vezes requer o uso da palavra, mas preenche o espaço também com outros sentidos, com outra materialidade, com outras significâncias. Luz, sombra, vazios, tridimensionalidade... vidros, textos e objetos... colecionadores, pesquisadores, museólogos, agentes educativos, visitantes... setas, cores, direções... memórias, esquecimentos... fios tecidos nos múltiplos gestos de interpretação. (PEREIRA, SIMAN, *et al.* 2007, p.11)

O Conselho Internacional de Museus (ICOM) definiu museu como uma “*instituição a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e está ligado à noção de patrimônio*”. Essa definição é dinâmica e se atualiza com os novos desafios de estruturação das coleções patrimoniais. A proliferação de lugares de memória, na atualidade, aponta para um fenômeno de desejo de memória e de identidade por meio do qual a sociedade projeta sua relação com e no tempo. Nesse ambiente de febre memorialista, muitos museus, tanto físicos quanto virtuais, foram criados.

No início dos anos 2000, surgiu um movimento para a implantação de um museu visando preservar a produção e reunir o acervo da formação musical do Clube da Esquina, mas até o

momento o Museu Clube da Esquina (MCE) é um *web museu*<sup>13</sup> com o objetivo de divulgar a produção artística e as histórias do Clube da Esquina. Nas palavras de Diniz (2012),

O *site* oficial *Museu Clube da Esquina*, que reúne fotos, depoimentos dos participantes da turma e de pessoas ligadas a eles, matérias jornalísticas, anexos com trabalhos acadêmicos, agenda cultural e demais *links*, representa, hoje em dia, um importante acervo documental sobre a trajetória desses músicos, letristas e amigos. A elaboração de tal endereço eletrônico, que em princípio se apoiou em uma parceria com a empresa *Museu da Pessoa*, engloba um dos principais projetos idealizados pela *Associação de Amigos do Museu Clube da Esquina*, organização sem fins lucrativos que, sob a coordenação de Márcio Borges, também foi fundada em 2004. (DINIZ, 2012, p.2)

Uma das iniciativas da Associação dos Amigos do Clube da Esquina, por meio do Museu do Clube da Esquina foi a publicação do Guia Turístico de Belo Horizonte: roteiro Clube da Esquina (2005), com o registro de locais representativos na história do grupo de artistas, complementado pela instalação de placas comemorativas que demarcam todos os espaços focalizados pelo guia. Locais de importantes experiências e trocas culturais entre os músicos do Clube da Esquina nas décadas de 1960 e 1970, como os Edifícios Levy, Archangelo Maletta, Cesário Alvim; a famosa esquina entre as ruas Paraisópolis e Divinópolis, no Bairro de Santa Tereza, a Rua da Bahia, dentre outros. São lugares específicos, pontos de encontro entre os músicos do Clube da Esquina com outros músicos, artistas e intelectuais, alguns desses lugares, como a Praça da Estação, Parque Municipal Américo René Giannetti e o prédio do Instituto de Educação de Minas Gerais, foram tombados pelo IEPHA MG como Patrimônio Cultural Protegido<sup>14</sup>. Para Garcia e Viana (2016), “as placas alimentam essa cartografia imaginária que intenta representar algum tipo de constância, frente às constantes transformações do espaço urbano”.

Ainda que as placas pareçam, em um primeiro momento, alheias à dinâmica urbana, estas possuem potencial como parte integrante da cartografia imaginária da cidade e trabalham para estriar seus espaços lisos sobrepondo sentidos e significados que contribuem para uma experiência urbana intensa. A atuação do MCE e sua atual

<sup>13</sup> Conforme Garcia e Viana (2016), O termo “museu virtual” é mais preciso para designar um museu sem prédio, originado como sítio na internet, que disponibiliza coleções, informações e conhecimento em interface digital aberta a um diálogo interativo com visitantes. Uma discussão dos termos encontra-se em Schweibenz (1998).

<sup>14</sup> “O patrimônio cultural protegido diz respeito aos bens culturais, materiais ou imateriais, que, em função de seu valor histórico, artístico, estético, afetivo, simbólico, dentre outros, receberam algum tipo de proteção pelo poder público, tal o como tombamento, o registro imaterial, o inventário ou outras formas de acautelamento previstas na legislação. Um bem cultural protegido encontra-se sob um regime especial de tutela pelo Estado, uma vez que a ele foi atribuído um valor social”. IEPHA MG <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-aco-es/patrimonio-cultural-protegido>. Acesso em novembro/2019.

tipologia são um reflexo dessas transformações. Mesmo sendo essencialmente um *web museu*, ele interfere no espaço urbano da capital aproximando os cidadãos e os turistas às novas noções de museu: de um lugar de culto do passado, de relações monológicas, isolado dentro de seus muros, para um lugar de debate, de relação dialógica, em que a história pode ser apreendida pelo “duplo movimento” de reflexão sobre o tempo, em que o presente poderá ser compreendido pelo passado e o passado pelo presente. (GARCIA E VIANA, 2016, p. 149)



**FIGURA 7: Placa colocada no Conjunto Archangelo Maletta, na Rua da Bahia em Belo Horizonte.**

**Fonte: acervo pessoal**

Museus, centros de memória e centros culturais têm realizado diversos trabalhos de Educação Patrimonial, num caráter de interatividade, como visitas guiadas, atividades envolvendo jogos pedagógicos e brincadeiras, aproximando o público do patrimônio que lhe pertence.

Desde a década de 1980, o termo “educação patrimonial” teve seu uso difundido no Brasil, e seus princípios foram sistematizados no *Guia de Educação Patrimonial* onde foi assim definido:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura em todos seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA & GRUMBERG & MONTEIRO, 1999, p. 6)

Os museus instituição fundamental, como ponto agregador da memória, em seu aspecto material, simbólico e funcional, promovem a educação por meio de objetos que valorizam a relação dos sujeitos com suas memórias e o patrimônio cultural. Na exposição, as ações educativas visam a interpretação dos bens culturais atribuindo-lhes sentido, além da valorização e da preservação da memória social e coletiva, proporcionando, em geral, diálogo entre professores, escolas e estudantes. Essas ações educativas contribuem para a circulação de

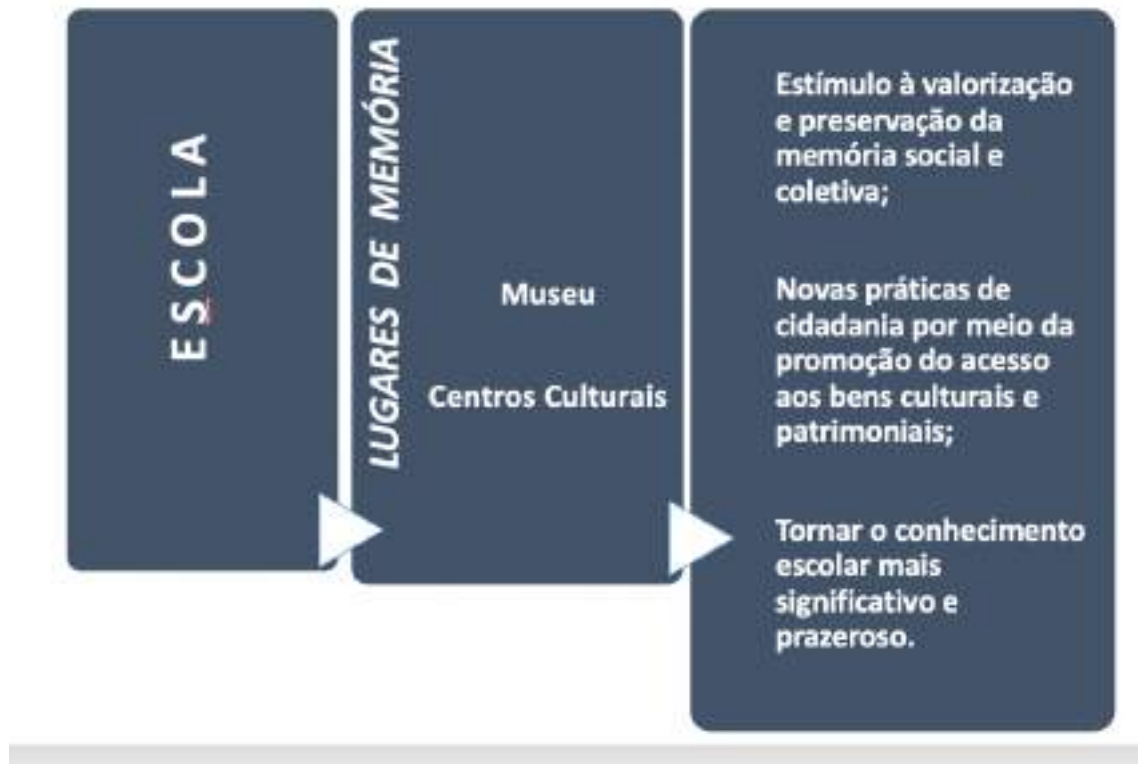
conhecimento, possibilitando a reflexão sobre memória, patrimônio, história, tradição e cultura.

Nesse contexto, as ações educativas, além de serem um estímulo à valorização e à preservação da memória social e coletiva, proporcionam diálogo entre professores, espaços museais e escolas, aproximando o público do acervo.

No que toca às instituições escolares, sobretudo a partir dos anos 1980, constata-se que essas têm aumentado o reconhecimento da importância que os espaços e instituições culturais têm para os processos educativos. Inúmeras têm sido as iniciativas de diálogo das escolas e de professores com outros espaços culturais - em especial os museus - com vistas a explorar o que esses espaços podem oferecer para a aquisição de conhecimentos, para o desenvolvimento de novas sensibilidades, por meio do emprego de outras linguagens e finalidades educativas. A escola, ao aproximar as crianças e os jovens desses espaços, espera, também, que os conhecimentos e experiências ali adquiridas contribuam para o desenvolvimento de uma atitude cidadã, que supõe problematização dos usos sociais da memória, das relações e produções materiais e simbólicas do homem ao longo do tempo, em diferentes sociedades e culturas. (NASCIMENTO, 2013, p. 190)

Mais do que atrair o público para os museus, as ações educativas contribuem para a construção de conhecimento, possibilitando a reflexão sobre memória, patrimônio, história, tradição e cultura. Conforme Dutra e Nascimento (2016), "o movimento da escola em direção aos *lugares de memória*" são um "estímulo à valorização e preservação da memória social e coletiva". Podem indicar também "novas práticas de cidadania, por meio da promoção do acesso aos bens culturais e patrimoniais", além de demonstrar "preocupações específicas de professores interessados em tornar o conhecimento escolar mais significativo e prazeroso, dentre outras preocupações" (Ibidem, 2016 p. 217). No quadro 2 apresentamos de forma linear alguns dos muitos objetivos possíveis que a escola busca nos lugares de memória.

## QUADRO 2 – Escola e os *Lugares de Memória*



Fonte: elaborado pela autora

No quadro 3 sintetizamos o movimento nesse processo de promover a Educação Patrimonial nas escolas onde

O professor é, assim, um agente cultural e patrimonial. Ao promover ações e disparar processos de sensibilização para com o patrimônio e para com as expressões culturais, ele explora as potencialidades educadoras das cidades, do entorno da escola e de suas instituições culturais, além das oportunidades educativas que podem ser criadas no interior da própria escola. (PEREIRA, 2007, p. 113)



### QUADRO 3 – Educação Patrimonial nas Escolas



Fonte: elaborado pela autora

Nossa proposta tem como objetivo preparar os professores para atuarem como agentes culturais e patrimoniais, promovendo práticas educativas voltadas à preservação do Patrimônio Cultural, com a formulação, implementação e execução de atividades que coloquem os alunos em contato com a obra do Clube da Esquina e o patrimônio material e imaterial da cidade de Belo Horizonte, fazendo da escola um dos *lugares de memória*. Dessa forma será possível maior conhecimento dos professores e dos alunos, sobre os bens culturais, o que contribuirá para o desenvolvimento do senso de respeito e responsabilidade na preservação e na valorização do patrimônio cultural local, bem como para o reconhecimento da sua diversidade.

Para o IPHAN 2014, o conceito de mediação de Vigotski é importante para atuação na área de Educação Patrimonial:

Em *Pensamento e Linguagem* (1998), ele mostra que a ação do homem tem efeitos que mudam o mundo e efeitos exercidos sobre o próprio homem: é por meio dos elementos (instrumentos e signos) e do processo de mediação que ocorre o desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores (PPS), ou Cognição. (IPHAN, 2014, p. 22).

Vigotski (2000) afirma também que o ensino possibilita o "despertar" de processos internos de desenvolvimento; é o contato do indivíduo com o ambiente cultural que o transforma e é na relação com outras pessoas mais experientes que o desenvolvimento ocorre, especialmente pelo processo de mediação. O conhecimento segundo ele, se constrói interagindo com o meio, transformando a experiência vivida em base para a construção de novas compreensões e significados. Os instrumentos e signos, social e historicamente produzidos, em última instância, mediam a vida. Segundo Vigotski é por meio dos elementos (instrumentos e signos) e do processo de mediação que ocorre o desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores (PPS), ou Cognição.

Os diferentes contextos culturais em que as pessoas vivem são, também, contextos educativos que formam e moldam os jeitos de ser e estar no mundo. Essa transmissão cultural é importante, porque tudo é aprendido por meio dos pares que convivem nesses contextos. Dessa maneira, não somente práticas sociais e artefatos são apropriados, mas também os problemas e as situações para os quais eles foram criados. Assim, a mediação pode ser entendida como um processo de desenvolvimento e de aprendizagem humana, como incorporação da cultura, como domínio de modos culturais de agir e pensar, de se relacionar com outros e consigo mesmo (IPHAN, 2014, p. 22).

Vigotski analisa sobre de que maneira o reflexo do mundo externo se dá no mundo externo, ou seja, a maneira pela qual os processos sociais históricos e culturais, interferem no desenvolvimento cognitivo, compreendendo que ao longo da história da humanidade, as estruturas do pensamento dos indivíduos se modificam e que essas mudanças são orientadas pela sociedade e a cultura. A “dinâmica da sociedade e da cultura interferem no curso do desenvolvimento do sujeito, transformando tanto sua relação com a realidade como sua consciência sobre ela” (SANTOS, 1997, p. 94).

Para o psicólogo russo, o processo pelo qual o indivíduo internaliza a matéria fornecida pela cultura não é um processo de absorção passiva, mas de transformação, de síntese, fazendo surgir o novo, novas formas de pensar, de se comportar, de agir. Instigando um constante movimento de recriação, reinterpretação de informações, conceitos e significados, ampliando a compreensão das relações entre cultura, aprendizagem e desenvolvimento humano.

De acordo com Freire (1988a), o caráter da liberdade no processo pedagógico ocorre na medida em que o homem transforma o seu mundo e a si mesmo, despertando as possibilidades criadoras humanas. Com o desenvolvimento da consciência crítica, que consiste na “transitividade da consciência ingênua para a consciência crítica”, no processo educativo, ocorrerá uma

qualificação na forma de intervir, uma motivação para ação transformadora dos sujeitos mundo (FREIRE, 2005).

Para tanto, as políticas de preservação devem priorizar a construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes institucionais e sociais e pela participação das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais. Nesse processo, as iniciativas educativas devem ser encaradas como um recurso fundamental para a valorização da diversidade cultural e para o fortalecimento da identidade local, fazendo uso de múltiplas estratégias e situações de aprendizagem construídas coletivamente (IPHAN, 2014, p. 20).

A importância da preservação do patrimônio cultural brasileiro, por meio da Educação Patrimonial dentre outras coisas, se dá por legar "às gerações futuras a possibilidade de fruição de sítios arqueológicos, fontes documentais, antigas expressões da arquitetura e do urbanismo do país, dentre outras manifestações culturais" (CUNHA, 2015 p. 11). Sendo o desenvolvimento de estratégias e de dinâmicas de ensino-aprendizagem em torno do Patrimônio Cultural "um dos pontos mais significativos" para garantir "a valorização, preservação e difusão dos bens culturais e das memórias interligadas a eles", ou seja, promover a educação para o patrimônio.

A Educação Patrimonial, tendo como base a valorização da diversidade cultural é um recurso para a afirmação das diferentes maneiras de ser e de estar no mundo. O patrimônio cultural apropriado e compreendido no contexto sócio-histórico objetiva a construção coletiva e democrática do conhecimento. As iniciativas educacionais relacionadas ao patrimônio devem ser encaradas como recursos que promovam a valorização da diversidade cultural e o fortalecimento da identidade local. É, portanto, nessa perspectiva, que se insere o presente projeto que tem como princípio a valorização do patrimônio cultural do movimento musical do Clube da Esquina e sua relação histórica e afetiva com a cidade de Belo Horizonte.

Para Napolitano (2002) "a música brasileira forma um enorme e rico patrimônio histórico e cultural, uma das nossas grandes contribuições para a cultura da humanidade".

Sendo uma rica produção cultural a obra do Clube da Esquina possibilita também a promoção da identidade cultural dos beloizontinos, onde boa parte do grupo de amigos se conheceu e iniciou seu trabalho, sendo reconhecidos internacionalmente.

Promover a Educação Patrimonial utilizando a canção se torna possível pois, a música popular brasileira é "território de encontros, fusões entre o local, o nacional e o cosmopolita; entre a

diversão, a política e a arte; entre o batuque mais ancestral e a poesia mais culta” Napolitano (2002, p 109).

#### **4.4 A música como recurso pedagógico**

**“A lição sabemos de cor  
Só nos resta aprender”  
(Beto Guedes e Ronaldo Bastos)**

A música se relaciona com os sentimentos, as emoções, com a sensibilidade e a individualidade humana. Todas as civilizações desenvolveram formas musicais de comunicarem ideias, sentimentos, sensações e percepções do mundo. Sons, ruídos e palavras são transformados por periodicidades, métricas e linhas melódicas por todas as civilizações, criando os instrumentos e as canções. A conexão entre a canção popular e a cultura oral faz o seu conteúdo ser de fácil transmissão e memorização, além da flexibilidade para sua execução, que pode ser apenas com o uso da voz e do próprio corpo, o que a aproxima das camadas mais populares.

A música faz parte da cultura de um povo, firmando-se como legítima forma de linguagem, sendo o registro de uma época, da organização social e cultural de um determinado grupo e configurando-se em patrimônio imaterial e elemento importante na constituição da cultura histórica dos sujeitos. Este projeto possibilita a aproximação das escolas às temáticas da música e da arte. Os registros fonográficos e o uso da internet possibilitam um vasto campo de pesquisa e descobertas.

Para Hermeto (2012, p. 12), “na cultura brasileira, a canção popular é arte, diversão, fruição, produto de mercado e, por tudo isso uma referência cultural bastante presente no dia a dia”. Segundo a autora, a música:

[...] como produto cultural popular confeccionado e consumido em larga escala, por todo o Brasil e em diferentes grupos socioculturais, é amplamente acessível e presente na vida dos estudantes. Assim sendo, como tema, objeto de estudo e fonte, ela é, genericamente, adequada a práticas escolares e planejamentos didáticos voltados para alunos de qualquer faixa etária. (HERMETO, 2012, p. 13)

Para Kater (2012):

Alternativas que ofereçam condições a crianças e jovens de tomarem contato prazeroso e efetivo com sua própria musicalidade, desenvolvê-la e vivenciá-la, mediante experiências criativas, a música em seu fazer humanamente integrador e transformador; o que significa desenvolverem seus potenciais, conhecerem-se melhor

e qualificarem sua existência no mundo. Cantar e tocar, ouvir e escutar, perceber e discernir, compreender e se emocionar, transcender tempo e espaço... há muito conteúdo e significado abaixo da superfície dessas expressões, que afloram todas as vezes em que experimentamos uma relação direta e por inteiro com a música. (KATER, 2012, p. 43)

Na Grécia antiga, a música era considerada fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da Matemática e da Filosofia. O filósofo grego Pitágoras acreditava que "acordes musicais e certas melodias criavam reações definidas no organismo humano". Para ele a música despertava "sensações de bem estar" e a "sequência correta de sons" poderia "mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura". A música, além de favorecer o "desenvolvimento afetivo", "melhora o desempenho escolar dos alunos" e contribui para "integrar socialmente os indivíduos" (BRÉSCIA, 2003). Segundo Figueiredo (2007), "aproximar música e pedagogia pode representar uma alternativa para que a educação seja compreendida, solicitada e aplicada sistematicamente".

Em reconhecimento da importância da música como disciplina, em agosto 2008, foi sancionada a lei 11.769<sup>15</sup>, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica, acrescentando um novo parágrafo à atual Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN/96) em seu artigo 26 – "a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular", após uma lacuna de trinta e sete anos.

A Lei 13.278/2016<sup>16</sup>, assinada pela então presidenta Dilma Rousseff em 2016, inclui as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica. A nova lei altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB — Lei 9.394/1996) estabelecendo prazo de cinco anos para que os sistemas de ensino promovam a formação de professores para implantar esses componentes curriculares no ensino infantil, fundamental e médio.

[...] a escola constitui-se de um espaço de construção de conhecimento. Nesse sentido, pode surgir como possibilidade de realizar um ensino de arte por meio do qual a música esteja ao alcance de todos. Para tanto, faz-se necessário à implantação de políticas de apoio e incentivo às atividades pedagógicas musicais. São diversas as lacunas existentes no que tange à presença da música na sala de aula em decorrência do desconhecimento de muitos professores sobre a natureza dos elementos fundamentais, como o som, o ritmo, a melodia, a harmonia. É evidente que a sensibilidade do professor e a compreensão de que existe uma diversidade de formas de pensar, lidar e gostar de música muito contribui para a construção do fazer musical. As indicações para o ensino da música nos Parâmetros Curriculares Nacionais bem como na Lei nº 11.769 por si só, não são suficientes. Acreditamos na necessidade da música ser entendida como uma linguagem universal, presente em todas as culturas e em todas as escolas. (TEIXEIRA 2013, p.122)

---

<sup>15</sup> Brasil, 2008.

<sup>16</sup> Brasil, 2016.

Kraemer (2000), esclarece o objetivo da educação musical

A pedagogia da música ocupa-se com as relações entre as pessoa(s) e a(s) música(s) sob os aspectos de apropriação e de transmissão. Ao seu campo de trabalho pertence toda a prática músico-educacional que é realizada em aulas escolares e não escolares, assim como toda cultura musical em processo de formação (Kraemer, 2000, p. 51).

Para Kraemer (2000), a Educação Musical, por ocupar-se das relações entre pessoa(s) e música(s), compartilha seu objeto de estudo com as chamadas Ciências Humanas: Filosofia, Antropologia, Pedagogia, Sociologia, Ciências Políticas e História. Além disso, ao tratar sempre do objeto estético música, está dada sua relação também com a Musicologia (Kraemer, 2000, p. 52). A interação da música com outros componentes curriculares, favorecem o ensino e a aprendizagem, contribuindo com o desenvolvimento global dos alunos.

A escola é de fato um espaço de construção do conhecimento e a educação uma prática social, onde os indivíduos envolvidos trazem consigo os contextos ao qual pertencem, suas necessidades, expectativas e experiências. Para Pimenta (1997b), a prática social da educação é o possibilita as investigações pedagógicas. Para a autora, a Pedagogia

(...) não se constrói como discurso sobre a educação. Mas a partir da prática dos educadores tomada como a referência para a construção de saberes - no confronto com os saberes teóricos. (...) E volta-se à prática a partir da qual e para a qual estabelece proposições (PIMENTA, 1997b, p. 47)

A particularidade da Pedagogia em relação às Ciências da Educação está no fato de ela ser uma ciência da prática, com a qual mantém uma relação de interdependência recíproca, sendo que a educação como prática - depende de diretrizes pedagógicas. E a Pedagogia - como ciência - depende de uma prática educacional anterior, a partir da qual se constrói (Pimenta, 1997b). Na ação dos educadores, os fenômenos educativos, são conhecidos para serem compreendidos e transformados.

Muitas escolas ainda não adaptaram seu currículo para cumprirem a lei 13.278 amparadas pelo prazo de cinco anos para ofertarem as disciplinas de música, teatro, dança e artes visuais para os alunos. Além disso, as escolas de ensino médio, sob responsabilidade dos estados já não estão mais obrigadas a oferecer o ensino de artes, devido a flexibilização aprovada na medida provisória nº 746, de 2016, que tornou o ensino de artes compulsório apenas na educação infantil e no ensino fundamental.

Em matéria publicada na Revista UBC<sup>17</sup> em agosto de 2008, Eliete Vasconcelos Gonçalves, professora de educação musical na rede municipal do Rio de Janeiro e secretária nacional do Fórum Latino-Americano de Educação Musical (FLADEM), considera que a necessidade da formação dos alunos para o mercado de trabalho, torna a arte algo dispensável e fútil na formação do trabalhador”, dessa forma “a formação integral e humanística” torna-se acessível apenas aos “que podem pagar por ela”.

Para Loureiro (2004), “não basta apenas reintroduzir a música no currículo escolar das escolas”. A inserção da música nas escolas depende de uma reflexão profunda sobre a realidade educacional no país, para que “nela a música possa ser vista e entendida como um componente curricular importante para a formação do indivíduo como um todo”. Para a autora, o que deve ser ensinado e aprendido pelos alunos precisa ser organizados tendo como base três critérios “de suma importância para a sua validação e operacionalização”.

Em primeiro lugar, os conteúdos devem possuir significado cultural para os alunos; em segundo lugar, devem emergir do seu próprio meio, ou dele se aproximar o máximo possível e, finalmente, possibilitar aos alunos meios para uma aproximação a novos conhecimentos, experiências e vivências. (LOUREIRO, 2004, p. 72)

Segundo a autora, as indicações nos Parâmetros Curriculares Nacionais não são suficientes para garantirem o ensino da música nas escolas, falta ainda entendimento da música “como uma linguagem com possibilidades de transformar, modificar e estabelecer uma nova concepção de homem, de sociedade e de mundo”, além de professores especializados. Para Loureiro

Depende, ainda, de uma vontade política e de investimentos, sobretudo na formação do professor. Se, atualmente, são raras as escolas que se propõem a realizar um trabalho bem orientado e metodologicamente estruturado para o ensino da música, não menos rara é a presença do professor especializado para se dispor a um trabalho dinâmico e de qualidade. (LOUREIRO, 2004, p.73)

Longe de querer suprir a lacuna que caracteriza o ensino da música na escola, a pesquisa visa contribuir com o processo educativo que toma a música como patrimônio cultural. O contato com a música, por meio de uma metodologia criativa e práticas didáticas voltadas à preservação do Patrimônio Cultural, permite a construção de um ambiente que propicia formas dinâmicas de aprendizado, possibilitando novas vivências e relações de parceria entre os alunos, despertando sensibilidade e fortalecendo vínculos com a cidade de Belo Horizonte e seu

---

<sup>17</sup> Fundada em 1942, a União Brasileira de Compositores - UBC é uma associação sem fins lucrativos, dirigida por autores, que tem como objetivo principal a defesa e a promoção dos interesses dos titulares de direitos autorais de músicas. <http://www.ubc.org.br/publicacoes/noticias/10482>. Acesso em novembro de 2019.

patrimônio.

Considerando-se que o gênero sertanejo é o mais executado nas rádios brasileiras e acessado nos principais serviço de *streaming* do país – YouTube, Deezer e Spotify<sup>18</sup>, a ampliação do universo sonoro dos jovens pode contribuir com o processo de sensibilização musical dos estudantes e formar público para a o estilo musical “música popular”. As canções do movimento musical Clube da Esquina, por exemplo, remetem a uma multiplicidade de influências e estilos sonoros como jazz, música religiosa, rock, entre outros, o que vai enriquecer o conhecimento e o repertório musical dos alunos, com possibilidade de ampliar para outros estilos.

Para Molina (2012):

Dependendo de como é vivenciada, a prática musical apresenta-se como laboratório privilegiado para o exercício de determinadas qualidades transversais a toda educação, como a cooperação, a paciência, a gentileza, a relativização da competição, a escuta de si e do outro. O desenvolvimento de tais qualidades é, paradoxalmente e ao mesmo tempo, responsabilidade pertinente a todas as disciplinas e a nenhuma delas exclusivamente. Mesmo sabendo que podem (e devem) ser trabalhadas em todos os campos, na música essas qualidades são quase sempre pré-requisitos, engrenagens, encaixes para um movimento conjunto. Além disso, a prática musical é também especialmente propícia para o fluir da criatividade, e pode trabalhar, sem grandes obstáculos, o exercício da liberdade com responsabilidade. (MOLINA, 2012, p. 7)

Ao promover a Educação Patrimonial utilizando o acervo musical do Clube da Esquina, estamos proporcionando o acesso aos bens culturais por meio da preservação e divulgação da memória musical brasileira, contribuindo, dessa forma, para a construção de novos conhecimentos, através da investigação que possibilitará o contato com a música popular, um dos patrimônios culturais de nosso país. Conforme afirma Nascimento (2013):

Escola e museus, como duas instituições responsáveis pela preservação da memória cultural, se encontram no desafio de ampliar o acesso aos bens culturais a um contingente enorme da população que está, ainda, privado do direito à fruição cultural. (NASCIMENTO, 2013, p. 182)

Escolas e museus encontram, na Educação Patrimonial, um processo que favorece a aprendizagem, a experimentação e a descoberta dos bens culturais que podem ser usados para ampliar horizontes dos alunos, oferecendo, por meio da cultura, estímulos ricos e significativos, despertando atitudes curiosas e aumentando, por consequência, a disponibilidade para a

---

<sup>18</sup>Pesquisa realizada em julho/2018 com 33 milhões de brasileiros em 12 capitais. Publicada pela Revista UBC, número 38 de novembro de 2018.



aprendizagem.

A Educação Patrimonial constitui um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural. A partir da experiência do contato direto e da fruição das manifestações culturais, a Educação Patrimonial procura levar para crianças e adultos um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural (HORTA *et al.*, 1999).

Explorar as possíveis abordagens pedagógicas da música popular brasileira, considerando sua complexidade como bem cultural e social, ampliará os horizontes de leitura de mundo dos alunos, além de possibilitar a fruição de um estilo musical pouco difundido pelos meios de comunicação.

Seria impossível trazer para a sala de aula todos os tipos de música produzidos no mundo, mas é possível fazer uma seleção e apresentar aos alunos possibilidades que permitam criar conexões culturais com a arte, a literatura, a história, e a geografia, dentre outras, de forma interdisciplinar, estabelecendo correspondência com outros conhecimentos e com sua própria vida. Dessa forma, podemos proporcionar um ambiente no qual os alunos podem desenvolver uma postura aberta, de curiosidade e receptividade aos vários estilos de música e ao próprio aprendizado.

Sendo a música, “absolutamente presente no cotidiano dos estudantes”, ela pode ser utilizada pelos professores de forma organizada e planejada, para que os alunos percebam “como a canção popular brasileira constrói representações sociais, exercendo papel ativo na construção de significados para o mundo” (Hermeto, 2012, p.15).

Ainda citando Hermeto (2012), “a canção popular caiu no gosto do público brasileiro – e estrangeiro – de forma arrebatadora”, sendo representante de hábitos e costumes brasileiros”, dos “valores correntes na sociedade num dado momento” sendo uma “combinação interessante de densidade com simplicidade, humor e crítica, paixão e dor”. A canção é um “produto cultural humano, uma forma de expressão, uma narrativa que interpreta e constrói o mundo” tornando-se uma forma de representação “por meio de imagens que se materializam no encontro de melodia e texto”, razão pela qual a canção emociona e “atinge tão diretamente a pessoas de camadas sociais diferentes”.

Segundo Napolitano (2002), em entrevista publicada na Revista História Hoje, não deve haver uma imposição ao apresentar um repertório para os alunos e tanto alunos e professores devem “desarmar” os ouvidos para novas experiências musicais. É permitir aos professores e alunos novas experiências e possibilidades, enriquecendo seu repertório musical.

Acho que deve haver uma combinação entre o gosto musical dos estudantes e a ampliação do seu repertório, como eixo do planejamento das atividades. A escola não deve ser mera reverberação do gosto geracional, construído a partir do mercado. Por outro lado, ela não pode impor um repertório aos alunos que não parta de suas experiências e preferências, buscando, obviamente, ir além. Não é uma negociação fácil, muitos alunos são surdos para novas experiências musicais, dada a extrema “tribalização” das audiências juvenis. Por outro lado, muitos professores têm um grande preconceito contra o gosto musical dos seus alunos. É preciso que as duas partes “desarmem” os seus ouvidos. O que importa é entender que a escuta de uma canção é parte da aula, de um tópico curricular, e não mera diversão em meio ao estudo “sério” de outros temas e fontes. O professor não deve ter medo de encarar a canção como um documento histórico, entre outros. (HERMETO E SOARES, 2017, p. 142).

Para Freire (2008), “Estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria”. É possibilitar uma educação comprometida com o indivíduo, com a sociedade da qual faz parte, em uma escola que seja um espaço para diálogo, descobertas, encontros e debates, um espaço para produção de conhecimento. Ao relacionar as canções do Clube da Esquina com Belo Horizonte, estaremos também contribuindo para formação de identidade, pertencimento e despertando emoção e afeto pela cidade.

Associar a Educação Patrimonial com a canção popular se torna uma opção interessante para professores e educadores tendo em vista a linguagem da canção, a visão de mundo que ela incorpora e traduz, e, finalmente, a perspectiva social e histórica que ela revela e constrói. Tanto a música quanto a Educação Patrimonial nos remetem a interdisciplinaridade, memória e diversidade, elementos que pode contribuir para um maior envolvimento dos alunos e professores, sendo facilitadores no processo de ensino e aprendizagem.

O uso da música como recurso pedagógico pode ser encontrado em WERLE (2010), HERMETO (2012), TELLES (2014) e MOREIRA & SANTOS & COELHO (2014).

## 5. O RECURSO EDUCATIVO DESENVOLVIDO NA PESQUISA

**“ E o que foi feito é preciso conhecer para melhor prosseguir  
Falo assim sem tristeza, falo por acreditar  
Que é cobrando o que fomos que nós iremos crescer  
Nós iremos crescer, outros outubros virão  
Outras manhãs, plenas de sol e de luz”  
(Milton Nascimento e Fernando Brant)**

Como recurso educativo do Mestrado Profissional Educação e Docência (PROMESTRE) foi desenvolvido um curso de Extensão Universitária para preparar o professor para promover a Educação Patrimonial nas escolas. Dessa forma o professor pode atuar como um multiplicador, o grande orquestrador de todo o processo de ensino e aprendizagem, pois sua interação terá planejamento e intencionalidade educativa. Nesse processo a escola vai exercer o papel de mediador, “contribuindo para criação de canais de interlocução que se valem, em especial, de mecanismos de escuta e observação”, incentivando a participação social na preservação dos bens<sup>19</sup>.

As ideias de Vigotski sobre o “processo de internalização” dos sistemas semióticos produzidos pela cultura com o poder de “transformação” e de Paulo Freire sobre a “consciência crítica” como motivação para transformar o mundo, são fundamentais para dar protagonismo ao professor que poderá promover a Educação Patrimonial nas escolas, utilizando as canções do Clube da Esquina como fio condutor, por meio de formulação, implementação e execução de atividades didáticas voltadas para a preservação do patrimônio cultural de Belo Horizonte.

O curso de extensão Clube da Esquina: Patrimônio Cultural de Belo Horizonte, foi realizado no Espaço do Conhecimento da UFMG (EC UFMG), conforme carta de anuência em anexo, nos meses de outubro (dias 19 e 26) e novembro (dias 23 e 30) de 2019. O curso foi pensado em dois módulos sequenciais, o primeiro mais teórico com contextualização dos conceitos e o segundo módulo prático, com os participantes desenvolvendo atividades didáticas que relacionam a música com a cidade.

De acordo como *release* para divulgação, o curso foi “voltado para professores e estudantes de licenciatura”, tendo como objetivo “preparar o professor para promover a Educação Patrimonial

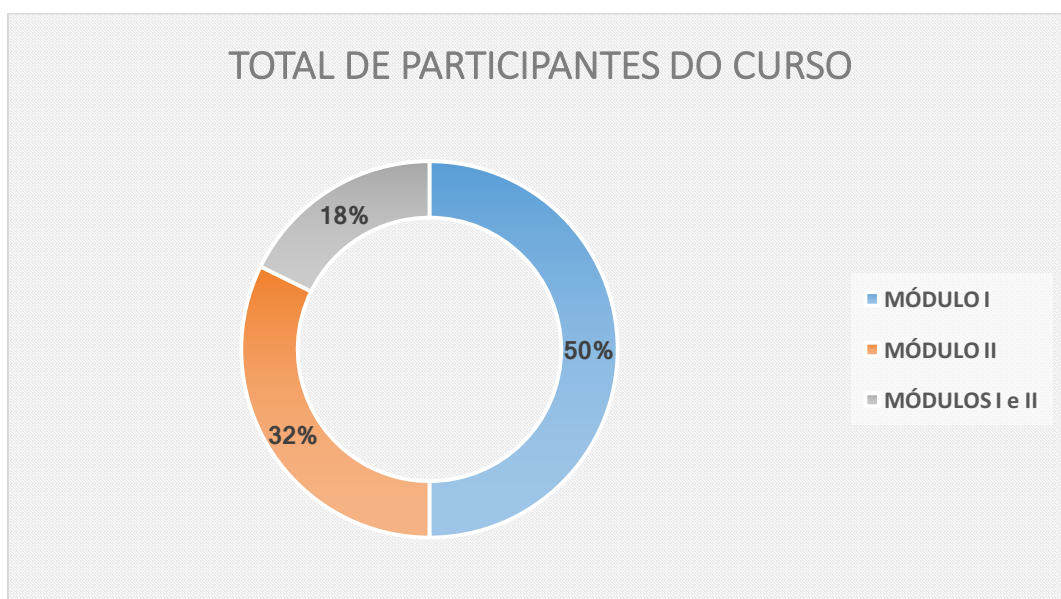
---

<sup>19</sup> IPHAN 2014.

nas escolas a partir das canções do Clube da Esquina, grupo de músicos mineiros liderados por Milton Nascimento cuja trajetória se mistura a lugares e momentos históricos da capital mineira”.

No sistema para realizar a inscrição *on line* não ficou claro que o curso seria dividido em dois módulos sequenciais e algumas pessoas fizeram inscrição para apenas um dos encontros. Na divulgação do curso de outubro, foi acrescentada no folder de divulgação a informação módulo I e II, mesmo assim alguns tiveram dificuldade para fazer a inscrição para os dois encontros. Os cursos ofertados em outubro e novembro tiveram um total de trinta e um inscritos, sendo que 50% participaram do módulo I, 32% do módulo II e 18% participaram dos dois módulos, conforme quadro I. No início do módulo I foi solicitado aos participantes que preenchessem termo de autorização para uso de imagens e o questionário P1(ambos em anexo) para conhecer o perfil dos participantes. Ao final do módulo II, os participantes preencheram o questionário de avaliação P2 (em anexo).

**GRÁFICO 1**



**Fonte: elaborado pela autora**

O Espaço do Conhecimento ofereceu toda a estrutura necessária para a realização do curso: sala com mesa, cadeiras, projetor multimídia, caixa de som, impressão de cópias, canetas, papel e um funcionário para acompanhar e dar suporte. Os quatro encontros foram fotografados sendo que o último, do dia 30 de novembro/2019, foi filmado pela equipe do Espaço do Conhecimento.



**FIGURA 8: Material de divulgação do curso de outubro/2019. Fonte: divulgação EC UFMG**



**FIGURA 9: Material de divulgação do curso de novembro/2019. Informação do curso em módulos. Fonte: divulgação EC UFMG**

### **EMENTA**

Apresentar os conceitos de Educação Patrimonial; Patrimônio material e imaterial; História de Belo Horizonte. Discutir a Música Popular Brasileira como patrimônio cultural a partir da contextualização histórica e política. Abordar os Festivais da Canção (1960-1970) com ênfase em Milton Nascimento. Analisar o Clube da Esquina e sua relação com os lugares de Belo Horizonte.

Estratégia didática: atividades práticas focadas no Clube da Esquina como recurso didático interdisciplinar.

## **PROGRAMAÇÃO DAS ATIVIDADES**

*(Playlist com músicas do Clube da Esquina)*

### **Módulo I**

- Preencher formulário P1 (perfil do participante).
- Apresentação dos participantes:
- Separar os participantes em dupla. Um colega apresenta o outro e cada um marca no mapa de Belo Horizonte a região onde vive e falar da sua relação com a cidade.  
Material: banner com mapa da cidade de Belo Horizonte.
- Contextualização de Patrimônio, Patrimônio Cultural, História de Belo Horizonte, Música Popular Brasileira, Era dos Festivais, Milton Nascimento e Clube da Esquina.  
Material: Projetor multimídia e caixa de som.
- Com uso de imagens distribuídas em grupo, classificar verbalizando o que é patrimônio material e imaterial.
- Apresentar o álbum Clube da Esquina (EMI Odeon, 1972) e contextualizar. Apresentar os locais de Belo Horizonte que têm relação com o grupo de artistas: Praça 7, Santa Teresa, Edifício Maletta, Colégio Estadual Central, Edifício Levy. Falar da relação dos locais com a história do Clube da Esquina e com o Patrimônio Cultural de Belo Horizonte. Estimular participação dos alunos.  
Material: imagens impressas.
- Atividade para alunos: montar três quebra-cabeças: imagens de Milton Nascimento, capa do álbum Clube da Esquina (EMI Odeon, 1972) e grupo reunido na gravação do programa de televisão. Comentar cada imagem; perguntar aos participantes quem são

os meninos da capa. Mostrar matéria da Ana Clara Brant que identifica os meninos da capa 40 anos após o lançamento do disco.

Material: álbum Clube da Esquina, quebra-cabeças, matéria impressa do jornal Estado de Minas.

- Apresentar vídeos com as músicas Maria Maria, Coração Civil e Paisagem da Janela, estimulando que os alunos soltem a voz.

Material: projetor multimídia e caixa de som.

**OBSERVAÇÃO: Todas as atividades propostas foram realizadas nos dois cursos.**

## **Módulo II**

- Apresentação dos participantes que vieram pela primeira vez.
- Revisão do conteúdo do módulo I.
- Apresentação de dupla (voz e violão) com músicas do Clube da Esquina.
- Vídeo Bola de Meia, Bola de gude. Trabalhar com as palavras: Amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria, amor, menino, moleque, passado, presente, assombrar, sacanagem, solidão. Perguntar aos alunos como as palavras podem ser trabalhadas em sala de aula.
- Discussão: Infância dos avós, pais e das crianças do século XXI.
- Material: palavras impressas em cartolina, projetor multimídia e caixa de som.
- Atividade: Disponibilizar textos, fotos, letras de música, recortes de jornal para elaboração de atividades relacionadas ao patrimônio, memória e Clube da Esquina. Apresentar resultado para o grupo.
- Discussão: É possível aplicar as atividades desenvolvidas em sala de aula?

- Material: textos, fotografias, recortes de jornal, letras de música, vídeos, livros, revistas.
- Preencher formulário P2 (avaliação do curso).

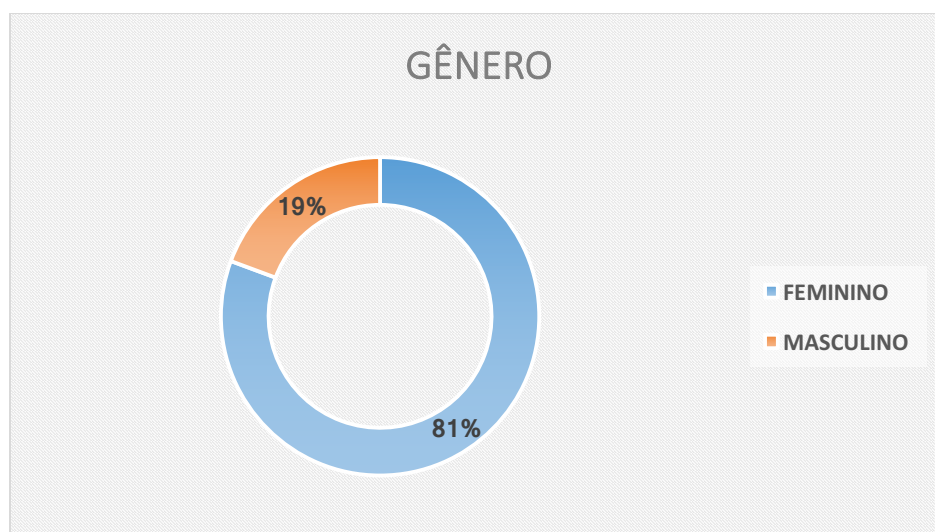
**OBSERVAÇÃO:** Das atividades propostas a única que não foi executada totalmente foi com a música *Bola de Meia*, *Bola de Gude*, realizada parcialmente apenas no curso de novembro. Assistimos ao vídeo e comentamos sobre possíveis atividades para serem realizadas em sala de aula.

Depois da experiência no curso de outubro/2019, foram feitos pequenos ajustes para o curso de novembro, como o aprofundamento do conteúdo sobre a história de Belo Horizonte; os participantes foram estimulados para soltar a voz e cantar, além de acompanharem o ritmo da música com as mãos (palmas e estalar de dedos) e os pés; reafirmamos a necessidade de escolher uma música do repertório do Clube da Esquina para o desenvolvimento das atividades didáticas.

### 5.1 Coleta de dados – MÓDULO I

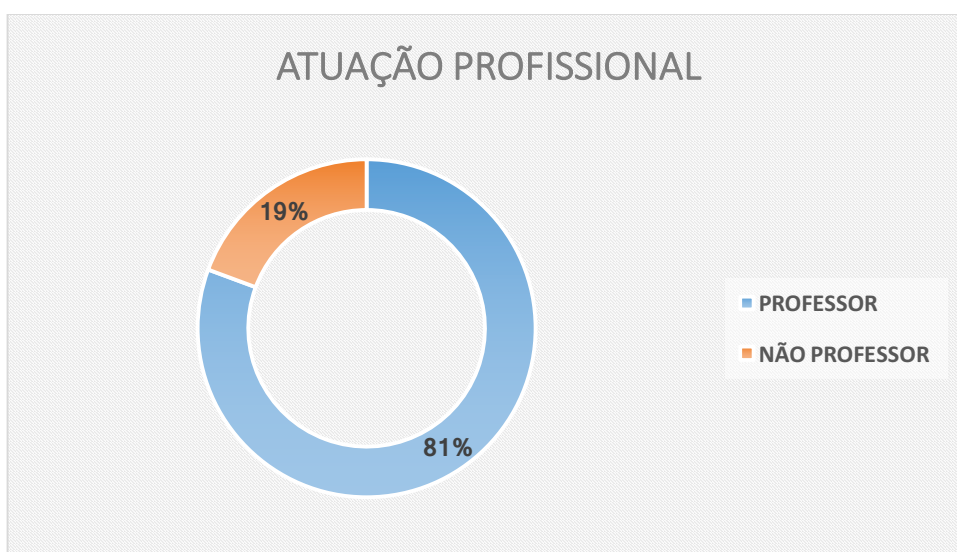
Trinta e uma pessoas participaram dos dois cursos, sendo 81% mulheres e 19% homens. Mesmo a *release* direcionando o curso para professores e estudantes de graduação, pessoas que não lecionam também fizeram o curso. Gráficos 2 e 3.

**GRÁFICO 2**



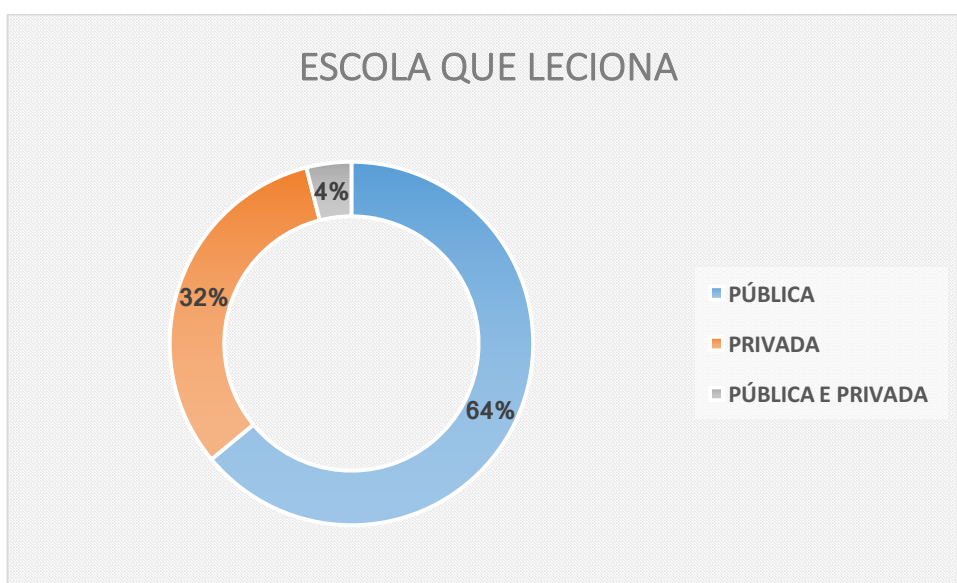
Fonte: elaborado pela autora



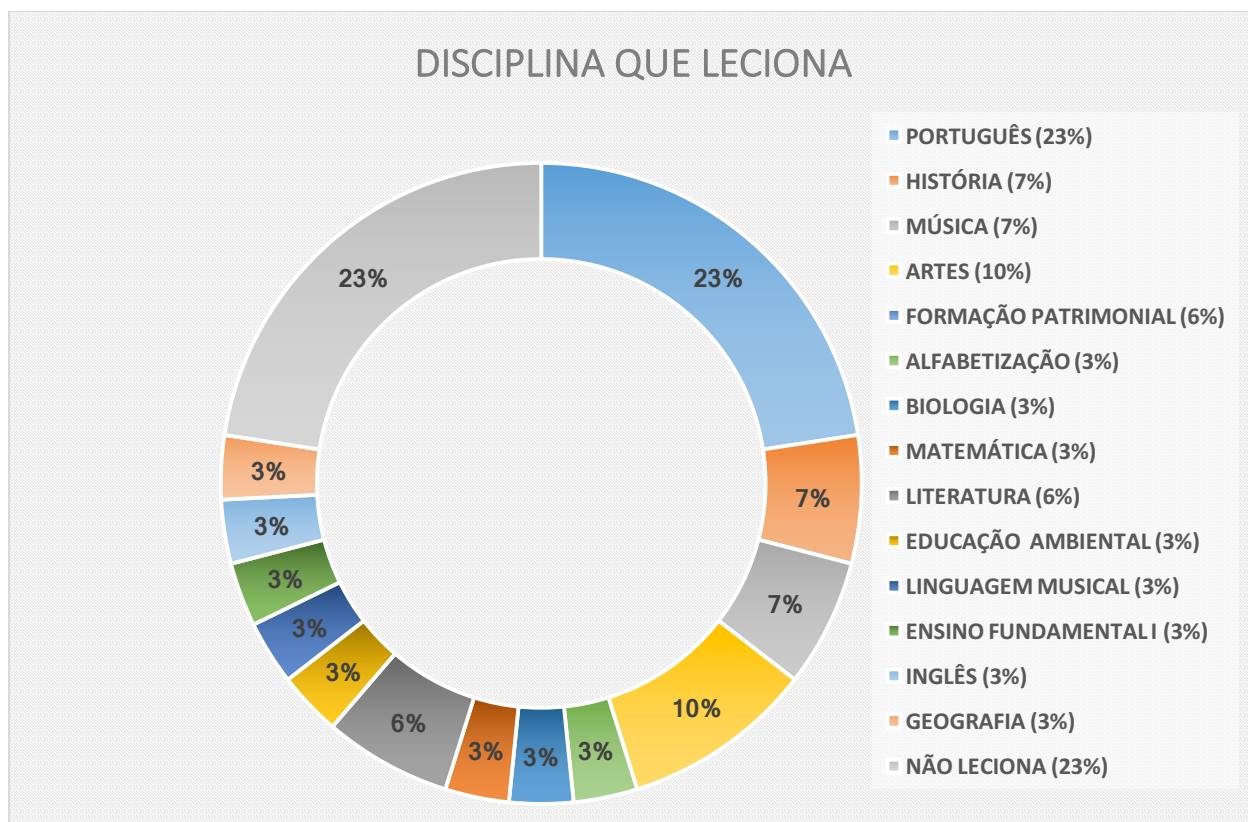
**GRÁFICO 3**

**Fonte: elaborado pela autora**

64% dos professores lecionam em escolas públicas, 32% em escolas privadas e 4% lecionam em escolas públicas e privadas, nas seguintes áreas: Inglês, Geografia, Matemática, Ensino Fundamental I, Literatura, Biologia, Alfabetização, Linguagem Musical, com destaque para Português (23%), Artes (10%), História (7%) e Música (7%). Gráficos 4 e 5.

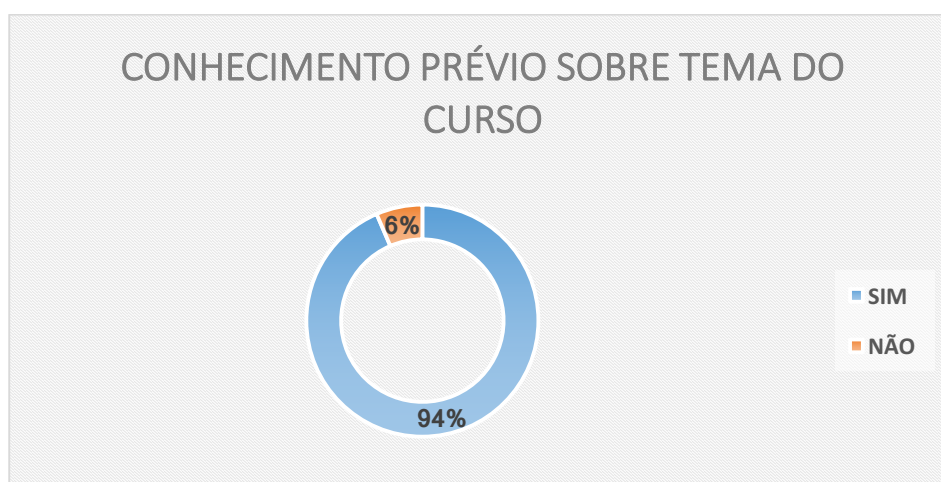
**GRÁFICO 4**

**Fonte: elaborado pela autora**

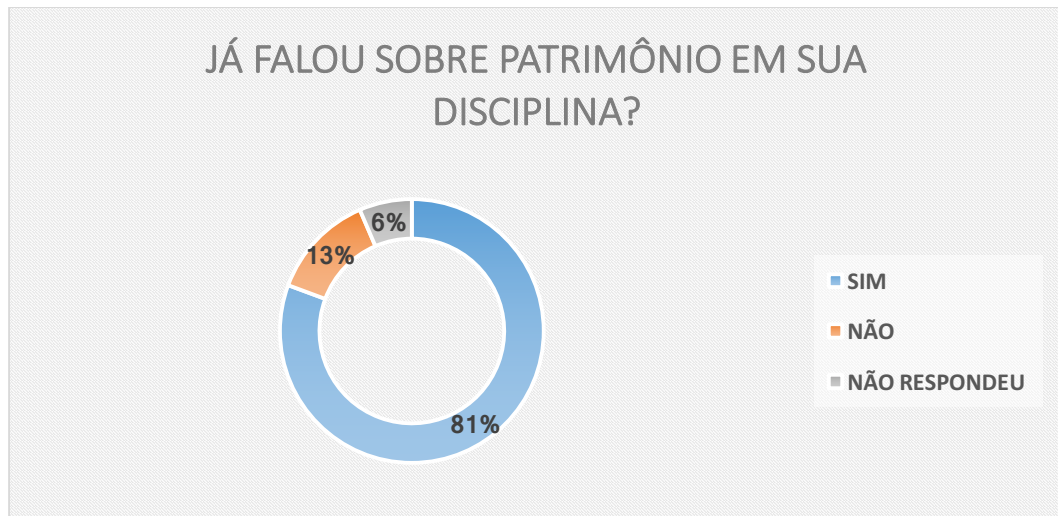
**GRÁFICO 5**

Fonte: elaborado pela autora

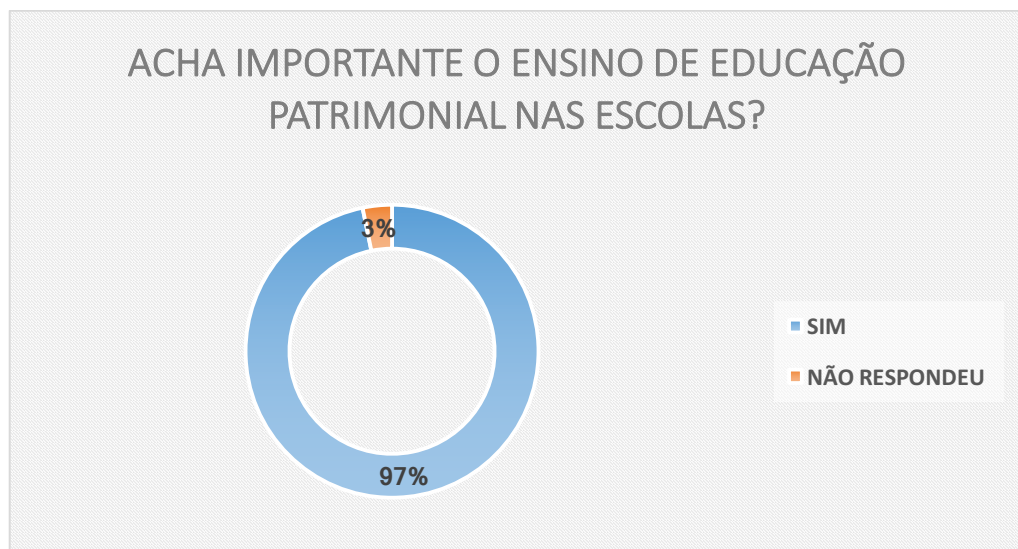
94% participantes tinham conhecimento prévio sobre o tema Patrimônio e/ou sobre o Clube da Esquina. 81% dos professores já haviam abordado o tema Patrimônio em sua disciplina. 97% dos participantes consideram importante o ensino de Educação Patrimonial nas escolas. Gráficos 6, 7 e 8.

**GRÁFICO 6**

Fonte: elaborado pela autora

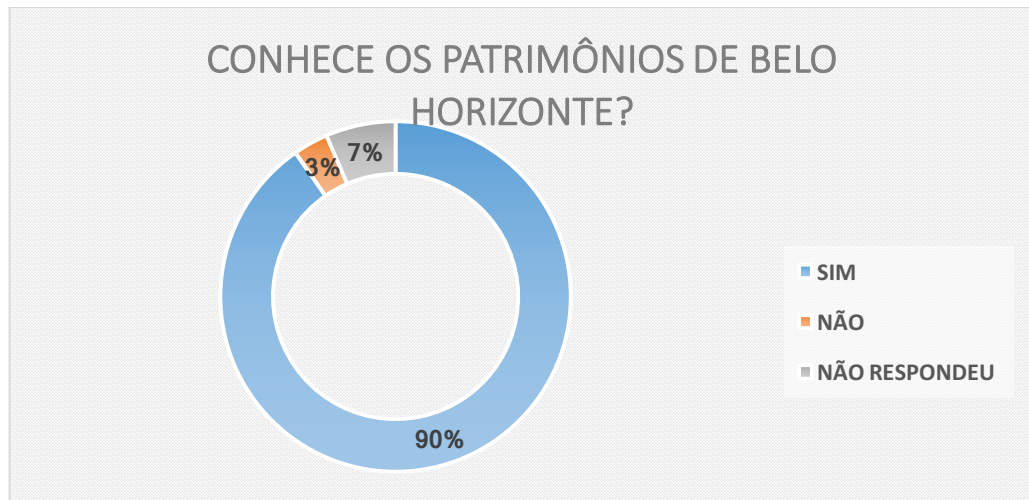
**GRÁFICO 7**

Fonte: elaborado pela autora

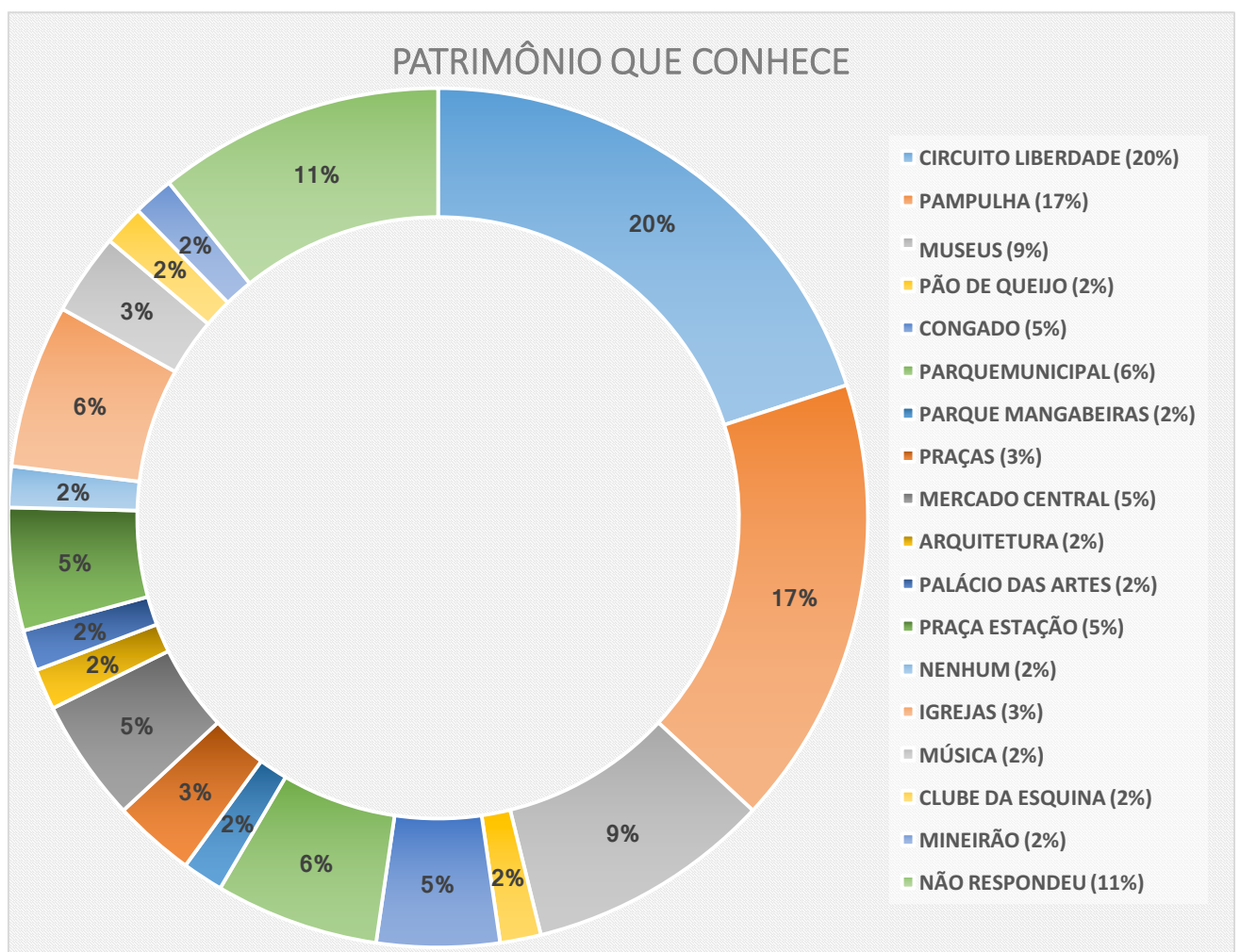
**GRÁFICO 8**

Fonte: elaborado pela autora

Um percentual de 90% dos participantes disseram que conhecem os Patrimônios de Belo Horizonte, 7% não conhecem e 3% não responderam. Quando perguntamos quais os Patrimônios Culturais de Belo Horizonte, foram mencionados alguns patrimônios com destaque para o Circuito da Praça da Liberdade (20%), Conjunto Arquitetônico da Pampulha (17%), Praça da Estação e Mercado Central (5%). Desses 11% dos participantes não responderam quais patrimônios conheciam. Algumas pessoas indicaram locais que não são patrimônios, como o Mineirão, Palácio das Artes e Parque das Mangabeiras. Gráficos 9 e 10.

**GRÁFICO 9**

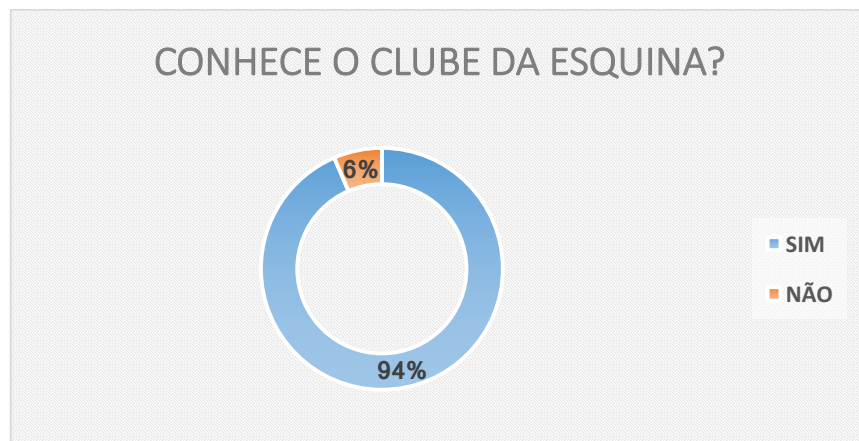
Fonte: elaborado pela autora

**GRÁFICO 10**

Fonte: elaborado pela autora

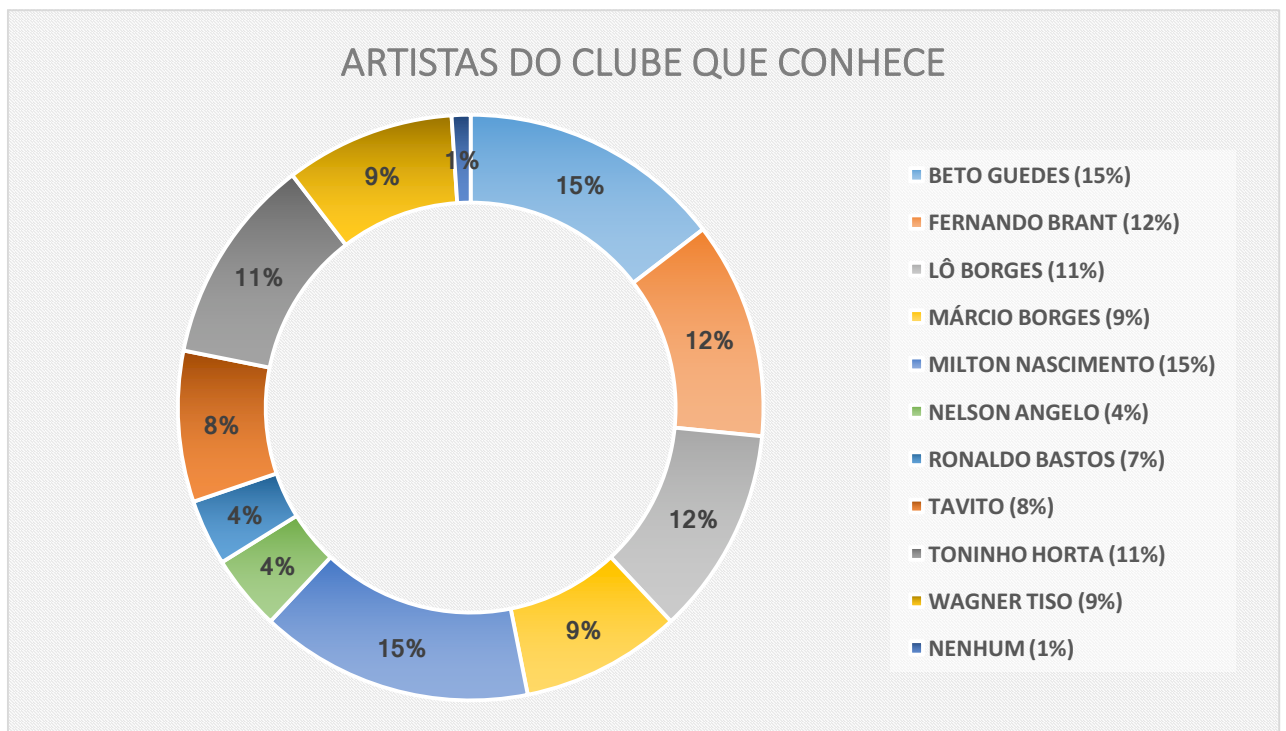
A grande maioria, 94%, dos participantes afirmaram conhecer o Clube da Esquina. Do grupo de amigos, os mais conhecidos pelos participantes são Milton Nascimento e Beto Guedes (15%), Fernando Brant (12%), Lô Borges e Toninho Horta (11%), Márcio Borges e Wagner Tiso (9%). Neslson Angelo (4%) é o menos conhecido e 1% não conhece nenhum dos artistas. Gráficos 11 e 12.

**GRÁFICO 11**



Fonte: elaborado pela autora

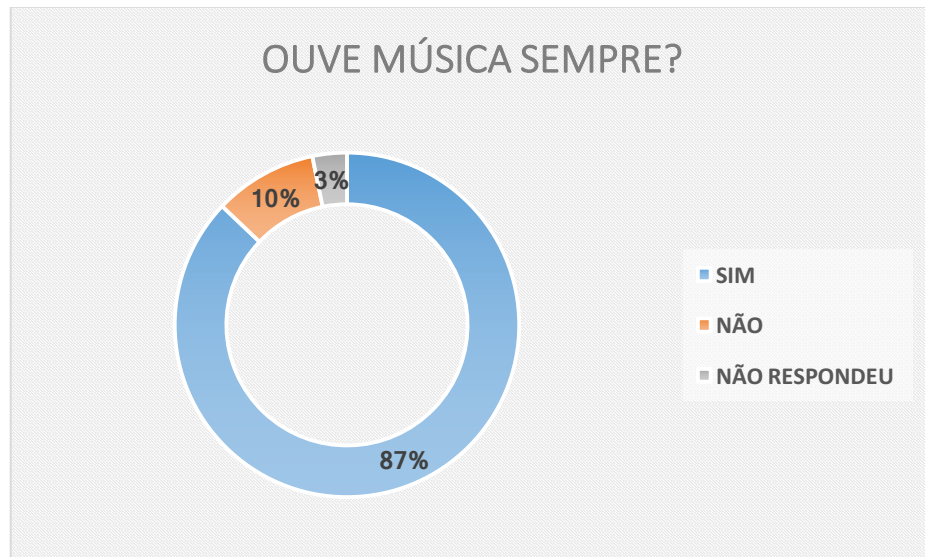
**GRÁFICO 12**



Fonte: elaborado pela autora

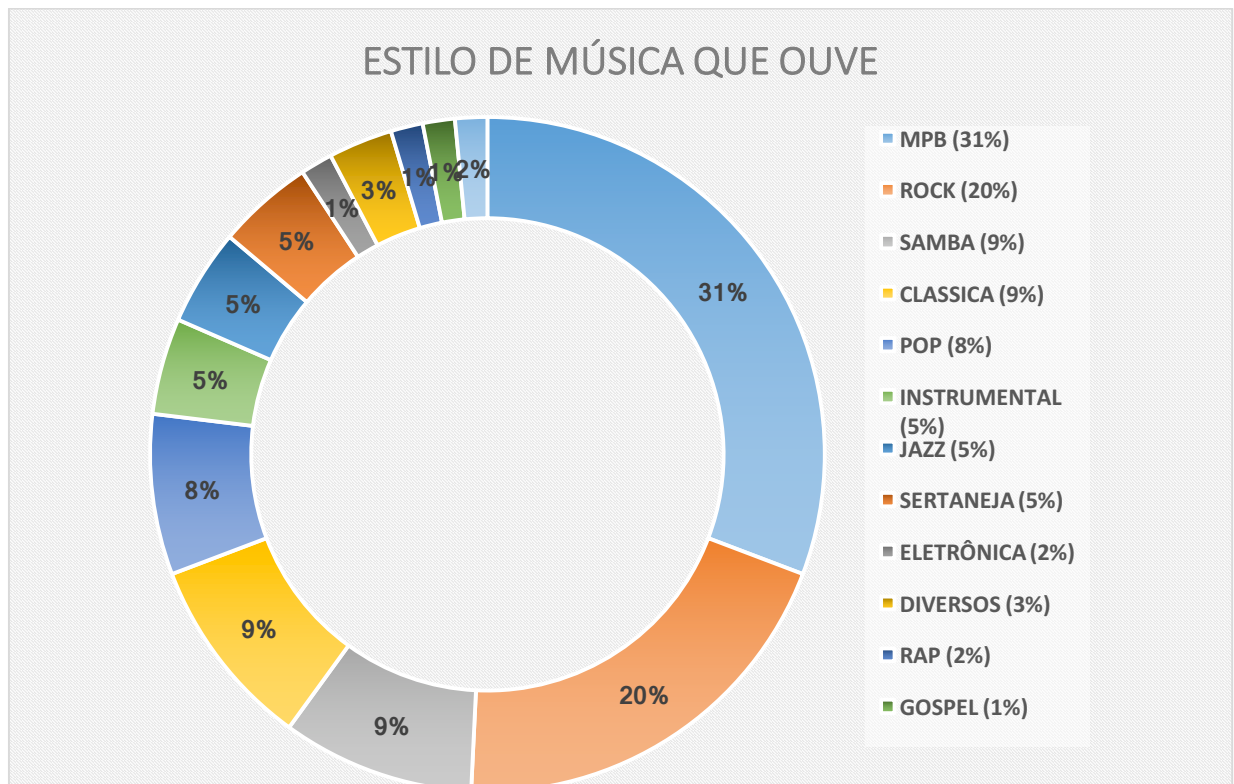
Parte significativa, 87%, dos participantes afirmaram ouvir música com frequência e os estilos que se destacaram foram MPB (31%), Rock (20%), Samba e Música Clássica (9%) e Pop (8%). Gráficos 13 e 14.

**GRÁFICO 13**



Fonte: elaborado pela autora

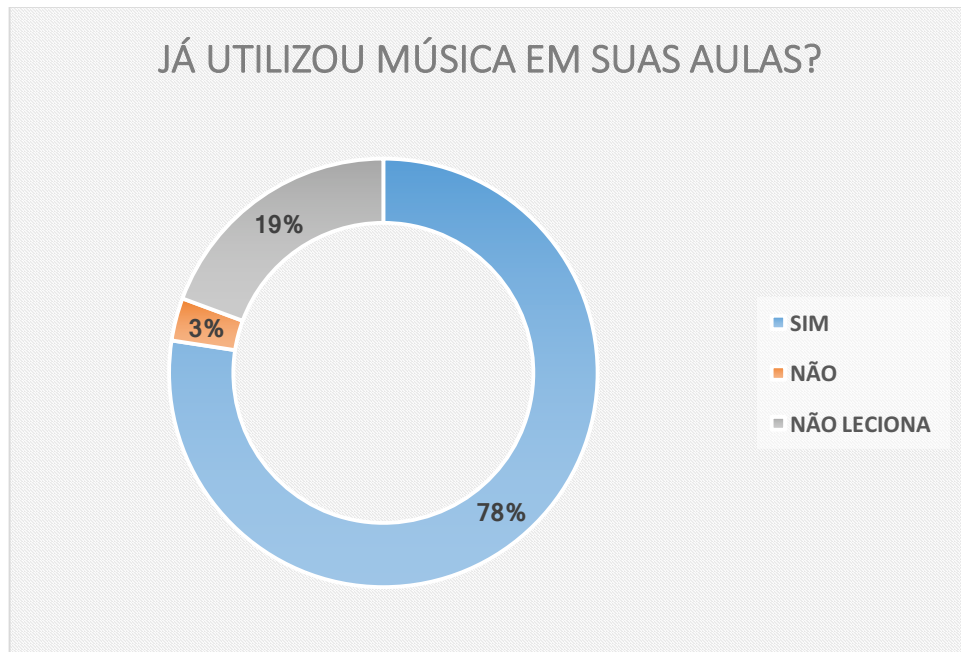
**QUADRO 14**



Fonte: elaborado pela autora

Muitos dos professores, 78%, afirmam que já utilizaram música em suas aulas (gráfico 15) e todos os participantes consideram importante a música popular brasileira estar nas escolas.

**GRÁFICO 15**



Fonte: elaborado pela autora

## 5.2 Descrição das atividades realizadas

### MÓDULO I

Foi solicitado que cada participante respondesse o questionário P1 e preenchesse o termo de autorização para uso de imagem. Iniciamos o curso pelas apresentações, os participantes conversaram em dupla e depois se apresentaram para a turma, assinalando no mapa de Belo Horizonte o bairro em que vivem. Durante as apresentações os participantes falaram de sua relação com a cidade e seu patrimônio. A maioria das pessoas ficam mais na região onde moram, estudam e trabalham e poucas vezes saem para visitarem outros lugares. Percebemos que a maioria dos participantes desconhecem os Patrimônios Culturais da cidade.



**FIGURA10: Participante da oficina marcando no mapa a região da cidade onde vive.**

**Fonte: Acervo Espaço do Conhecimento da UFMG (EC UFMG)**

Mesmo se limitando à sua própria região e circulando pouco por outras partes da cidade, os participantes reconhecem a importância de se apropriar dos espaços públicos, de conhecer melhor a cidade e valorizar seus patrimônios culturais. Durante as apresentações também foi levantada a questão da falta de acesso das pessoas da periferia ao Circuito Cultural da Praça da Liberdade, onde muitos passam indo ou vindo do trabalho e desconhecem que o espaço é público tendo várias atividades oferecidas de forma gratuita. Foi levantado também o caráter excludente da cidade desde seu planejamento, quando os espaços foram “delimitados, classificados e ordenados de acordo com as funções, necessidades sociais”, privilegiando os funcionários públicos e pessoas com melhor poder aquisitivo. Questionados como essa situação pode ser mudada, foi sugerido apresentar esses espaços para os alunos por meio de excursões ou atividades com uso da internet.

Outra questão apresentada foi a opção da cidade pelo apagamento da memória, tendo em vista que Belo Horizonte foi projetada para representar o novo, pois a antiga capital Ouro Preto possui “arquitetura e estruturas do passado colonial que queriam ser apagadas pelos republicanos”. Seria Belo Horizonte uma cidade destinada ao apagamento de sua memória? A Educação Patrimonial nas escolas poderia contribuir para dar protagonismo ao nosso patrimônio cultural? Essas perguntas foram feitas para instigar a reflexão dos participantes.



Uma apresentação em PDF orientou a contextualização sobre Patrimônio, história da fundação de Belo Horizonte, música popular brasileira, Milton Nascimento, Clube da Esquina e sua relação com a capital mineira. O uso de imagens colaborou para que a narrativa fosse acompanhada de forma atenta pelos participantes, que faziam comentários e perguntas, ampliando a compreensão sobre a relação do Clube da Esquina como patrimônio de Belo Horizonte.

Após a contextualização, foi solicitado aos participantes separar as imagens em patrimônio material e imaterial. A imagem do álbum Clube da Esquina (EMI-Odeon, 1972) foi incluída no grupo do patrimônio imaterial, dando início à apresentação dos lugares de Belo Horizonte que fazem parte da história do grupo de músicos, sendo que alguns deles são tombados pela IPHAN, como a Praça Sete de Setembro, Praça da Liberdade, Instituto de Educação de Minas Gerais, Praça da Estação e o Parque Municipal. O *Guia de Belo Horizonte: roteiro Clube da Esquina* publicado pelo Museu do Clube da Esquina em 2005, foi a referência para associar os lugares do Clube da Esquina aos patrimônios culturais da capital mineira.



**FIGURA 11: Imagens da Praça Sete de Setembro apresentada para os alunos, um dos locais que segundo o *Guia de Belo Horizonte: roteiro Clube da Esquina*, faz parte da história do grupo de amigos. Fonte: elaborado pela autora com imagens da internet**



FIGURA 12: Página 34 do *Guia de Belo Horizonte: roteiro Clube da Esquina* (2005). Acervo pessoal

Na sequência foi entregue a eles os três quebra-cabeças desmontados com imagens relacionadas ao Clube da Esquina: dos meninos da capa (álbum de 1972), do cantor e compositor Milton Nascimento e do grupo de artistas reunidos para gravar um especial de televisão. Cada quebra-cabeça e sua respectiva imagem, deu margem a vários comentários e perguntas. Os participantes demonstraram interesse em descobrir quais imagens seriam montadas, despertando sua curiosidade para obterem mais informações sobre as imagens apresentadas.



**FIGURA 13: Montagem de quebra cabeças com imagens relacionadas ao Clube da Esquina.**

**Fonte: Acervo EC UFMG**

Perguntados sobre quem eram os meninos da capa, pedi para quem tinha conhecimento prévio, não comentar com os colegas. Após ouvir as suposições, entreguei a matéria do jornal Estado de Minas, assinada pela jornalista Ana Clara Brant, que contava quem eram os meninos da capa, 40 anos depois. Observei que a reportagem do Estado de Minas deu margem a muitos questionamentos, os participantes ficaram admirados dos meninos ficarem tantos anos sem saber que eram capa de um disco muito conhecido. Uma das questões levantadas foi a autorização para o uso de imagem que atualmente é amplamente discutida por causa das redes sociais, mas que na década de 1970 quando o álbum foi lançado, não se falava tanto da questão do direito autoral.

A capa do álbum foi o ponto de partida para falar mais da produção musical do Clube da Esquina e do caráter coletivo que permeia a produção musical dos mineiros, da amizade que uniu os músicos desde sua concepção à gravação do disco, que foi registrada nas fotos da parte interna do disco pelos fotógrafos Cafu e Juvenal Pereira.



**FIGURA 14: Apresentação do álbum Clube da Esquina (EMI-Odeon, 1972).**

**Fonte: Acervo EC UFMG**

Para encerrar as atividades do primeiro módulo, os participantes foram convidados para cantar as músicas Maria Maria, Coração Civil e Paisagem da Janela. No início as pessoas ficaram meio tímidas, mas cantaram e foram soltando a voz para cantar as letras de Fernando Brant.

*“Mas é preciso ter manha  
É preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca  
Possui a estranha mania  
De ter fé na vida”*

**(Maria Maria - Milton Nascimento e Fernando Brant)**

*“Quero a utopia, quero tudo e mais  
Quero a felicidade dos olhos de um pai  
Quero a alegria muita gente feliz  
Quero que a justiça reine em meu país  
Quero a liberdade, quero o vinho e o pão*

*Quero ser amizade, quero amor, prazer  
 Quero nossa cidade sempre ensolarada  
 Os meninos e o povo no poder, eu quero ver”*  
**(Coração Civil - Milton Nascimento e Fernando Brant)**

*“Da janela lateral do quarto de dormir  
 Vejo uma igreja, um sinal de glória  
 Vejo um muro branco e um voo pássaro  
 Vejo uma grade, um velho sinal”*  
**(Paisagem da Janela – Lô Borges e Fernando Brant)**

Nesse primeiro módulo todo o conteúdo teórico foi dado e os comentários dos participantes deram margem ao desenvolvimento de temas relacionados ao Patrimônio Cultural, história de Belo Horizonte, Música Popular Brasileira e Clube da Esquina. Um dos pontos que mais chamou a atenção foi a preocupação dos participantes com a inclusão da população nos espaços públicos e patrimônios do município, tendo em vista a concepção excludente do próprio planejamento da cidade. Outro aspecto levantado foi a não fruição das camadas populares ao patrimônio como é o caso do Mercado Central, que originalmente foi uma conquista de pequenos comerciantes, atendendo a população local, e atualmente é um importante ponto turístico da cidade, que recebe visitantes de várias partes do Brasil e do exterior e conta atualmente com grandes lojas, um contraste com as pequenas bancas dos primeiros anos de sua inauguração.

A polarização política pela qual nosso país está passando também foi tema de uma discussão muito emocionada, foi abordado também o prestígio que as universidades têm dado à área de exatas em detrimento da área de humanas, a perda de apoio dos projetos sociais e dos direitos humanos. Uma participante disse uma frase em voz embargada: “não se pode hierarquizar a vida humana, a vida humana não é negociável”. A conclusão que o grupo chegou é que dialogar é fazer política e o diálogo é importante para conhecer outros pontos de vista, é falar e ouvir, refletir. É respeitar o outro. E foi com respeito que as pessoas foram ouvidas e se sentiram à vontade para participar, opinar e contribuir para enriquecer o conteúdo do curso. Outro fato interessante foi a participação de duas pessoas que estavam na recepção do museu pouco antes

do início das atividades, ficaram sabendo do curso e foram até a sala saber se poderiam participar, imediatamente foram aceitas e se acomodaram na sala. As duas eram do sul de Minas e estavam passando férias na cidade, uma delas é empresária e professora aposentada. Foi surpreendente o envolvimento e participação nos quatro encontros. A cada questão apresentada era solicitada a contribuição da turma com sugestões baseadas na sua própria experiência, o que tornou a conversa muito rica e produtiva. Durante todo o curso, quando uma questão era apresentada, o grupo era questionado para dar sugestões, o que resultava em discussões que enriqueciam e às vezes iam além do conteúdo proposto. As discussões, tanto as pertinentes quanto as que fugiam do tema, foram mediada para retomar o conteúdo proposto. Pelo nível de discussão, ficou claro que as pessoas estão inquietas e buscam um caminho guiados pela chama da esperança, nesses tempos de tanta divisão e intolerância. Esperança que está presente nas canções do Clube da Esquina e que tanto toca nossos corações e nos emociona, indo de encontro aos nossos anseios por dias melhores, nos motivando a seguir em frente.

*“Olha*

*Sempre poderemos viver em paz*

*Em tempo*

*Tanto a fazer pelo nosso bem*

*Iremos passar*

*Mas não podemos nunca esquecer*

*De mais alguém*

*Que vem*

*Simples inocentes a nos julgar*

*Perdidos*

*As iluminadas crianças*

*Herdeiras do chão*

*Solo plantado*

*Não as ruínas de um caos”*

**(Contos da Lua Vaga – Beto Guedes e Márcio Borges)**

## MÓDULO II

O curso foi dividido em dois módulos sequenciais, dessa forma algumas pessoas que participaram do primeiro módulo não estavam presentes no segundo, como também havia pessoas que só participaram do módulo II. Iniciamos o curso com a apresentação das pessoas que vieram pela primeira vez. Foi feita uma breve revisão do conteúdo teórico do módulo anterior. Após contextualizar o Clube da Esquina, a dupla Clara Ernest e Túlio Dayrell, graduados em teatro pela UFMG fizeram uma bela apresentação musical com algumas músicas do repertório do Clube da Esquina, proporcionando momentos de fruição e estímulo da memória afetiva. A dupla incentivou a participação das pessoas acompanhando o ritmo da música com as mãos e cantando junto com eles, tendo uma resposta muito positiva da turma.



**FIGURA 15: Clara Ernest e Túlio Dayrell cantam as canções do Clube da Esquina.**

**Fonte: Acervo EC UFMG**





**FIGURA 16: Clara Ernest e Túlio Dayrell (a esquerda) cantam as canções do Clube da Esquina.**  
**Fonte: Acervo EC UFMG**

Contagiados pela emoção e beleza que a música é capaz de suscitar, os participantes foram convidados a formularem atividades didáticas, na sua área de conhecimento, utilizando a música do Clube da Esquina e o patrimônio cultural da cidade para promover a Educação Patrimonial em sala de aula. Para realizar essa atividade utilizamos como documentos de pesquisa a história de Belo Horizonte e do Clube da Esquina. Para Le Goff, 2003: “O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor o futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”.

Segundo Hermeto,

O documento seria, potencialmente, toda e qualquer produção humana, visto que todas elas informam sobre o modo de vida e a inserção social de quem as produziu e, ao padronizá-las, quis atribuir-lhes um estatuto de perenidade. Produções culturais que possam explicar porque é que quem as fez quis monumentalizar determinada situação, ideia, conceito e/ou ação social. E que possam informar sobre as sociedades que as preservam – dando-lhes voz ativa ou silenciando-as. Potencialmente, toda produção humana é documento. Potencialmente. Porque a transformação da produção cultural em documento depende do olhar que lhe lança o sujeito que narra a história. Se esse for um olhar problematizador e crítico, capaz de identificar ali as diferentes camadas temporais, os diferentes sujeitos que a produziram em cada camada temporal, as relações de poder existente, entre esses sujeitos, suas verdades e mentiras (ou suas mentiras verdadeiras e verdades mentirosas) – aí, sim, ela transformou-se em documento para a História. Transformou-se em fonte de informação sobre as relações dos homens no tempo. (HERMETO, 2012, p. 25-26)



Também foram usados como documentos de pesquisa reportagens de jornal e textos relacionados ao tema do curso; imagens antigas e atuais de Belo Horizonte; imagens de artistas do Clube da Esquina; exemplo de atividade desenvolvida pela site Redigir<sup>20</sup> da Faculdade de Letras UFMG. Os textos foram impressos e colocadas em uma bancada, e as imagens impressas foram afixadas na parede para que os participantes pudessem escolher o material que seria utilizado no desenvolvimento da atividade. Alguns dos participantes utilizaram o telefone celular para completar sua pesquisa. O vídeo de animação com a música Bola de meia Bola, de Gude<sup>21</sup> foi exibido dando início a uma breve discussão sobre como a animação poderia ser utilizada na sala de aula. Algumas das sugestões foram comparar a infância dos avós com a infância dos netos, o cuidar das pessoas nas fases da vida.



**FIGURA 17: Bancada e painel com documentos de pesquisa disponibilizados para elaboração das atividades. Fonte: Acervo EC UFMG**

<sup>20</sup> <http://www.redigirufmg.org/atividades/clube-da-esquina>. Acessado em setembro de 2019.

<sup>21</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=G9RS2BkbqHw&t=9s>. Acessado em outubro de 2019.



**FIGURA 18: Participantes desenvolvendo as atividades didáticas - outubro/2019.**  
Fonte: Acervo EC UFMG



**FIGURA 19: Participantes desenvolvendo as atividades didáticas - novembro/2019.**  
Fonte: Acervo EC UFMG

Os participantes desenvolveram individualmente sua atividade de acordo com sua área de atuação, experiência e compreensão do conteúdo abordado. Apesar de nem todos os participantes serem professores, todos contribuíram e apresentaram sua atividade para a turma, que em alguns casos contribuiu com comentários e sugestões.

### 5.3 Atividades desenvolvidas pelos participantes

#### 1 - Participante atua como professora de Português

Música: Credo (Milton Nascimento e Fernando Brant)

Imagens: Placa de rua que marca o cruzamento das ruas Divinópolis e Paraisópolis e capa do álbum Clube da Esquina (1972).

Proposta: Depois de ouvir a música e observar a imagem contextualizar o Clube da Esquina. Qual a definição de esquina? Qual a definição de Clube?

Sobre o processo de formação de palavras o que se pode dizer sobre Divinópolis e Paraisópolis?

A capa do disco de 1972 apresenta uma fotografia sem nome do artista ou do disco. Que recursos linguísticos os podem ser identificados na imagem? Como você descobriria o nome dos artistas e/ou estilo de música?

Que noções de identidade e Brasil podem ser percebidas na imagem?

Qual função de linguagem está ligada à imagem da capa do disco? Justifique.

(Atividade interdisciplinar com geografia, história e filosofia)



FIGURA 20: Atividade desenvolvida no curso. Acervo pessoal

## 2 - Participante como professora de Português/Inglês

Música: Para Lennon e McCartney (Lô Borges, Márcio Borges e Fernando Brant)

Imagem: Foto dos Beatles

Proposta: Atividade interdisciplinar para estimular a reflexão sobre a cultura global e local.

De que modo os Beatles influenciaram outras bandas e/ou músicos nas décadas passadas e atualmente? Como as letras das músicas nos ajudam a contextualizar o período da existência dos Beatles na Inglaterra e em outros lugares do mundo? A música do Clube da Esquina tem influência dos Beatles? Como isso pode ser observado? Como estão inseridos os sujeitos, tempos e espaços nas letras das canções dos Beatles e do Clube da Esquina? Há semelhanças entre elas?

Representar as letras das canções com desenhos, colagens, maquetes etc.

Dar voz aos alunos que queiram e/ou saibam tocar instrumentos para estimular maior interesse e participação sem precisar impor como somente um gosto/estilo musical.

(Atividade interdisciplinar com artes e música)

## 3 - Participante é estudante de Museologia

Música: Calix Bento (Tavinho Moura)

Imagem: Folia de Reis

Proposta: Apresentar aos estudantes a Folia de Reis, patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais, e ouvir a música. Sugestão de temas que podem ser trabalhados com os alunos: patrimônio cultural (identidade e preservação), imaterialidade (pluralidade), Minas Gerais (Milton Nascimento e Clube da Esquina), religiosidade (diversidade e tolerância), musicalidade (ritmos e estilos).

Pode-se trabalhar confeccionando materiais, artefatos e indumentárias características

(Atividade interdisciplinar com artes e música e pode ser desenvolvida pelo educativo de museus).

## 4 - Participante atua na área de educação ambiental

Música: Paisagem da Janela (Lô Borges e Fernando Brant)

Imagens: Janelas e vista panorâmica de Belo Horizonte.

Proposta: Ouvir a música, ler a letra e destacar aspectos da letra que se referem a espaços públicos e privados e a relação das pessoas com os espaços da cidade e seus patrimônios.

Apresentar o resultado e comparar as diferenças e semelhanças da visão de cada aluno.

### **5 - Participante atua na área de turismo educacional**

Música: Bola de Meia, Bola de Gude (Milton Nascimento e Fernando Brant)

Imagens: Meninos andando de bicicleta e bolas de gude no chão.

Proposta: Ouvir a música. Colocar sobre a mesa meias velhas, agulha, linha, tesoura e bola de gude? Perguntar aos alunos o que eles fariam com esse material. Explicar aos alunos como se fazia a bola de meia e jogava bola de gude. Pedir a eles para fazerem uma bola de meia com o material disponibilizado. Era possível uma infância com jogos de bola de meia e bola de gude nas da área central de Belo Horizonte? Pesquisar como eram as brincadeiras de criança dos pais e avós. Hoje as crianças brincam na rua?

### **6 - Participante atua como professora de Português**

Música: Encontros e despedidas (Milton Nascimento e Fernando Brant)

Imagens: Trem na estação central de Belo Horizonte

Proposta: Ouvir a música e ler a letra. Desenvolver um texto sobre o sentimento de despedida, a hora da partida e da chegada. Discutir com os alunos a valorização dos momentos em que estamos com as pessoas. Damos prioridade ao hoje, ao afeto, a humanização das relações? Temas que podem ser trabalhados: cumplicidade e ajuda ao próximo. Como vislumbrar novos horizontes? Como ir até onde quero?

### **7 - Participante atua como professora do Ensino Fundamental I**

Música: Bola de Meia, Bola de Gude (Milton Nascimento e Fernando Brant)

Imagem: Bolas de gude

Proposta: A atividade seria realizada na quadra da escola com vários tipos de brincadeiras tendo a música Bola de Meia, Bola de Gude como pano de fundo. Essa atividade tem como objetivo uma melhor interação dos alunos e inclusão daqueles com dificuldade de relacionamento e necessidades especiais. É uma atividade interdisciplinar, o professor de Matemática pode trabalhar seu conteúdo utilizando jogos, o professor de História pode trabalhar com a contextualização da história de Belo Horizonte e do Clube da Esquina, os professores de Geografia, Português, Artes e Música também pode desenvolver atividades relacionadas ao tema.

(Atividade interdisciplinar com Educação Física, História, Matemática, Artes, Música, Português)

## 8 - Participante atua como professora de Português

Música: Quem sabe isso quer dizer amor (Lô Borges e Márcio Borges)

Imagem: Capa do álbum Clube da Esquina e foto de Milton Nascimento, Lô Borges e Beto Guedes

Proposta: Solicitar ao aluno que leve áudio e a letra de uma música que o encanta e o comove. Apresentar a música para os colegas e justificar sua escolha. Após todos os alunos a professora apresenta a música *Quem sabe isso quer dizer amor* e contextualizar a história do Clube da Esquina, relação de amizade entre os artistas, onde se encontravam, etc. Solicitar aos alunos uma pesquisa sobre músicas que iniciaram movimento de mudanças nas pessoas e na sociedade. Discutir com os alunos se a música é um patrimônio cultural.



**FIGURA 21: Atividade desenvolvida no curso. Acervo pessoal**

## 9 - Participante atua na área de educação ambiental

Música: Ruas da Cidade (Lô Borges e Márcio Borges)

Imagem: Mapa da área central de Belo Horizonte

Proposta: Levar o aluno, a partir da percepção do ambiente identificar o espaço público urbano. Ouvir a música e identificar os grupos indígenas e o nome dos estados brasileiros e seu planejamento nas ruas de Belo Horizonte. Analisar a evolução da cidade desde sua criação até os dias atuais, observando os estilos arquitetônicos. Discutir a importância de conhecer e valorizar a história, o patrimônio cultural e os equipamentos culturais da cidade. Utilizar aparelho celular para auxiliar na pesquisa e fotografar os patrimônios da cidade. Registrar a conclusão das atividades com desenhos, colagens e produção de textos.

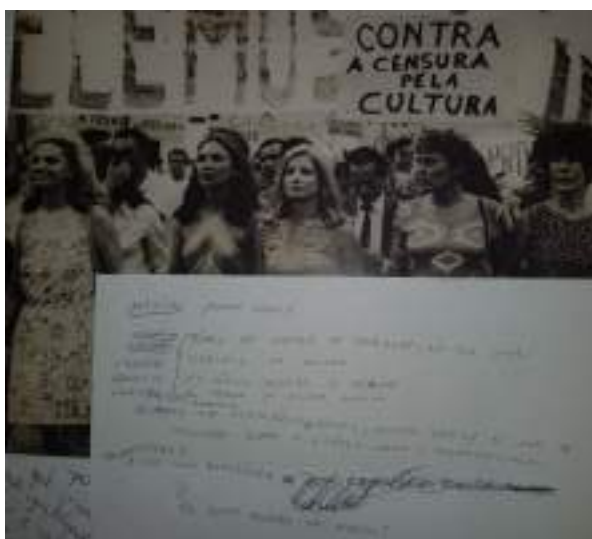
# 10 - Participante atua como professora de Artes

Música: Bola de Meia, Bola de Gude (Milton Nascimento e Fernando Brant)

Imagens: Meninos andando de bicicleta e crianças usando o celular

Proposta: Escutar a música tema e propor uma reflexão sobre brinquedos e brincadeiras (no presente e no passado), a tecnologia ao alcance desse presente, memória afetiva da família.

Buscar na família relatos de memória do brincar, das brincadeiras e brinquedos. Refletir sobre como o tempo de brincar interage com a cidade, o bairro e a escola. Ligar o fazer diário dos alunos com o patrimônio cultural. Quais são nossos patrimônios culturais? Apresentar a conclusão das atividades com poemas, painéis, teatro, álbum de fotos, produção musical, produção de textos.



**FIGURA 22: Atividade desenvolvida no curso. Acervo pessoal**

# 11 - Participante atua como na área de educação patrimonial

Música: Maria Maria (Milton Nascimento e Fernando Brant)

Imagem: Mulheres na passeata contra a censura

Proposta: Pedir aos alunos para levarem notícias relacionadas com a violência contra as mulheres. Ouvir a música, ler a letra e discutir o papel da mulher na sociedade, os direitos adquiridos, mudança de comportamento se compararmos a imagem com as mulheres atuais e a violência contra as mulheres. Problematicar com os alunos se a vida é um patrimônio que deve ser protegido e porque as mulheres continuam sendo assassinadas.



## 12 - Participante atua como na área de museus

Música: Paisagem da Janela (Lô Borges e Fernando Brant)

Imagem: Janelas, Viaduto de Santa Teresa

Proposta: Estimular os alunos a observar os lugares onde andam, sua rua, seu bairro, a cidade. Dialogar sobre Patrimônio Cultural, pertencimento, passagem do tempo, edificações e paisagens urbanas. Utilizar canções do Clube da Esquina e o livro Encontro Marcado de Fernando Sabino. Levar os alunos para um passeio pela cidade, com destaque para a Rua da Bahia.



**FIGURA 23: Atividade desenvolvida no curso. Acervo pessoal**

## 13 - Participante atua como professora de biologia

Música: Sal da Terra (Beto Guedes e Ronaldo Bastos)

Imagem: Belo Horizonte em épocas diferentes e Serra do Curral

Proposta: Atividade interdisciplinar – geografia e biologia. Refletir como as mudanças na paisagem urbana interferem no clima e na temperatura da cidade. Essas mudanças tem relação com o aumento da incidência de doenças causadas por vetores como mosquitos, pombos e carrapatos? O aumento da população também afeta a paisagem e o clima da cidade?

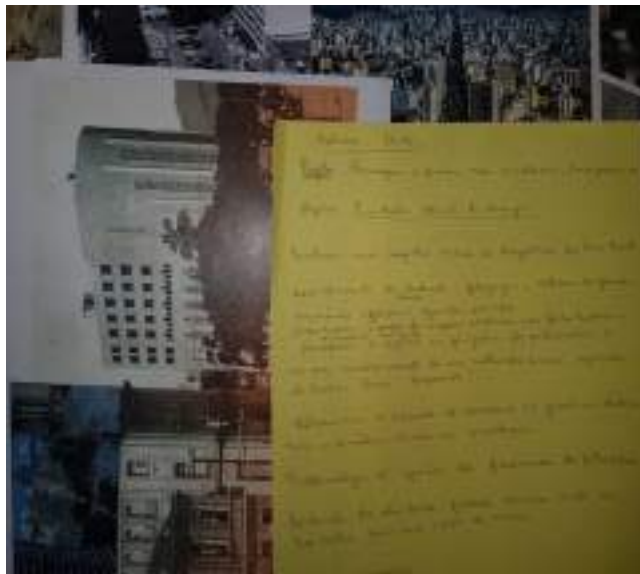
## 14 - Participante atua como professora de História

Música: Clube da Esquina nº 2 (Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges)

Imagem: Cine Teatro Brasil em épocas distintas e cartaz com a frase “Os sonhos não envelhecem”.



Proposta: Construir um registro sobre a trajetória do Cine Teatro Brasil com matérias de jornal, fotografias e memórias afetivas. Analisar o espaço como Patrimônio Cultural e seu uso. Relacionar a situação de abandono da edificação e posterior restauro com a temática os sonhos não envelhecem. Problematicar a questão da preservação do patrimônio. Concluir a atividade com uma visita ao Cine Teatro Brasil.



**FIGURA 24: Atividade desenvolvida no curso. Acervo pessoal**

**15** – Participante atua na área administrativa do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Minas Gerais

Música: Bola de meia bola de gude (Milton Nascimento e Fernando Brant)

Imagem: Meninos com celular e amigos do Clube da Esquina (Lô, Bituca, Beto e Nelson)

Proposta: Contextualizar a história do Clube da Esquina e da amizade que uniu os amigos em torno da música. Provocar reflexão sobre a trajetória da comunicação pessoal. O que vemos de diferente e em comum nas duas imagens? O que se pode deduzir da relação estabelecida entre as pessoas nas duas imagens? Qual das duas imagens retrata melhor a hora do intervalo na escola e nas reuniões de sua família? Como você ouvi música com seus amigos? Como os amigos do Clube da Esquina ouviam e tocavam? A amizade pode ser considerada um patrimônio? A escola é um lugar de vivência e socialização?

**16 – Participante atua como professora de Português**

Músicas: Trem Azul (Lô Borges e Ronaldo Bastos) e Bola de meia bola de gude (Milton Nascimento e Fernando Brant)

Imagens: Meninos com celular e meninos andando de bicicleta, trem na estação central

Proposta: Explorar o imaginário dos alunos e o contexto histórico dos autores das músicas. Produzir desenhos para uma exposição na escola. Realizar sarau musical com músicas do Clube da Esquina e músicas escolhidas pelos alunos que fazem referência as atividades desenvolvidas.

**17 – Participante atua como professora de Português**

Música: Sal da Terra (Beto Guedes e Ronaldo Bastos)

Imagem: capa do álbum Clube da Esquina 2 (EMI-Odeon, 1978)

Proposta: Observar a imagem, apreciar a música e analisar a letra. Há alguma relação entre elas? O que os meninos da imagem estão observando? Eles estão de costas para quem?

O que o verbo ANDA sugere? Os garotos demostram estar com pressa?

Que mundo os garotos parecem representar? Que mundo eles querem? Qual parte da música podes ser associado a imagem?

Representar as análises com desenho e produção de texto.

**18 – Participante é graduada em Sociologia**

Música: Paisagem da Janela (Lô Borges e Fernando Brant)

Imagem: várias janelas

Proposta: Associar as imagens das janelas as relações sociais contemporâneas, no que refere à política, patrimônio e memória social, que carregamos e expomos no convívio social. Produzir texto obre as análises feita pelos alunos.

**19 – Participante atua na área de educação patrimonial**

Música: Clube da Esquina nº 2 (Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges)

Imagem: cartaz com a frase “Os sonhos não envelhecem”

Proposta: Trabalhar com o conceito de patrimônio cultural, história, memória e identidade. Solicitar que aos alunos falem sobre suas preferencias culturais pelo viés do afeto. A partir dos relatos, construir coletivamente conceitos propostos. Introduzir a contextualização sobre o Clube da Esquina e seu legado como patrimônio cultural e sua relação com Belo Horizonte e Minas Gerais. Os legados são passados de geração para geração.



**FIGURA 25: Atividade desenvolvida no curso. Acervo pessoal**

Foram desenvolvidas dezenove atividades que foram apresentadas para a turma que ouviu atenta, fazendo comentários e em alguns casos dando sugestões. Mesmo as canções ou imagens escolhidas se repetindo, resultaram em atividades totalmente diferentes, isso se dá segundo Vigotski (2000) pela maneira que os processos sociais históricos e culturais interferem no desenvolvimento cognitivo e na estrutura do pensamento de cada indivíduo, na percepção e entendimento desses mesmos processos, como consequência da internalização dos sistemas de signos e sinais produzidos pela cultura.

A maior parte das atividades desenvolvidas estimulam a reflexão, colaborando para formar a consciência crítica, com um olhar mais atento para a cidade e seu patrimônio seja ele material ou imaterial, ou questões ligadas ao comportamento. A conscientização aproxima da realidade, à medida que o ser humano a *des-vela*, se distanciando para admirá-la, desdobrando sua capacidade de “agir conscientemente sobre a realidade objetivada”, a combinação da ação e com a reflexão tem o poder de transformar o mundo (FREIRE, 2008). Poucas ações nas atividades buscam diretamente tratar as emoções e elementos estéticos musicais.



**FIGURA 26: Apresentação da atividade desenvolvida. Fonte: Acervo EC UFMG**



**FIGURA 27: Apresentação da atividade desenvolvida. Fonte: Acervo EC UFMG**  
**Fonte: Acervo EC UFMG**

Nos dois módulos do curso ficou clara a importância da construção coletiva do conhecimento, “identificando a comunidade como produtora de saberes que reconhece suas referências culturais inseridas em contextos de significados associados à memória social do local<sup>22</sup>”. Possibilitando a ação transformadora dos sujeitos por meio da sua “consciência crítica, estimulando sua participação responsável nos processos culturais, sociais, políticos e econômicos” (FREIRE, 2008).

---

<sup>22</sup> IPHAN, 2014, p. 20.

Interessante observar que os participantes, que na maioria atuam como professores se colocaram na postura de alunos abertos ao aprendizado e à escuta, participando ativamente nas discussões das questões abordadas e contribuindo com sua experiência e conhecimento prévio sobre os temas centrais do curso – cidade de Belo Horizonte, Patrimônio Cultural e Clube da Esquina.

Os participantes superaram as expectativas, pois contribuíram de forma efetiva para que o curso se tornasse mais interessante, levantaram temas relacionados ao curso que foram além da ementa. Como, por exemplo, a dificuldade de ter apoio da escola para projetos que não estão previstos no currículo; resistência dos alunos em aceitar outros estilos de músicas; falta de recurso financeiros para realizar excursões com as escolas; dificuldade em trabalhar com atividades interdisciplinares na escola; como envolver os alunos nas atividades e pesquisa; como dar voz ao aluno para que ele participe das atividades e ouça o professor. Todas as questões apresentadas foram discutidas com a participação e sugestões dos alunos o que enriqueceu muito a experiência em grupo.

Com as atividades desenvolvidas pelos participantes do curso, podemos observar que a Educação Patrimonial associada às canções do Clube da Esquina permite um trabalho que colabora para o desenvolvimento da cidadania, que é primordial na formação de sujeitos críticos e conscientes. Entrar em contato com a história da cidade e conhecer seus patrimônios culturais, possibilita uma reflexão sobre o cotidiano, as construções, modos de vida, especificidades, contradições e transformações no espaço urbano.

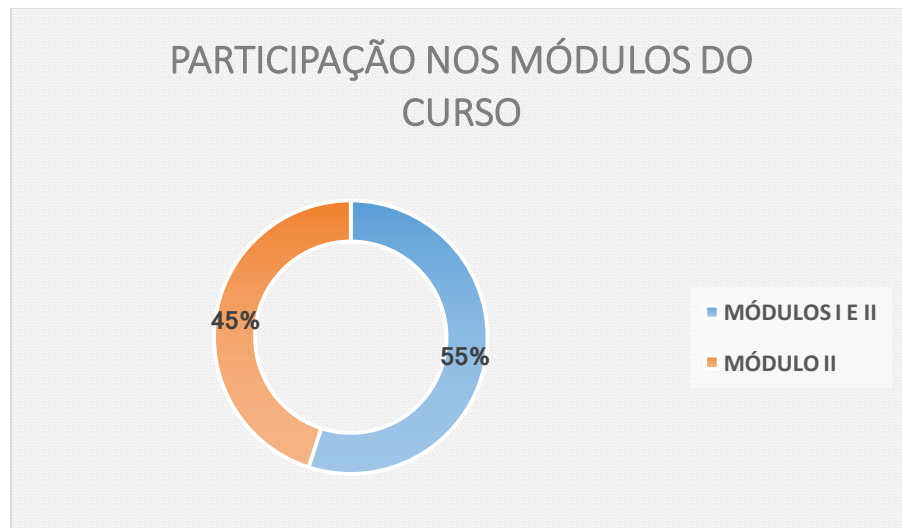
A Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e, a partir de suas manifestações, despertar no aluno o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida pessoal e coletiva. O patrimônio histórico e o meio ambiente em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos alunos sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles. (HORTA, 2004 p. 03).

Mais do que um conteúdo transversal e interdisciplinar, ensinar sobre Patrimônio Cultural na escola envolve pensar o processo educativo em sua amplitude, envolve o contato com a comunidade na qual ele se insere, a percepção da cidade e do espaço urbano que os cercam, possibilitando a descoberta, tanto dos educadores quanto dos alunos, sobre os bens culturais, o que pode contribuir para que sejam motivados para o reconhecimento da diversidade cultural, valorização e preservação do patrimônio material e imaterial.

#### 5.4 Coleta de dados - MÓDULO II

Vinte pessoas participaram do módulo II do curso, sendo que 55% participaram dos dois módulos (gráfico 16). No final do curso os participantes preencheram um questionário de avaliação P2. Abaixo representamos em gráficos a coleta dos dados.

**GRÁFICO 16**



Fonte: elaborado pela autora

Segundo as respostas 95% já tinham conhecimento sobre Patrimônio Cultural. Mesmo já tendo conhecimento sobre essa temática, 100% das participantes indicaram que o curso ampliou seu conhecimento sobre Patrimônio Cultural (gráficos 17 e 18).

**GRÁFICO 17**

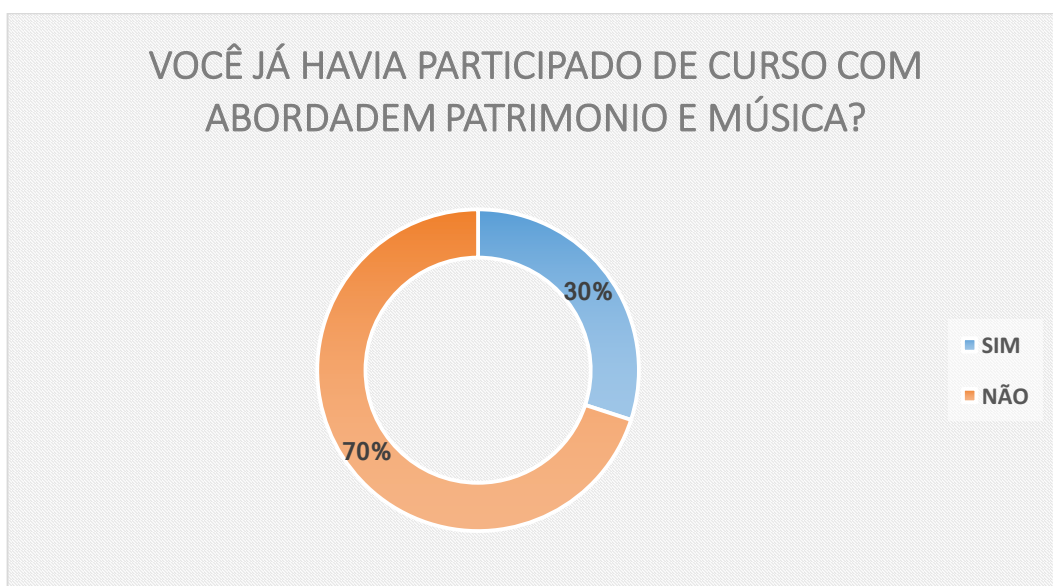


Fonte: elaborado pela autora

**GRÁFICO 18**

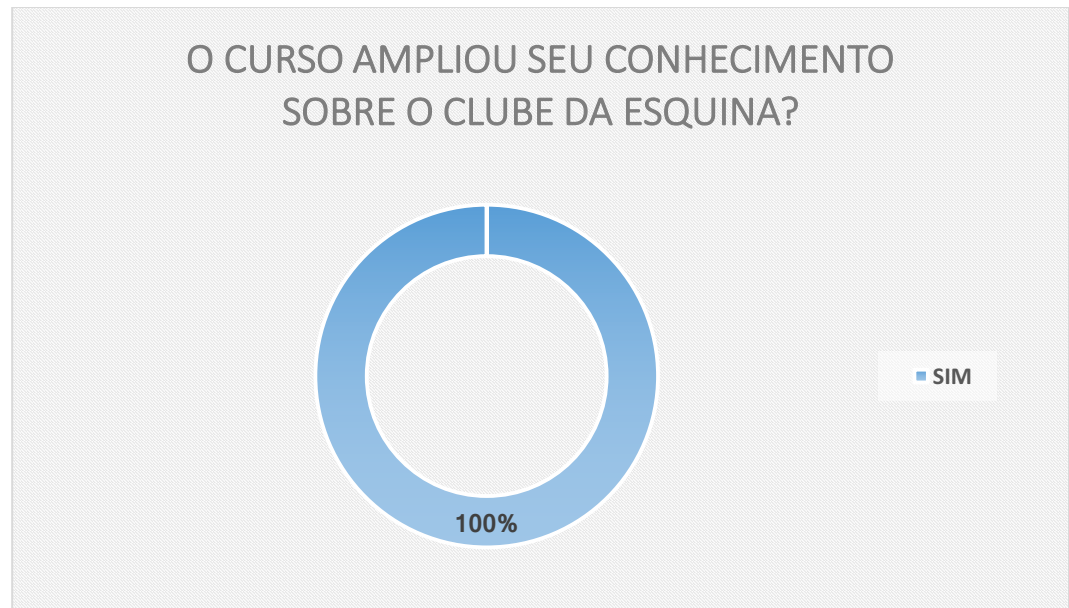
Fonte: elaborado pela autora

Poucos participantes, 30%, afirmaram já terem participado de curso com a abordagem do Patrimônio Cultural por meio da música (gráfico 19).

**GRÁFICO 19**

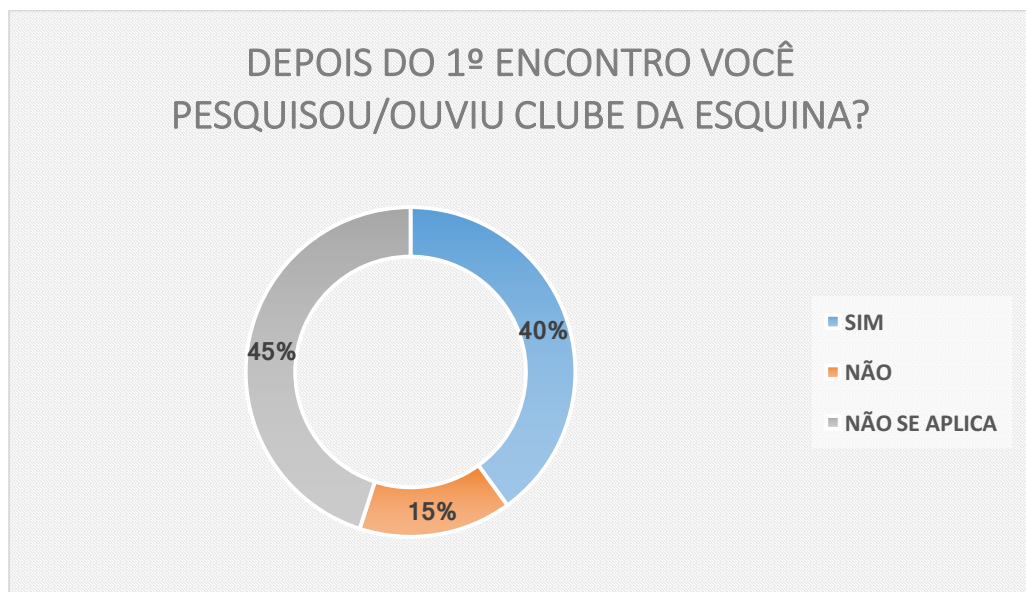
Fonte: elaborado pela autora

Todos os participantes responderam que o curso ampliou seu conhecimento sobre o Clube da Esquina (gráfico 20).

**GRÁFICO 20**

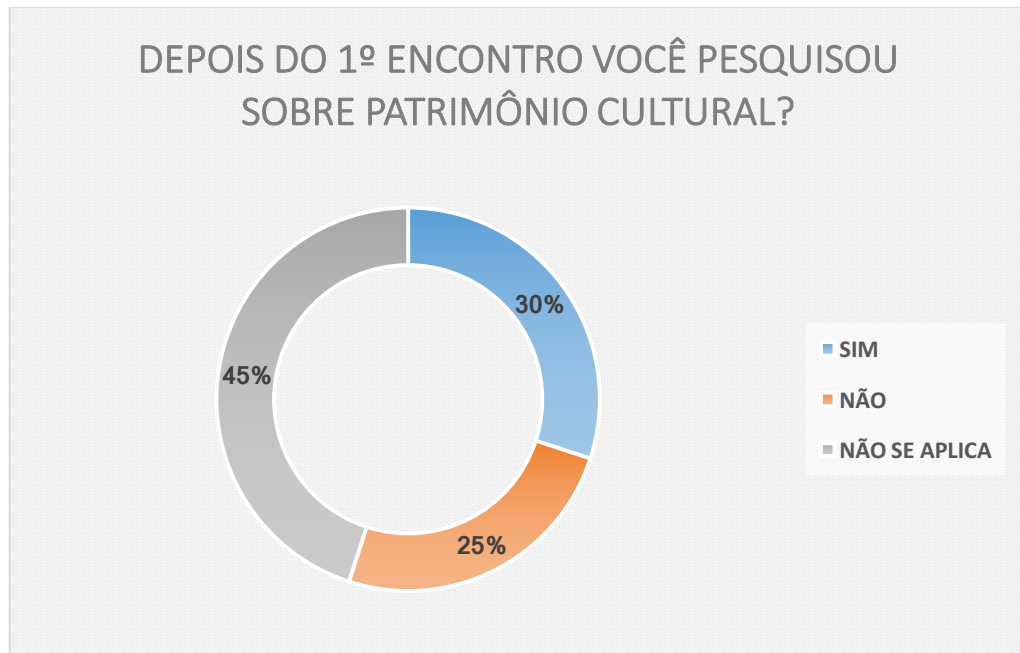
Fonte: elaborado pela autora

Dos onze participantes dos dois módulos, 40% disseram que após o primeiro encontro pesquisaram e/ou ouviram o Clube da Esquina, 30% pesquisaram sobre Patrimônio Cultural e 40% pesquisaram sobre a história de Belo Horizonte (gráficos 21, 22 e 23),

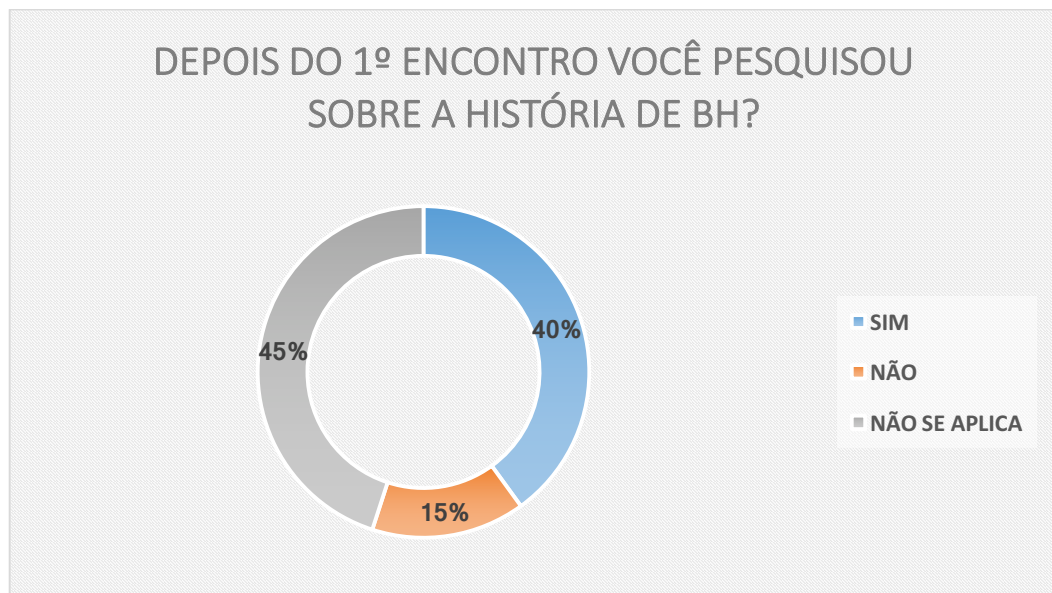
**GRÁFICO 21**

Fonte: elaborado pela autora



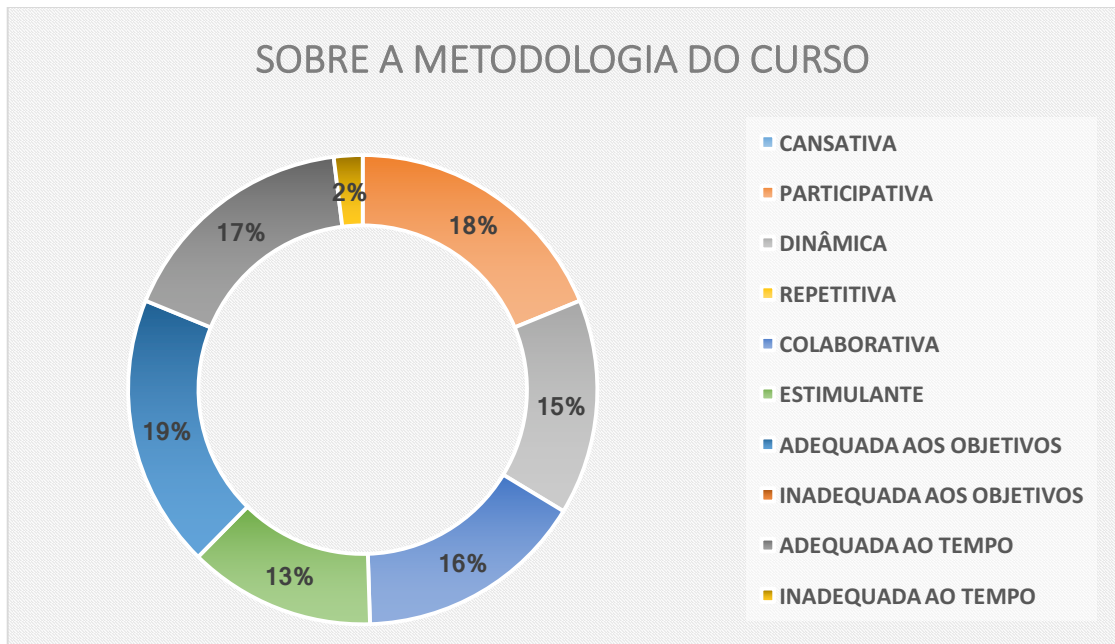
**GRÁFICO 22**

Fonte: elaborado pela autora

**GRÁFICO 23**

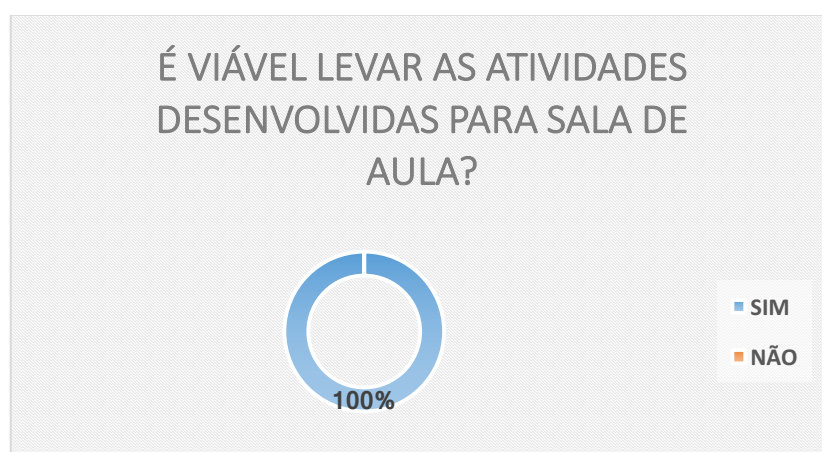
Fonte: elaborado pela autora

Sobre a metodologia utilizada no curso: 19% afirmaram que é participativa, 19% que é adequada aos objetivos, 17% afirmaram que é adequada ao tempo, 16% afirmaram que é colaborativa, 16% afirmaram que é colaborativa, 13% afirmaram que é estimulante e 2% afirmaram que é inadequada ao tempo (gráfico 24).

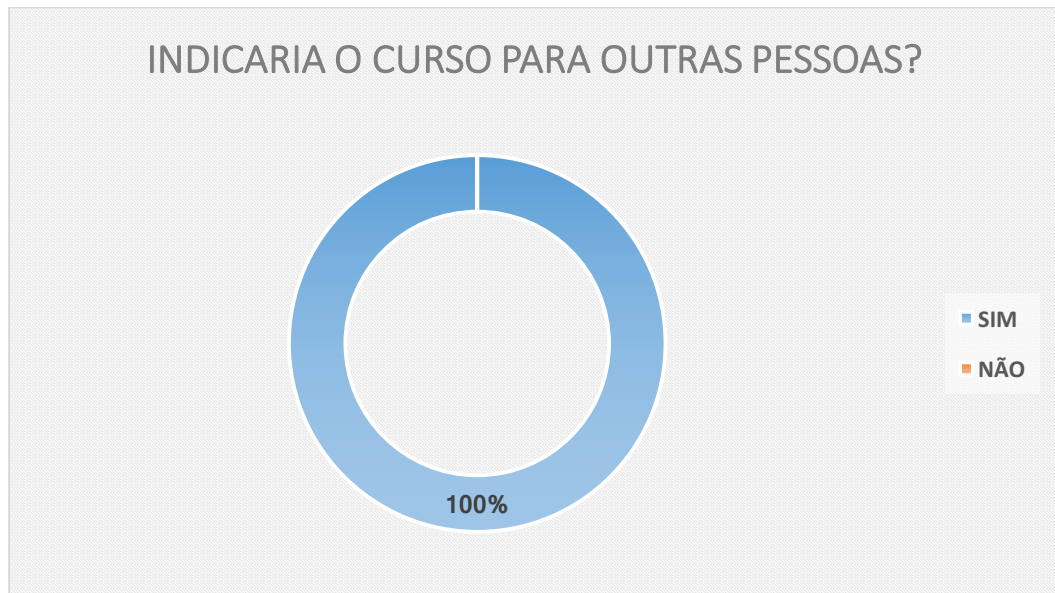
**GRÁFICO 24**

Fonte: elaborado pela autora

Todos os participantes responderam que é viável levar as atividades desenvolvidas no curso para a sala de aula e que indicariam o curso para outras pessoas (gráfico 25 e 26).

**GRÁFICO 25**

Fonte: elaborado pela autora

**GRÁFICO 26**

Fonte: elaborado pela autora

## QUESTIONÁRIO P2 – COMENTÁRIOS DOS PARTICIPANTES (P)

### DEIXE AQUI SEU COMENTÁRIO

**P20:** Não fez comentário.

**P19:** Não fez comentário.

**P18:** Parabéns pela iniciativa em transpor os muros dos gêneros musicais ampliando a “oferta” de bom gosto.

**P17:** Este curso poderia ser levado para fora com visitas aos patrimônios, com as músicas e seus pontos de encontro.

**P16:** O curso foi muito bom. Veio em um momento que nós vivemos de tristeza e ansiedade de um futuro nebuloso. Agradeço a professora Andréa e parabênizo.

**P15:** Participei só hoje. Gostei muito e levarei a experiência para as minhas atividades de Educação para Patrimônio do IEPHA MG.

**P14:** Acredito que um trabalho deste na sala de aula, será muito interessante.

**P13:** Gostei muito, proporcionou trocas muito criativas e enriquecedoras. Além de utilizar um repertório musical devidamente contextualizado com a proposta. Tempo curto para apresentação das atividades criadas.

**P12:** Rever o funcionamento do aplicativo de inscrição, pois solicitava que escolhêssemos um único dia, então fiquei prejudicada, pois perdi o primeiro dia.

**P11:** A importância do tema e as abordagens utilizadas são grandes oportunidades para ampliar o repertório dos estudantes e reavivar a memória até mesmo de seus pais. Identidade, percepção de lugar, pertencimento. O envolvimento dos próprios professores nas atividades, sensibilizando a todos por meio das músicas e poesia (letras).

**P10:** Sugiro mais encontros! Adorei a apresentação da Andréa!

**P9:** Genial o trabalho de associar as músicas e tudo que significa e representa o Clube da Esquina ao Patrimônio Cultural. Parabéns Andréa. A metodologia do curso foi muito interessante.

**P8:** O tema da atividade proposta proporciona relacionar e criar várias ações pedagógicas. As músicas do Clube da Esquina, sem dúvida vem valorizar a importância do nosso patrimônio cultural com ênfase nos valores éticos. Parabéns pela iniciativa e muito sucesso!

**P7:** Agradeço a oportunidade de reciclar meu [...] patrimônio cultural. Fiquei encantada em conhecer o trabalho da Andréa.

**P6:** “Parabéns pelas reflexões propostas na abordagem do tema. Gostei muito do Curso”

**P5:** “Foi um curso de Engrandecimento cultural e de práticas didáticas além de coisas conteudistas que implicam o lecionar em biologia”

**P4:** “Enriquecedor”

**P3:** “A socialização das Ideias é deveras engrandecedora e formativa. Ótimo Curso!”

**P2:** “Dar maior visibilidade para a oficina para que mais pessoas possam participar, pois foi ótimo.”

**P1:** “O Clube da Esquina deveria ser disciplina na escola, pois após as abordagens realizadas no curso, percebe-se a grandeza da obra e sobre o que a obra fala. Relações interpessoais, espaço, tempo, memória, identidade.”



**FIGURA 28: Turma do dia 19 de outubro/2019.**

**Fonte: Acervo EC UFMG**



**FIGURA 29: Turma do dia 26 outubro/2019. Fonte:**

**Acervo EC UFMG**



**FIGURA 30: Turma do dia 23 novembro/2019.**  
**Fonte: Acervo EC UFMG**



**FIGURA 31: Turma do dia 30 novembro/2019.**  
**Fonte: Acervo EC UFMG**

Pela experiência vivida nos quatro encontros e analisando a avaliação final dos participantes, concluiu-se que o curso cumpriu seu objetivo com alto nível de aprovação. Mesmo os participantes tendo um conhecimento prévio sobre o tema, o curso ampliou seu conhecimento e estimulou sua curiosidade, visto que alguns deles pesquisaram sobre os temas após nosso primeiro encontro.

Percebeu-se os participantes se sentirem transformados pelo contato com as músicas, com as imagens apresentadas durante o curso e com a própria história de Belo Horizonte e do Clube da Esquina, isso ficou muito evidente no aflorar discreto de emoções em cada um. Logo no início frustrou-se a expectativa de um curso maçante, dando voz as pessoas e instigando sua participação. Sendo a Educação Patrimonial a espinha dorsal do curso de extensão, a música desempenhou um papel importante na metodologia, seja na menção aos integrantes do Clube da Esquina, na sensação de proximidade com eles e sua relação com alguns patrimônios da cidade, na familiaridade por ser mineiro ou morar em Belo Horizonte ou na linguagem utilizada nas abordagens – objetiva e simples, de maneira a aproximar o acadêmico do comum – são percepções que suscitaram nos participantes a busca individual por suas memórias. As músicas do Clube da Esquina proporcionaram momentos de introspecção, de rememoração, de reflexão e também de esperança e aconchego, um aconchego que reafirma a identidade de ser mineiro, e esse o pertencimento nos conforta. E para quem desconhece nosso Patrimônio Cultural e Clube da Esquina é indubitável a possibilidade de sensibilização pelos acordes e letras destas músicas, pois a harmonia proporcionada, a musicalidade marcante e a leveza das interpretações não passam despercebidas.

Tendo em vista que “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2013 p.8), o recurso educativo resultado dessa pesquisa contribui para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de algumas das competências gerais da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), conforme a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL 2017):

- Valorização e utilização de conhecimentos historicamente construídos;
- Utilização de diferentes linguagens como a visual e a sonora;
- Valorização e fruição de diversas manifestações artísticas e culturais, locais e globais;
- Valorização da diversidade de saberes e vivências culturais;

- Estimulação ao exercício da curiosidade intelectual e recorrendo a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade.

A Educação Patrimonial pode contribuir para a tomada de consciência dos homens como sujeitos da sua própria história, constituindo-se em importante ferramenta para valorizar os conhecimentos historicamente construídos, para afirmação de identidades e pertencimento, para o fruir das manifestações culturais, contribuindo para que as pessoas se assumam como seres sociais e históricos, capazes de promover transformações e realizar sonhos.

As atividades desenvolvidas pelos participantes do curso poderão ser utilizadas para complementar atividades previstas no currículo escolar e serem implementadas na sala de aula, somando às metodologias já utilizadas pelos educadores.

Os resultados dessa pesquisa e atividades educativas desenvolvidas durante o curso serão disponibilizados digitalmente em uma página do sítio , para torná-las mais acessíveis, ampliando as possibilidades de uso por pais e professores. O *website*, em fase de desenvolvimento, tem o objetivo de divulgar o livro *Coração Americano*, tendo como tema o álbum Clube da Esquina de 1972. O livro também pode ser usado como referência para pesquisa de professores e alunos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

**“Os sonhos não envelhecem”**  
(Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges)

Iniciei minha jornada no PROMESTRE com o propósito de manter viva a memória do Clube da Esquina e encontrei na Educação Patrimonial um caminho viável para aproximar as novas gerações do grupo de amigos mineiros que na década de 1970 deixou sua marca na música popular brasileira.

Logo entendi que para obter sucesso em levar a Educação Patrimonial para as escolas, precisaria de contar com o engajamento dos professores, pois eles serão os multiplicadores, implementando em sala de aula as ações educativas guiadas pelas canções do Clube da Esquina.

O curso de Extensão Universitária *Clube da Esquina: Patrimônio Cultural de Belo Horizonte*, realizado nos meses de outubro e novembro de 2019 no Espaço do Conhecimento da UFMG,



possibilitou experimentar a dimensão e o impacto da produção musical do Clube da Esquina na alma dos mineiros. Percebi que assim como fui sensibilizada pela primeira vez na minha adolescência, pelas canções que falam da amizade, da liberdade e de um sonho de um país melhor, as canções continuam impactando, despertando a emoção e a esperança. E é essa esperança que nos move na busca de um futuro melhor.

Fui surpreendida pelo nível de envolvimento dos participantes, cuja idade variava de vinte e quatro a sessenta e um anos, várias gerações atraídas pela afinidade com os temas Patrimônio, Belo Horizonte e Clube da Esquina. Pela retorno positivo que obtivemos e da participação ativa dos inscritos, ficou claro que há muito o que se fazer e sim, é importante levar a Educação Patrimonial para as escolas, para que os jovens tenham a oportunidade de entrarem em contato com nossa história, nossa cultura, nossa identidade e nossos patrimônios. O curso foi uma experiência de troca, que proporcionou estímulos afetivos, desenvolveu o sentido de pertencimento, além de ter estabelecido vínculos afetivos com nosso patrimônio cultural, contribuindo na formação de identidade e memória cultural.

Na realidade o mais jovem participante tinha quinze anos, meu filho caçula, convidado para auxiliar-me nas atividades do curso do mês de novembro, ao final do primeiro módulo Henrique externou sua satisfação em conhecer um pouco mais sobre a cidade de Belo Horizonte e o Clube da Esquina. Mas, o que mais chamou sua atenção foi que, durante as discussões sobre temas como violência, exclusão social e política, as pessoas ouviram umas às outras e mesmo com pontos de vistas diferentes, conseguiram dialogar com respeito. Henrique percebeu que cada um à sua maneira, deseja o melhor para o nosso país. As presenças dos meus filhos Vitor e Henrique, se somaram à emoção de estar falando sobre o Clube da Esquina, um tema que venho pesquisando desde 2001 e que tem me proporcionado encontros, descobertas e trocas memoráveis.

Para os que desejam replicar os módulos do curso de extensão, sugiro um encontro num único dia para não haver uma ruptura no ritmo das atividades e permitir que os participantes tenham acesso a todo o conteúdo proposto. Para os que desejam implementar as atividades desenvolvidas durante o curso em sala de aula, sugiro fazer adaptações de acordo com o perfil da turma e na medida do possível, trabalhar de forma interdisciplinar para ampliar a compreensão da realidade em sua complexidade, possibilitando a ligação entre as diferentes áreas de conhecimento em contraposição à fragmentação do pensamento.

Durante o curso uma das questões colocadas foi em relação à postura do professor ao sugerir as atividades que utilizem a música popular brasileira, a orientação é que isso não ocorra de forma impositiva, considerando a “nossa música” melhor que as músicas que os alunos ouvem. É preciso “desarmar” o ouvido para as novidades e possibilitar novas experiências tanto para os alunos, quanto para os professores. A música utilizada de forma organizada e planejada dentro do contexto da disciplina propicia formas dinâmicas e criativas de aprendizado e é bem aceita pelos jovens.

Convido também que outros professores e pessoas interessadas entrem no site [www.coracaoamericano.com.br](http://www.coracaoamericano.com.br) e colaborem com novas atividades.

Sendo graduada e pós-graduada em Universidade Pública pretendo continuar contribuindo para estender à sociedade o conhecimento acumulado na universidade e dessa forma promover as transformações necessárias por meio de uma consciência crítica.

## 7. REFERÊNCIAS

- AMARAL, Chico. **A música de Milton Nascimento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- ANDRADE, Luciana Teixeira. O modernismo e ambivalência na representação literária de Belo Horizonte. **Revista de Ciências Sociais** v. 32 N.1/2, p. 30-40. 2001.
- ARAÚJO, Maria Marta Martins Araújo. A vida nos subúrbios: memórias de uma outra Belo Horizonte. In: **Cadernos de História**. v. 2, n. 3, PUC MINAS. p. 50-56, outubro 1997..
- BOGDAN, R. S.; BIKEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. 12ª ed. Porto: Porto, 2003.
- BORGES, Lô; NASCIMENTO, Milton. **Clube da Esquina**. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1972. 1 disco, 64 min, estéreo. 164 422901.
- BORGES, Márcio. **Os sonhos não envelhecem – Histórias do Clube da Esquina**. 3ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 1996.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Artigo 216.
- BRASIL. **Decreto no 3.551**, de 4 de agosto de 2000.
- BRASIL.Ministério da Educação e Cultura. Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

### **Legislação e proteção aos bens culturais.**

BRASI. **Lei Ordinária 11.769, de 18 de agosto de 2008**. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Diário Oficial, Brasília, DF, 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111769.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111769.htm)>. Acesso em: 10 jul. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso em novembro/2019.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRÉSCIA, Vera Lucia Pessagno. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

BUENO, Andréa R. Estanislau (Org.). **Coração americano: 35 anos do Clube da Esquina**. Belo Horizonte: Prax, 2008.

CANDIDO, Antônio. A Revolução de 30 e a cultura. In: **Educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática. 1989.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo : Iluminuras, 1997.

CUNHA, Murilo. In: **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial / Organização Adson Rodrigo S. Pinheiro**. – Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

DINIZ, Sheyla Castro. **“Nuvem cigana”**: a trajetória do Clube de Esquina no campo da MPB. Campinas, SP : [s. n.], 2012. Dissertação de mestrado UNICAMP.

DOHMANN, Marcus. A experiência material: a cultura do objeto. In.: DOHMANN, Marcus (org.). **A experiência material: a cultura do objeto**. Rio de Janeiro: Rio books, p. 31-46. 2013.

DUTRA, Soraia F.; NASCIMENTO, Silvania S. **A educação no entre lugar museu e escola: um estudo das visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto**. Educação, Porto Alegre, v. 39, n. esp. (supl.), s. 125-134, dez. 2016.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra68504/clube-da-esquina-2-1978>. Acesso em: out. 2019.

FIGUEIREDO, S. L. F. de. **A pesquisa sobre a prática musical de professores generalistas no Brasil:** situação atual e perspectivas para o futuro. Em Pauta, Porto Alegre, v. 18/31, p. 30-50, 2007.

FLORENCIO, Sonia. In: **Cadernos do patrimônio cultural:** educação patrimonial / Organização Adson Rodrigo S. Pinheiro. – Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 18ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988a.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 28ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Conscientização:** teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro. 2008.

GARCIA, Luiz Henrique Assis. **Coisas que ficaram muito tempo por dizer:** O Clube da Esquina como formação cultural. (UFMG, dissertação de mestrado, outubro, 2000)

GARCIA, Luiz Henrique Assis. **Na esquina do mundo:** trocas culturais na música popular brasileira através da obra do Clube da Esquina (1960-1980). (UFMG, tese doutorado. 27 de Abril, 2007)

GARCIA, Luiz Henrique Assis. Canções Feitas na Esquina do Mundo: música popular e trocas culturais na metrópole através da obra do Clube da Esquina. In: **Revista Brasileira de Estudos da Canção** – ISSN 2238-1198 Natal, n.2, jul-dez 2012.

GARCIA, Luiz Henrique Assis e VIANA, Julianne Paranhos. O Museu Clube da Esquina e os lugares da cidade: breve reflexão sobre ações museológicas no espaço urbano. **Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** - Unirio | MAST – v. 9, n.1, 2016.

GATTI, Bernardete A. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. In: GARCIA, Walter(org.). **Bernardete A. Gatti:** textos selecionados de Bernardete A. Gatti. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GURGEL, R. M. **Extensão Universitária:** Comunicação ou domesticação? São Paulo: Cortez, 1986.

GOUVEIA, Inês; DODEBEI, Vera. Memória de pessoas, de coisas e de computadores: museus e seus acervos no ciberespaço. **Musas:** revista brasileira de museus e museologia, Rio de Janeiro, ano 3, n. 3, p. 93-100, 2007.

GUARNIERI, Wadisa Rússio Camargo. Conceito de Cultura e a sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. In: BRUNO, Maria Cristina de Oliveira (coord.). **Waldisa**

**Rússio Camargo Guarnieri:** textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro, 2010.

HERMETO, Miriam. **Canção popular brasileira e ensino de história – Palavras, sons e tantos sentidos.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

HERMETO, Miriam; SOARES Olavo P. Entrevista – Marcos Napolitano. História e música popular: entre a historiografia contemporânea e as práticas de ensino na Educação Básica. **Revista História Hoje**, v. 6, n. 11. ANPUH, 2017.

HERSCHMANNE, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Indústria da Música - uma crise anunciada.** 2005, <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/42741495011557876315517057920611331759.pdf> Acesso em: 01 out. 2018.

HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Museu Imperial, 1999.

HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Lições das coisas: o enigma e o desafio da educação patrimonial. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n.31, 2004.

Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal.** Brasília, DF: IBRAM, 2018.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO (IEPHA) <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoas/patrimonio-cultural-protetido/bens-tombados/details/1/106/bens-tombados-edif%C3%ADcio-do-cine-teatro-brasil>. Acesso em: out. 2019.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Educação Patrimonial: Manual de aplicação:** Programa Mais Educação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Brasília, DF : Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2013.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Educação Patrimonial:** Histórico, conceitos e processos. Brasília, DF: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2014.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial ( Paris, 17 de outubro de 2003), UNESCO, 2006.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>. Acesso em: dez. 2019.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Ed. Siglo XXI, 2002.

JULIÃO, Letícia. Itinerários da cidade moderna (1891-1920). In: DUTRA, Eliane de Freitas; BANDEIRA DE MELO (Org.). **BH: Horizontes históricos**. Belo Horizonte: C/ Arte, p.51. 1996.

KRAEMER, Rudolf-Dieter. **Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical**. Em Pauta, v. 11, n. 16/17, abr./nov., p. 50-73, 2000.

KATER, Carlos. Porque Música na Escola? Algumas reflexões. In: **A música na escola**. São Paulo: Alluci & Associados Comunicações, 2012. p. 42-45.

van KAAM, A. L. Phenomenal analysis: exemplified by a study of the experience of 'really feeling understood'. **Journal of Individual Psychology**, 15 (1), 66-72. 1959.

LACERDA, Aroldo D.; FIGUEIREDO, Betânia G.; PEREIRA, Júnia S.; SILVA, Marco Antônio. **Patrimônio Cultural em Oficinas: Atividades em contextos escolares**. Belo Horizonte/MG: Fino Traço, 2015.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e memória**. 5ª ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003. p. 419-476.

LEÃO, Naiara ; SÁ, Gabriel G S; FERREIRA, Clodomir S. ; GERALDES, Elen. Por entre fotos e nomes, Com arte a sem fuzil: Os festivais pelo olhar da imprensa entre 1966 e 1968. **Revista Iniciacom** - v. 4, n. 2. 2012.

LIMA, Judson Gonçalves. Não é música. é canção. **Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade**. ANPUH/SP – UNESP- Franca. 06 a 10 de setembro de 2010

LOUREIRO, Alcília Maria Almeida. A educação musical como prática educativa no cotidiano escolar. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 10, 65-74, mar. 2004.

MARANDINO, Martha. Interfaces na relação museu-escola. **Caderno Cat. Ens. Fís.**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 85-100, abr. 2001.

MARTINS, Bruno Viveiros. **Som imaginário: amizade, viagens e cidades nas canções do Clube da Esquina**. 2007. 159 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte. 2007.

MARTINS, Bruno Viveiros. **As esquinas musicais de um clube imaginário**. Disponível em: <http://amusicade.com/resenhaseleituras/discosclassicos/2019/54301/?fbclid=IwAR3IES2Oc5h>



perspectivas no Brasil e em Portugal. São Paulo: Cortez, p. 19-76. 1997b.

PINHEIRO, Adson Rodrigo (org.). **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

REVISTA UBC, n. 38, novembro de 2018. União Brasileira de Compositores. Rio de Janeiro / RJ. **Mapa da Música Brasileira**. Os gêneros que não saíram da cabeça, dos ouvidos e dos olhos dos brasileiros no último ano. <https://issuu.com/ubc-uniaobrasileiradecompositores/docs/revistaubc38/24>. Acesso em: set. 2019.

REVISTA UBC. **Ensino de Música: É Lei, mas ainda não “Pegou”**. Notícias 30/08/2018. <http://www.ubc.org.br/publicacoes/noticias/10482>. Acesso em: nov. 2019.

ROCHA, Guido. **Cartilha do patrimônio histórico e artístico de Minas Gerais**. Belo Horizonte; Secretaria de Estado de Cultura, 1989.

RODRIGUES, Valéria Maria. O fórum de pró-reitores de extensão e sua contribuição no debate sobre a extensão universitária. **Revista Educação e Políticas em Debate** – v. 4, n.2 – ago./dez. 2015, p. 393.

SANTOS, Magaly. **Lições das Coisas (ou Canteiros de Obras) – Através de uma metodologia baseada na Educação Patrimonial**. Dissertação de Mestrado. PUC Rio. Rio de Janeiro, 1997.

SCHWEIBENZ, Werner. **The "Virtual Museum": New Perspectives For Museums to Present Objects and Information Using the Internet as a Knowledge Base and Communication System**. Germany, 11, mai. 1998. Disponível em: [http://is.uni-sb.de/projekte/sonstige/museum/virtual\\_museum\\_isi98.html](http://is.uni-sb.de/projekte/sonstige/museum/virtual_museum_isi98.html). Acesso em: 15 jun. 2017.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

STAVRACAS, Isa. **O Papel da Música na Educação Infantil**. 2008. 232 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2008.

TATIT, Luiz. **O cancionista: composição de canções no Brasil**. São Paulo: Editora USP, 1998.

TEIXEIRA, Vera Lúcia Macedo de Oliveira. Música no Currículo Escolar: um olhar sobre a Lei nº 11.769/2008. In: **Revista Eletrônica da UNIVAR- Faculdades Unidas do Vale do Araguaia**. (2013) n. 9, v.3, p. 119- 123. Disponível em: <http://revista.univar.edu.br>. Acesso em: 23 out. 2013.

TELLES, Tereza. **Chico Buarque na sala de aula – Leitura, interpretação e produção de textos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VICENTE, E.; DE MARCHI, L. Por uma história da indústria fonográfica no Brasil 1900-2010:



uma contribuição desde a Comunicação Social. **Música Popular em Revista**, Campinas, ano 3, v. 1, p. 7-36, jul.-dez. 2014.

VIGOTSKI, L.S. Aprendizagem e desenvolvimento na idade escolar. In: LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. & VIGOTSKI, L.S. **Psicologia e pedagogia**: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento (pp. 31-50). Lisboa: Estampa. 1977.

WERLE, Kelly. **A música no estágio supervisionado da pedagogia**: uma pesquisa com estagiárias da UFSM. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Educação Musical, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), 2010.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido. Uma outra história das músicas**. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

## 8. ANEXOS

### Anexo 1: Termo de Anuência do Espaço do Conhecimento da UFMG

**TERMO DE ANUÊNCIA**

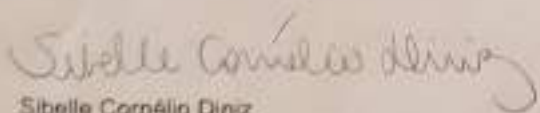
O Espaço do Conhecimento da UFMG, localizado na Praça da Liberdade 700, Bairro Funcionários, Belo Horizonte/MG, aceita participar da pesquisa **"A CANÇÃO DO CLUBE DA ESQUINA COMO RECURSO PEDAGÓGICO: PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA"**, realizada por **Andréa dos Reis Estanislau Bueno**, aluna do curso de Mestrado em Educação e Docência da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), orientada da professora doutora Silvana Sousa do Nascimento, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

**Apresentação do Projeto:** O projeto propõe a capacitação de professores e estudantes de licenciatura em conteúdos referentes ao Clube da Esquina, a serem trabalhados a partir do viés do patrimônio e da memória da cidade de Belo Horizonte. A participação na pesquisa será voluntária, por meio de inscrição pela internet.

**Objetivo da Pesquisa:** Formação continuada de professores para utilizarem a obra do Clube da Esquina como estratégia de preservação do patrimônio cultural da cidade de Belo Horizonte.

**Objetivos Secundários:** Disponibilizar curso de formação continuada para professores cuja proposta será apresentar sugestões de ações educativas dentro da temática da musicalidade do Clube da Esquina, utilizando o patrimônio e a memória cultural de Belo Horizonte como instrumento didático nas práticas de ensino. Possibilitar aos participantes novas experiências de sensibilização e fruição por meio do contato com a música do Clube da Esquina (produzida nos anos 1970 e 1980). Formar público para a o estilo musical "música popular" pelo contato com acervo do patrimônio cultural musical brasileiro;

Entendemos que os resultados deste estudo poderão contribuir para o aperfeiçoamento da Educação Patrimonial nas escolas.

  
Sibelle Cornélio Diniz  
Diretora Adjunta do Espaço do Conhecimento UFMG

**Espaço do Conhecimento UFMG**

Belo Horizonte, 18 de setembro de 2019.

## Anexo 2: Parecer Consubstanciado do COEP

<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div> <b>UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS</b> </div> <div>  </div> </div>								
<b>PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP</b>								
<p><b>DADOS DO PROJETO DE PESQUISA</b></p> <p><b>Título da Pesquisa:</b> A CANÇÃO DO CLUBE DA ESQUINA COMO RECURSO PEDAGÓGICO: PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA</p> <p><b>Pesquisador:</b> Sílvania Sousa do Nascimento</p> <p><b>Área Temática:</b></p> <p><b>Versão:</b> 2</p> <p><b>CAAE:</b> 12046619.6.0000.5149</p> <p><b>Instituição Proponente:</b> UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS</p> <p><b>Patrocinador Principal:</b> UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS</p> <p><b>DADOS DO PARECER</b></p> <p><b>Número do Parecer:</b> 3.340.396</p> <p><b>Apresentação do Projeto:</b></p> <p>O projeto propõe a capacitação de um professor do Ensino Fundamental II na Escola Estadual Alonso Pena, em conteúdos ligados ao Clube da Esquina, a serem trabalhados a partir de vies do patrimônio e da memória da cidade de Belo Horizonte. Em seguida, serão observadas aulas do professor capacitado, atinentes a capacitação. Finalmente, ao fim do ano, serão realizadas entrevistas com o próprio professor e alguns alunos. Estimam-se 10 participantes ao total.</p> <p><b>Objetivo da Pesquisa:</b></p> <p><b>Objetivo Primário:</b></p> <p>Capacitar professores do Ensino Fundamental II para utilizarem a obra do Clube da Esquina como estratégia de preservação do patrimônio cultural.</p> <p><b>Objetivo Secundário:</b></p> <p>Disponibilizar curso de formação continuada para professores e público em geral com sugestões de ações educativas dentro da temática da musicalidade do Clube da Esquina, utilizando o patrimônio cultural e memória como instrumento didático nas práticas de ensino. Possibilitar aos alunos novas experiências, sensibilidades e da fruição por meio do contato com a música do Clube da Esquina (produzida nos anos 1970 e 1980); Formar público para a o estilo musical "música popular" pelo contato com acervo do patrimônio cultural musical brasileiro; Disponibilizar os resultados através de site da internet, tendo a música popular como instrumento didático nas</p>								
<table border="0" style="width: 100%;"> <tr> <td colspan="2"><b>Endereço:</b> Av. Presidente Antônio Carlos, 6527 2º And 58 2005</td> </tr> <tr> <td><b>Bairro:</b> Unidade Administrativa II</td> <td><b>CEP:</b> 31.270-901</td> </tr> <tr> <td><b>UF:</b> MG</td> <td><b>Município:</b> BELO HORIZONTE</td> </tr> <tr> <td><b>Telefone:</b> (31)3408-4562</td> <td><b>E-mail:</b> coep@pq.ufmg.br</td> </tr> </table>	<b>Endereço:</b> Av. Presidente Antônio Carlos, 6527 2º And 58 2005		<b>Bairro:</b> Unidade Administrativa II	<b>CEP:</b> 31.270-901	<b>UF:</b> MG	<b>Município:</b> BELO HORIZONTE	<b>Telefone:</b> (31)3408-4562	<b>E-mail:</b> coep@pq.ufmg.br
<b>Endereço:</b> Av. Presidente Antônio Carlos, 6527 2º And 58 2005								
<b>Bairro:</b> Unidade Administrativa II	<b>CEP:</b> 31.270-901							
<b>UF:</b> MG	<b>Município:</b> BELO HORIZONTE							
<b>Telefone:</b> (31)3408-4562	<b>E-mail:</b> coep@pq.ufmg.br							

Continuação do Parecer: 3.342.385

práticas de ensino.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os riscos estariam ligados a sensação em se sentir observado, eventualmente avaliado/julgado, ou ainda a possível constrangimento em expor opiniões pessoais, subjetivas, afetivas. Os termos de consentimento e assentimento lembram que os participantes poderão deixar de responder parcial ou totalmente a entrevista, ou, no caso do professor, deixar de participar parcial ou totalmente da pesquisa.

Os resultados deste estudo poderão contribuir para o aperfeiçoamento da Educação Patrimonial nas escolas.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa nos parece equilibrada de um ponto de vista ético.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados os seguintes documentos obrigatórios:

Folha de rosto devidamente assinada;

Informações Básicas do Projeto;

Projeto detalhado;

TCLE para responsável por participante menor, TCLE para professor participante, TALE para participante menor

Parecer consubstanciado aprovado ad referendum pelo DMTE/FaE.

Dois formulários/guias das entrevistas previstas junto a alunos e professor, um a ser respondido ao início das aulas sobre o Clube da Esquina e outro ao fim.

Carta resposta a parecer CEP anterior.

Carta de anuência assinada pelo diretor da Escola Estadual Afonso Pena.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Todas as recomendações tecidas em parecer anterior foram satisfatoriamente implementadas.

S.M.J., somos favoráveis à aprovação do projeto.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6527 2º Andar 31205-005

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4332

E-mail: coepil@pq.ufmg.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS**



Continuação do Parecer: 3.240.386

notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1280412.pdf	15/05/2019 09:32:05		Aceito
Outros	alunos_antes_MAIOfinal.pdf	15/05/2019 09:30:46	ANDREA DOS REIS ESTANISLAU	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_pais_resp_MAIOfinal.pdf	15/05/2019 09:26:27	ANDREA DOS REIS ESTANISLAU BUENO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_professor_MAIOfinal.pdf	15/05/2019 09:26:09	ANDREA DOS REIS ESTANISLAU BUENO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ASSENTIMENTO_alunos_MAIOfinal.pdf	15/05/2019 09:23:01	ANDREA DOS REIS ESTANISLAU BUENO	Aceito
Outros	anuencia_MAIOfinal.pdf	15/05/2019 09:17:42	ANDREA DOS REIS ESTANISLAU	Aceito
Outros	Resposta_parecer_MAIOfinal.pdf	15/05/2019 09:15:19	ANDREA DOS REIS ESTANISLAU	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_pais_alunos.pdf	27/03/2019 13:57:15	ANDREA DOS REIS ESTANISLAU BUENO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ASSENTIMENTO_alunos_menores.pdf	27/03/2019 13:44:30	ANDREA DOS REIS ESTANISLAU BUENO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado_fev2019.pdf	09/02/2019 06:59:00	ANDREA DOS REIS ESTANISLAU BUENO	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_ANDREA.pdf	06/02/2019 18:10:58	ANDREA DOS REIS ESTANISLAU	Aceito
Outros	parecer_aprovado.pdf	29/01/2019 14:38:26	ANDREA DOS REIS ESTANISLAU	Aceito
Outros	prof_aluno_DEPOIS.pdf	29/01/2019 14:32:48	ANDREA DOS REIS ESTANISLAU	Aceito
Outros	aluno_prof_ANTES.pdf	29/01/2019	ANDREA DOS REIS	Aceito

**Endereço:** Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad S 3005

**Bairro:** Unidade Administrativa II

**CEP:** 31.270-901

**UF:** MG

**Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@pqz.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 3.940.366

Ouros	aluno_prof_ANTES.pdf	14:30:51	ESTANISLAU	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_professor.pdf	29/01/2019 14:28:22	ANDREA DOS REIS ESTANISLAU BUENO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BELO HORIZONTE, 22 de Maio de 2019

Assinado por:  
Eliane Cristina de Freitas Rocha  
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627, 2º Ad 58 2005  
Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901  
UF: MG Município: BELO HORIZONTE  
Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coop@prpq.ufmg.br

### Anexo 3: Questionário P1 – Perfil do Participante

Questionário - P1		
Disciplina que leciona: _____	Escola: (    ) pública (    ) particular	Data: ____ / ____ / ____
1- Você já falou sobre Patrimônio em sua disciplina? Por que?	<input type="checkbox"/> Márcio Borges <input type="checkbox"/> Milton Nascimento <input type="checkbox"/> Nelson Ângelo <input type="checkbox"/> Ronaldo Bastos <input type="checkbox"/> Tavito <input type="checkbox"/> Toninho Horta <input type="checkbox"/> Wagner Tiso	
2 - Acha importante o ensino de Educação Patrimonial nas escolas? Por que?	6 - Você ouve música sempre? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	
3 - Conhece os patrimônios da cidade de Belo Horizonte? Quais?	7 - De que forma você ouve música? <input type="checkbox"/> rádio <input type="checkbox"/> computador <input type="checkbox"/> celular <input type="checkbox"/> outro _____	
3 - Você considera a música popular brasileira um patrimônio cultural? Justifique.	8 - Qual ou quais estilos de música você mais ouve? _____ _____ _____	
4 - Você conhece o Clube da Esquina? Caso afirmativo, como ficou conhecendo?	9 - Já utilizou música em suas aulas? Por que? _____ _____ _____	
5 - Assinale os artistas do Clube da Esquina você conhece:	10 - Acha importante a música popular brasileira estar nas escolas? Por que? _____ _____ _____	
<input type="checkbox"/> Beto Guedes <input type="checkbox"/> Fernando Brant <input type="checkbox"/> Lô Borges		

## Anexo 4: Termo de Autorização para uso de imagem

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, **AUTORIZO**, através do presente termo, as pesquisadoras **Andréa dos Reis Estanislau Bueno**, aluna do curso de Mestrado em Educação e Docência da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e sua orientadora, Professora Dra. Silvania Sousa do Nascimento (FaE / UFMG), responsáveis pela pesquisa “A canção do Clube da Esquina como recurso pedagógico: patrimônio cultural e memória”, a realizar fotografias e/ou vídeos que se façam necessários e dos quais a minha imagem faça parte, e/ou a colher meu depoimento durante o **Curso de formação de professores**, que terá como tema: **O Clube da Esquina: Patrimônio Cultural de Belo Horizonte, no Espaço do Conhecimento da UFMG**, sem quaisquer ônus financeiros para nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, **LIBERO** a utilização do uso de minha imagem nessas fotos e/ou vídeos (seus respectivos negativos ou cópias) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos e sítio de internet), em favor das pesquisadoras acima especificadas.

Por ser a expressão da minha vontade, assino a presente autorização, cedendo, a título gratuito, todos os direitos autorais decorrentes do uso de minha imagem, de depoimentos e entrevistas por mim fornecidos, abdicando do direito de reclamar de todo e qualquer direito referente ao uso de minha imagem e/ou som da minha voz, e de qualquer outro direito decorrente dos direitos abrangidos pela Lei 9160/98 (Lei dos Direitos Autorais).

Declaro ainda que **PERMITO** o compartilhamento sem ônus das atividades desenvolvidas por mim, individualmente ou em grupo, durante o referido curso de formação, abdicando do direito de reclamar de todo e qualquer direito de criação e permitindo sua distribuição, adaptação ou cópia com livre acesso.

**Portanto, concordo com o escrito acima e dou meu consentimento.**

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

Nome legível:

\_\_\_\_\_

Assinatura:

\_\_\_\_\_

Assinatura da Orientadora da Pesquisa  
Profª Drª Silvania Sousa do Nascimento – FaE / UFMG

Assinatura do Pesquisador Corresponsável  
Andréa dos Reis Estanislau Bueno



## Anexo 5: Questionário P2 – Avaliação do Curso

Questionário - P2	
Disciplina que leciona: _____	Escola: (    ) pública (    ) particular      Data: ____ / ____ / ____
<p><b>1 -</b> Você tinha algum conhecimento sobre Patrimônio Cultural?</p> <p>[    ] sim      [    ] não</p>	<p><b>9 -</b> Assinale suas percepções sobre a metodologia do curso:</p> <p>[    ] cansativa    [    ] participativa    [    ] dinâmica    [    ] repetitiva</p> <p>[    ] colaborativa    [    ] estimulante    [    ] adequada aos objetivos</p> <p>[    ] inadequada aos objetivos    [    ] adequada aos tempo</p> <p>[    ] inadequada ao tempo</p>
<p><b>2 -</b> O curso ampliou seu conhecimento sobre Patrimônio Cultural?</p> <p>[    ] sim      [    ] não</p>	<p><b>10 -</b> Você considera viável levar as atividades propostas para a sala de aula?</p> <p>[    ] sim      [    ] não</p>
<p><b>3 -</b> Você é capaz de distinguir Patrimônio Material e Imaterial?</p> <p>[    ] sim      [    ] não</p>	<p><b>11 -</b> Você indicaria o curso para outra pessoa?</p> <p>[    ] sim      [    ] não</p>
<p><b>4 -</b> Você já havia participado de algum curso com essa abordagem Patrimônio Cultural e música)?</p> <p>[    ] sim      [    ] não</p>	<p><b>12 -</b> Deixe aqui seu comentário:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
<p><b>5 -</b> Você ampliou seu conhecimento sobre o Clube da Esquina?</p> <p>[    ] sim      [    ] não</p>	
<p><b>6 -</b> Depois do nosso primeiro encontro você pesquisou / ouviu o Clube da Esquina?</p> <p>[    ] sim      [    ] não</p>	
<p><b>7 -</b> Depois do nosso primeiro encontro você pesquisou sobre Patrimônio Cultural?</p> <p>[    ] sim      [    ] não</p>	
<p><b>8 -</b> Depois do nosso primeiro encontro você pesquisou sobre a história de BH?</p> <p>[    ] sim      [    ] não</p>	